

Diário de Lisboa

ANO 69 N.º 23 055

Sexta-feira, 1 de Setembro 1989

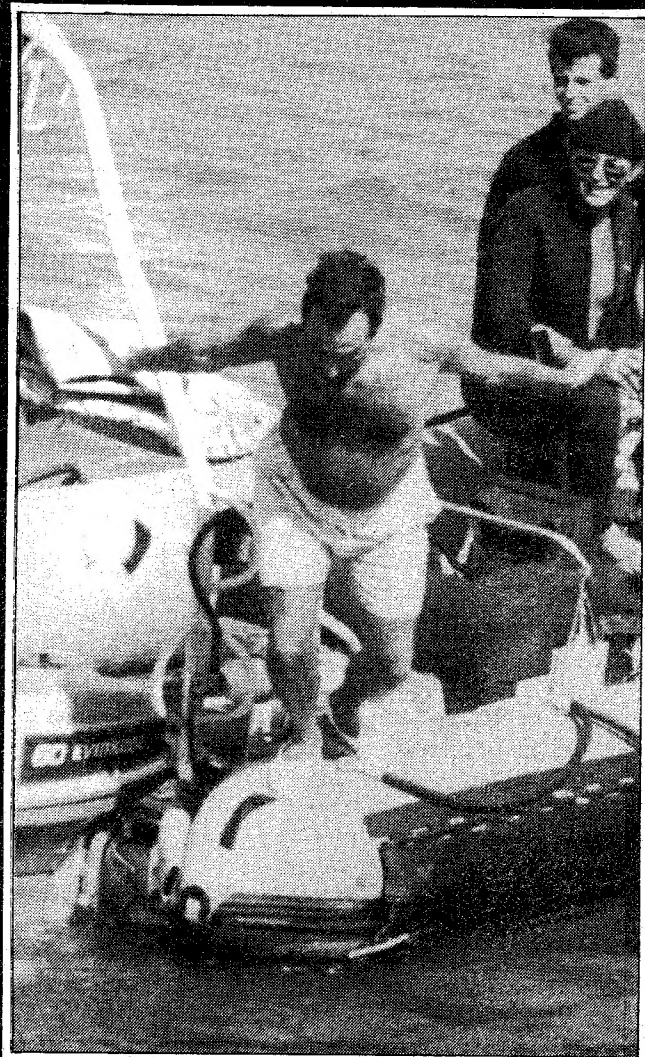
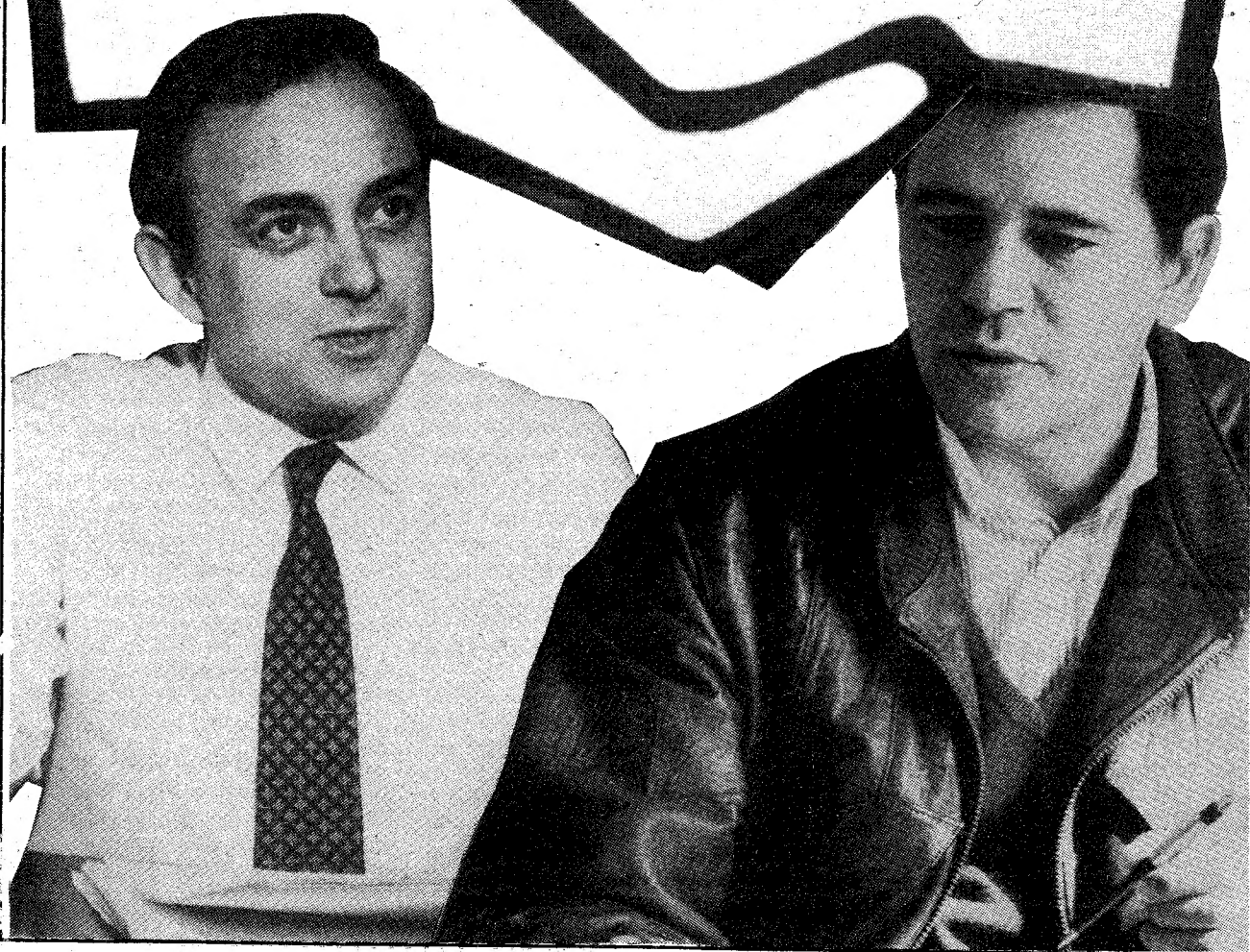
Preço 60\$00

Tendências entendem-se em público mas as cartas são azedas

UGT À LAMBADA DE LUYA BRANCA

As duas tendências sindicais da UGT, socialistas e social-democratas, continuam com algumas dificuldades de entendimento, apesar das declarações públicas procurando amenizar os confrontos. São problemas que estão a resolver-se com «lambadas» de luva branca, com os responsáveis do sector PSD a demarcar-se publicamente de tudo o que cheire a aproximação com a CGTP, mas dando o seu sim nas reuniões da central. O facto já deu origem a troca de correspondência azeda. Pág. 6

Pereira Lopes e Vítor Hugo Sequeira: sob as mãos dadas da UGT, uma troca de correspondência que procuram minimizar.



«Pirolito» com sabor a «abacaxis»

Mergulho de Marcelo em «águas turvas»

Págs. 4 e 5

Cursos de:
Cabeleireiro
depilação c/ cera
e definitiva
manicura/pedicura

Vitorino
CABELEIREIRO

Abertas as inscrições:
Av. da República, 12 - 1.º
Telef.: 66 22 77 Lisboa

Por 12 votos a favor, 9 contra e 3 abstenções

A INDONÉSIA CONDENADA EM SUB-COMISSÃO DA ONU

A ocupação de Timor Leste pela Indonésia e a violação dos direitos do homem naquele território foram ontem objecto de uma nova condenação pela comunidade internacional. Agora foi na Sub-comissão dos Direitos do Homem das Nações Unidas, reunida em Genebra, e a moção que contém essa condenação foi aprovada por 12 votos a favor, 9 contra e 3 abstenções.

Esta moção era subscrita pelos representantes da Grã-Bretanha, Grécia, França, México, Japão e Noruega e o seu desfecho foi considerado pelo Presidente da missão permanente portuguesa nas Nações Unidas como «espectacular e inesperado» dado nem sequer ter sido discutida.

O representante francês tinha pedido votação secreta, durante a manhã. O pedido foi aceite e a votação secreta permitiu aos peritos da Sub-comissão, normalmente condicionados pelas posições dos seus países, uma maior liberdade de decisão.

A posição da Indonésia foi apoiada, principalmente, pela Roménia, Somália e Marrocos tendo este último País justificado tal apoio pelo facto de «Portugal defender nas instâncias internacionais a autodeterminação dos povos do Sara Ocidental».

A Sub-Comissão da ONU, reunida em Genebra, decidiu ainda inscrever o assunto na ordem dos trabalhos do próximo ano. E, referindo-se às alegadas prisões, torturas e execuções sumárias, aconselhou as autoridades indonésias a autorizarem visitas de representantes de organizações dos direitos humanos a Timor-Leste.

Convergência denuncia incremento da opressão

Ontem, ainda, os líderes da Convergência Nacionalista Timorense na Austrália pediram a Portugal para intervir junto dos organismos internacionais no sentido de denunciar o «recente in-

cremento da opressão indonésia em Timor-Leste».

Em declarações à agência Lusa, o porta-voz da Convergência, Ramos Horta, notou a necessidade de Portugal interceder junto do Secretário-Geral das Nações Unidas para que este responsável da ONU «quebre o silêncio da organização sobre a situação em Timor».

José Ramos Horta confirmou, com base no testemunho de turistas que regressaram recentemente de visitas ao território, o aumento da violência por parte das tropas de ocupação. Esses testemunhos vêm, sobretudo, de turistas australianos que se têm deslocado com frequência a Timor-Leste.

O líder da Convergência sublinhou, ainda, que esta organização de timorenses no exílio apoia e encoraja a visita do Papa a Timor-Leste, prevista para 13 de Outubro.

«Aguardamos com expectativa os resultados da chamada de atenção para o caso de Timor que será feita pelo Santo Padre», comentou Ramos Horta.

Risco de reconhecimento pelo Vaticano

Contrariando, de algum modo, a opinião manifestada na Austrália por Ramos Horta, outra organização de apoio à autodeterminação de Timor admitiu ontem no Porto reservas à visita do Papa. Isto porque a Indonésia terá começado a preparar «um cenário para promover o reconhecimento pelo Vaticano da integração de Timor-Leste».

Tais receios foram confessados

pela Comissão para os Direitos do Povo Maubere que manifestou preocupação pela visita papal, no que foi acompanhada pelo Grupo Paz e Justiça para Timor-Leste.

Segundo um comunicado divulgado no Porto pelas duas organizações, «as autoridades indonésias estão a aterrorizar a população e a Igreja timorenses com detenções, espancamentos, torturas, perseguições e o aumento do contingente de forças militares de ocupação».

A Comissão para os Direitos do Povo Maubere e o Grupo Justiça e Paz denunciaram também «a marginalização a que os cristãos timorenses são sujeitos, a manutenção da opressão no território e os riscos de aproveitamento político da visita do Papa».

Manifestaram, contudo, a esperança de que tal visita sirva para interpretar «a verdadeira realidade timorense e as aspirações do povo de Timor-Leste a uma solução justa e conforme ao direito internacional».

Indonésia premiada pelas Unesco

A Indonésia, segundo foi ontem anunciado em Paris, foi entretanto distinguida na Unesco, pelos seus esforços no combate ao analfabetismo.

Os ocupantes de Timor-Leste que, inclusive, têm imposto a sua língua na antiga colónia portuguesa, fazem parte do grupo de quatro países distinguidos com os prémios internacionais de alfabetização correspondentes ao ano de 1989.

Os outros três países contemplados com esse prémio atribuído pela Unesco (a Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura) foram a Jamaica, a Mauritânia e a Nigéria.

Pela utilização de bases em Portugal

EUA não reduziram verbas anteriormente negociadas

Fontes autorizadas do Ministério dos Negócios Estrangeiros garantiram não se confirmarem notícias segundo as quais os Estados Unidos iriam proceder a cortes nas verbas a pagar pela utilização de bases aéreas em território português, nomeadamente a de Ovar.

«Os financiamentos acordados mantêm-se», disse um porta-voz daquele ministério, «e não há nenhum acordo específico com os Estados Unidos no que diz respeito à Base Aérea de Ovar».

Estes comentários resultam de uma notícia publicada na edição de ontem do Diário de Notícias e referindo a nova legislação sobre a matéria entretanto aprovada pelo Congresso norte-americano. Essa legislação contribuiria, indirectamente, para uma redução efectiva dos financiamentos de contrapartida à utilização das bases em Portugal, Grécia, Turquia e Filipinas.

A fonte do ministério dos Negócios estrangeiros disse não poder haver violação do acordo para Ovar «porque não há nenhum assinado que contemple especificamente essa base».

«Ovar é uma base de reserva e,

no âmbito da Nato, decorre tudo com normalidade», acrescentou o mesmo informador.

Quanto à legislação do Congresso referida e que poderá, eventualmente, pôr em causa os montantes financeiros anteriormente negociados, o porta-voz do Ministério dos Negócios Estrangeiros disse que, por enquanto, não passa de projecto.

«Existe a emenda Schroeder, disse, que só foi aprovada na Câmara dos Representantes e que, por isso, não tem carácter vinculativo».

Essa emenda apenas proíbe a utilização de verbas do Departamento de Defesa para a construção, manutenção e operação de instalações militares dos Estados Unidos em países membros da NATO se o uso dessas instalações estiver condicionado à concessão de assistência económico-militar pelos Estados Unidos aos países em questão.

«A emenda, ainda que fosse vinculativa, não se aplicaria a acordos em vigor, como é o caso de Portugal», concluiu o informador do Ministério dos Negócios Estrangeiros.

Benim associa-se à comemoração dos Descobrimentos Portugueses

Portugal manifestou, ontem, a vontade de intensificar as relações culturais e económicas com o Benim, tendo inclusive sido aprovado, nesse âmbito, um projecto de comissão bilateral para associar este país africano às comemorações dos Descobrimentos Portugueses.

Tais projectos resultam da visita que o ministro dos Negócios Estrangeiros, João de Deus Pinheiro, está a efectuar à África Ocidental e foram desenvolvidos durante o encontro que o ministro português ontem manteve na capital do Benin, Porto Novo, com o Presidente Mathieu Kerekou.

As duas partes concordaram em

estudar a participação comum em esquemas de cooperação multilateral com outros países africanos, designadamente de língua oficial portuguesa. O Presidente do Benim manifestou, ainda, a Deus Pinheiro o seu apoio à criação em Lisboa do Centro para o Diálogo Norte-Sul, que vai abrir nos primeiros meses do próximo ano.

Matheu Kerekou solicitou também ao Governo português a abertura de um consulado, eventualmente na cidade mais próxima de S. João Baptista de Ajuda e o lançamento de acções visando o ensino da língua portuguesa no Benim.

Porto recebe nobreza europeia

O escultor Charters de Almeida, o embaixador Siqueira Freire, o banqueiro Augusto de Ataíde e o actual Marquês de Pombal são alguns dos participantes portugueses no 12º Congresso da CILANE, confederação das associações da nobreza da Europa, que hoje começa no Porto.

Os trabalhos, que encerram amanhã, abrem com uma curta intervenção do Duque de Bragança e do presidente da organização, o alemão-federal conde Finkenstein, fechando com uma con-

ferência sobre a história da nobreza portuguesa produzida por Vaz de São Payo, vice-reitor da Universidade de Vila Real e presidente do Instituto Português de Heráldica.

Embora ilustres patrões europeus como o antigo comissário belga da CEE, visconde de Davignon, e o português Vasco de Melo tenham cancelado a participação, o Congresso conta com representantes de grandes famílias europeias.

Otelo agradece na Grécia apoio de estrangeiros

Otelo agradeceu ontem em Atenas a

gregos, espanhóis e franceses o apoio prestado durante os cinco anos em que esteve preso, acusado de ligação à organização terrorista FP/25.

O estratega da Revolução de 1974, que se encontra na Grécia desde terça-feira a convite de organizações sindicais, avistou-se ontem com o ex-Primeiro Ministro e líder dos socialistas gregos, de quem é amigo pessoal.

Presidente do Congo visita Portugal

Sassou Nguesso, Presidente da República Popular do Congo visita o

nosso país entre 11 e 14 de Setembro, no âmbito de um périplo pela Líbia e outros países europeus. O estadista, que manterá contactos com Mário Soares, passará antes pela Jugoslávia e Itália. Recorde-se que já este ano foram assinados acordos de carácter científico entre Portugal e aquele país africano.

Barroso na Jugoslávia

O secretário de Estado da Cooperação, Durão Barroso, representará Portugal na 9ª Cimeira do Movimento dos Não-Alinhados, a realizar entre 4 e

7 deste mês, em Belgrado, na Jugoslávia.

Portugal, que tem estado presente em todas as reuniões desta organização internacional desde 1976, como convidado, junta-se, deste modo, aos 102 países presentes, representados pelos Chefes de Estado ou de Governo. Durão Barroso deverá aproveitar a ocasião para estabelecer contactos com responsáveis de países africanos de expressão portuguesa. As questões de Timor-Leste e a situação na África Austral são os principais assuntos do encontro na Jugoslávia.

Coligações e candidaturas autónomas

Fernando Piteira Santos

A aliança do PSD e do CDS, estabelecida para disputar a Câmara Municipal de Lisboa, alargou-se ao PPM. Reconstituiu-se, portanto, com vista à eleição autárquica de Lisboa, mas com mais dilatadas consequências, a «Aliança Democrática» (A.D.).

A candidatura autónoma do antigo líder do Partido Popular Monárquico (P.P.M.), arquitecto Gonçalo Ribeiro Teles, dita «candidatura alfacinha», foi sacrificada como tal, e o candidato do P.S.D. à presidência da C.M.L., entrando em contestação da orientação do seu aliado e patrono engenheiro Nuno Abecasis, declarou aceitar, na quase totalidade, o programa delineado por Gonçalo Ribeiro Teles. Este, preterido pelo seu próprio partido, perde a posição de candidato, mas obtém, como defensor e sonhador de Lisboa, uma vitória moral. O seu programa, no essencial, foi adoptado por Marcelo Rebelo de Sousa.

E Nuno Abecasis? O engenheiro disse que não admitiria uma coligação que lhe «cortasse» a cabeça. O seu partido, o C.D.S., fez questão da cabeça de Basílio Horta, como eventual candidato à presidência da Assembleia Municipal, mas conservando a cabeça a Nuno Abecasis, dispensou-lhe

as ideias. O candidato Marcelo Rebelo de Sousa, com uma grande desenvoltura e a possível discrição, distancia-se da anterior gestão presidencial e pronuncia-se por uma mudança na vida e na administração de Lisboa. Aceitando o «programa alfacinha» de Gonçalo Ribeiro Teles, repudiando as megalomanias de Nuno Abecasis, Marcelo Rebelo de Sousa força as posições e o andamento de uma campanha difícil. À partida, apesar da absorção da candidatura do P.P.M., a correlação de forças é-lhe desfavorável. O P.P.M. (Partido Popular Monárquico) tem menos influência em Lisboa do que o candidato Gonçalo Ribeiro Teles. Durante o reinado de Nuno Abecasis, o arquitecto Ribeiro Teles assumiu, como vereador, uma postura combativa, crítica. O seu «programa alfacinha» representa uma declaração de guerra à gestão municipal liderada por Nuno Abecasis. Se o Partido Popular Monárquico, abatendo a bandeira de um dos seus fundadores, por concretas vantagens político-parlamentares, desiste de

um candidato e transacciona um conjunto de ideias, nada garante que o negócio tenha a concordância do seu eleitorado. Votar-se-ia na «candidatura alfacinha», e em Gonçalo Ribeiro Teles, para não votar com a «coligação de direita» e marcar uma posição crítica em relação à «coligação de esquerda». Mais do que monárquico, seria um voto inconformista, a um tempo de elitismo cultural e de afirmação ecologista, de apaixonado municipalismo.

A integração do P.P.M. na «coligação de direita» retira-lhe a vantagem política da «candidatura autónoma», restringe o seu eleitorado, rouba-lhe a virtual capacidade atractiva (em relação ao partido) de uma campanha eleitoral que desenvolvesse uma argumentação popular (referimo-nos à temática lisboeta, claro). Alguns dirigentes do P.P.M. serão recompensados? É possível. Gonçalo Ribeiro Teles e a «candidatura autónoma», terão sido trocados pela promessa de um lote de deputados, a incluir nas listas do P.S.D., nas eleições legislativas de 1991. À custa da desistência da «candidatura autónoma», o partido regressará ao Parlamento. Não podemos deixar de considerar que estes «negócios» trazem desprestígio e prejuízo à vida democrática. Comprometem uma límpida prática política. O acordo (na verdade, o desacordo) entre o Partido Socialista (P.S.) e o Partido Renovador Democrático (P.R.D.), pelo preço de um deputado eleito para o Parlamento Europeu, projecta o seu efeito perverso na existência incerta e atribulada da organização partidária que um comentador político, Marcelo Rebelo de Sousa, classificou como uma «arma genial e potentíssima» do Partido Comunista (no «Semanário», edição de 20 de Junho de 1987).

Todavia, na sua irremediável orfandade, o P.R.D., após o desentendimento com o Partido Socialista, entrega-se a um jogo contraditório de alianças. Ora é o aliado do P.S.D., ora é o aliado do P.C. ou da C.D.U. Tem uma política em Setúbal e Sintra, outra na Amadora, outra em Lisboa. Sempre contra o P.S., mas umas vezes com o P.S.D., outras vezes contra o P.S.D. Esta estratégia sem coerência ideológica, ao sabor do possível e oportuno, terá como resultado, embora nalguns casos possa corresponder a solicitações e interesses locais, a desorientação política do partido no âmbito nacional. Direita? Esquerda? Centro? O P.R.D. não se define numa perspectiva nacional. Alia-se contra a gestão P.C.-C.D.U. na Amadora; alia-se para uma gestão P.C. (C.D.U.) e P.R.D. em Setúbal; não aceita aliar-se com o P.S.D. em Lisboa, mas, hostilizado

pelo P.S., apresenta-se, na primeira cidade do País, como uma candidatura autónoma. E tem a consciência, vejamos as declarações do dirigente renovador António Feu, de que pode tirar votos à coligação «por Lisboa».

Dos sucessos, e dos insucessos, desta longa campanha das eleições autárquicas, há lições políticas a extrair. Contabilizados os resultados das eleições será difícil calcular qual foi o contributo do Partido Popular Monárquico (P.P.M.) para a nova «A.D.». Em relação ao Partido Renovador Democrático (P.R.D.), qualquer que tenha sido a sua votação nacional, será pela votação da sua «candidatura autónoma» de Lisboa que será avaliado. Não é uma antecipação de má vontade vaticinar que será muito baixa. A «candidatura autónoma» não desviará votantes de «direita», nem interessará votantes de «esquerda». O movimento político e social, o debate ideológico e municipal, a consideração do «voto útil», combinam-se contra a «candidatura autónoma» do P.R.D.

Não tendo igualmente sido aceites pelo Partido Socialista na ampla «coligação de esquerda», com alguma injustiça em nossa opinião, dois partidos, o P.S.R. (Partido Socialista Revolucionário) e a U.D.P. (União Democrática Popular), sem deixarem de contestar a boa razão da marginalização, decidiram dar os seus votos à coligação «por Lisboa». Ao ressentimento e aos motivos de agravo, ter-se-ão sobreposto outras razões: a compreensão da necessidade política da convergência, a solidariedade moral da esquerda democrática.

Haverá que encontrar a explicação da atitude paralela do P.S.R. e da U.D.P. radicada numa visão estratégica que tem em vista a compreensão profunda do desafio político actual. Impunha-se salvar Lisboa de uma gestão municipal fantasiosa, desordenada, arbitrária. A politização das eleições autárquicas, com particular evidência no caso de Lisboa, converteu a disputa da presidência da Câmara Municipal de Lisboa numa questão interna de dois grandes partidos - o P.S. e o P.S.D. -, e numa questão decisiva para a Democracia.

A retirada da «candidatura autónoma» de Gonçalo Ribeiro Teles e o anunciado aparecimento de uma «candidatura autónoma» do P.R.D., complicaram o quadro da contenda eleitoral. Levam a considerar novos aspectos de uma política de alianças para Lisboa. O Partido Popular Monárquico optou pela «A.D.», votará Marcelo Rebelo de Sousa. E que vai fazer o Partido Renovador Democrático?

Coligação «Por Lisboa» abre-se a (outra) esquerda

PCP cede ao PSR dois lugares na lista da Assembleia Municipal

— CDU: adeus aos «favos de mel»

Por iniciativa do PCP, a coligação «Por Lisboa» abre-se a outras forças de esquerda. Os comunistas acabam de ceder ao PSR dois lugares, um dos quais elegível, na lista para a Assembleia Municipal e há boas perspectivas de a UDP gozar de idêntico tratamento.

O acordo foi obtido esta manhã, em reunião de delegações dos dois partidos realizada na sede do PCP. Num esforço de reforçar a «diversidade e abrangência», da plataforma lisboeta com o PS, «Verdes» e MDP, os comunistas ofereceram ao PSR dois lugares, um dos quais elegível, na lista para a Assembleia Municipal, entre os que lhe estavam atribuídos no acordo de coligação.

Esta manhã, em declarações ao «DL», José Casanova confirmou, por outro lado, que uma proposta com características semelhantes (embora com algumas «particularidades») foi feita à UDP,

aguardando-se uma resposta positiva na próxima semana.

Entretanto, também a ocorrência de negociações com vista a entendimentos autárquicos em diversos concelhos entre o PCP e o PRD, revelada ontem por António Feu ao «DL», foi confirmada pelos comunistas, no encontro com a Imprensa ontem realizado e em comunicado posterior. «Além de Setúbal, foi admitida a possibilidade de mais algumas coligações jurídicas e de acordos políticos sem coligação jurídica», lê-se no documento distribuído na noite de ontem.

Luis Sá justificou a aproximação entre

os dois partidos no plano autárquico com a necessidade de tornar o sufrágio «um momento de entendimento das forças democráticas». O dirigente do PCP confirmou que os contactos decorrem «a um ritmo bastante intenso», evitando, no entanto, concretizar. Recorde-se que António Feu dera conta da existência de negociações em 17 municípios, em nove dos quais a possibilidade de coligação formal permanece em aberto. Entre eles, vale a pena referir os casos de Setúbal, já amplamente divulgado, Oeiras, Sintra, Viana do Castelo e diversos concelhos do distrito de Setúbal nos quais a ex-APU dispõe de maioria.

Adeus aos «favos de mel»

Durante a conferência de Imprensa da CDU, a coligação deu a conhecer a nova sigla (PCP/PEV) e símbolo (constituído pelos símbolos dos dois

partidos envolvidos). O facto de o símbolo, tornado obrigatório pela nova legislação, não exprimir completamente a realidade da CDU, que conta com a participação de inúmeros independentes e da Intervenção Democrática, foi um dos aspectos sublinhados.

Em face da lei aprovada na Assembleia da República pelo PSD, cujo fim último era obrigar a foice e o martelo a aparecerem nos boletins de voto, eliminando os «favos de mel» que identificavam a coligação, a CDU solicitara junto do Tribunal Constitucional a anulação da sigla CDU/PCP-PEV. Porém, em acórdão, o TC impôs que a sigla seja apenas PCP/PEV, dos partidos integrantes, interpretação considerada restritiva pela Comissão Coordenadora.

A CDU pronunciou-se ainda sobre a Lei da Tutela das Autarquias, denunciando a sua matriz «manipuladora e

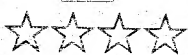
partidarizante» e defendendo a tese de que a aplicação de sanções à Administração Local deve ser desencadeada pelos tribunais. «Um Governo mergulhado em escândalos não é o mais idóneo para aplicar sanções», afirmou o independente Anselmo Aníbal. Durante os próximos meses, a coligação intensificará as suas iniciativas, por força da proximidade das eleições autárquicas. No próximo dia 16 de Setembro, reúne o seu Conselho Consultivo e a 29 de Outubro promove um encontro sobre «Juventude e Poder Local». Para 12 de Novembro, está já marcado um seminário sobre «Os Direitos dos Cidadãos Face à Administração Pública». Esta iniciativa, que conta com a participação de autarcas da CDU, especialistas e convidados, inicia um debate que culmina com a apresentação na Assembleia da República de um projecto de lei sobre a matéria.



ESPECIAL FÉRIAS/89

no HOTEL DO PARQUE

VIANA DO CASTELO
COSTA VERDE



O Hotel do Parque em Viana do Castelo elaborou para si um atractivo programa especial «Férias 89» oferecendo-lhe a possibilidade de gozar as suas melhores férias de sempre no coração do Alto Minho e no sossegado ambiente das suas 4 Estrelas, Piscinas, Bares, Sala de Jogos, etc.

Preços p/pessoa em quarto duplo c/peq. almoço incl.

OUTUBRO

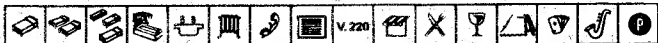
Programa 1: 13 950\$00 — 6 noites/7 dias c/entrada DOMINGO e saída SABADO.
Programa 2: 16 975\$00 — 7 noites/8 dias. Entrada a qualquer dia.

AGOSTO, SETEMBRO

16 500\$00 — Programa 1 19 950\$00 — Programa 2

* Peq. Suplemento p/ocupação single
* 1 a 31 de Agosto supl: 1100\$00/dia/quarto em qualquer modalidade

Peça-nos programa detalhado «ESPECIAL FÉRIAS 89», por escrito para CP 4900 ou telef. (058)24151/5, Telex 32511 HO-PARC P ou no seu AGENTE DE VIAGENS



COTAÇÕES DE NOTAS E MOEDAS



Companhia Geral de
CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS



(Por Unidade)

COTAÇÕES DE NOTAS	COMPRA	VENDA
ÁFRICA DO SUL (rand)	51\$30	57\$30
ÁFRICA DO SUL (rand)	82\$55	83\$75
AUSTRIA (selim)	11\$70	11\$90
BÉLGICA (franco)	3\$753	4\$003
BRASIL (cruzado)		
CANADÁ (dólar — notas de 1 e 2)	138\$45	140\$95
(notas de 5 a 1000)	138\$95	141\$45
DINAMARCA (coroa)	21\$25	21\$65
ESPAÑA (peseta)	1\$286	1\$406
EUA (dólar — notas de 1 e 2)	163\$20	166\$70
(notas de 5 a 1000)	163\$70	167\$20
FINLÂNDIA (marka)	36\$55	37\$15
FRANÇA (franco)	24\$50	25\$20
HOLANDA (florim)	73\$25	74\$35
IRLÂNDIA (libra)	221\$40	225\$40
ITALIA (lira)	\$105	\$120
JAPÃO (iene)	\$1080	\$1135
NORUEGA (coroa)	22\$70	23\$20
REINO UNIDO (libra)	25\$55	26\$05
SUÉCIA (coroa)	24\$45	24\$95
SUÍÇA (franco)	95\$75	97\$25
VENEZUELA (bolívar)	33\$57	46\$57

OBSERVAÇÕES:

- 1 — No respeitante a moedas, estas cotações devem ser consideradas a título meramente informativo.
- 2 — Todas as operações de venda estão sujeitas ao imposto de 6 por mil

EX-DIRIGENTES DO PRD APOIAM SAMPAIO

Sete ex-militantes do PRD, a maioria dos quais antigos dirigentes nacionais do partido, acabam de declarar o seu apoio à candidatura de Jorge Sampaio à Câmara de Lisboa.

Em comunicado, este grupo disponibiliza-se para colaborar no processo autárquico ao lado da coligação «Por Lisboa». Trata-se de Pegado Liz, Carlos Crujeira, Miguel Bastos, Fernanda Laires, Carlos Martins, Alexandre Manuel e António Lourenço, que em momentos diferentes e por razões distintas se desvincularam do PRD.

Entretanto, a coligação «Por Lisboa» continua, neste período de pré-campanha eleitoral, a efectuar encontros com diversas instituições da cidade. Ontem, delegações da coligação avis-taram-se com a União das Associações de Comerciantes e o Sindicato do Comércio, Escritórios e Serviços (CESL). Em

ambos os casos, o principal assunto em análise foi a recuperação do Chiado.

Com os comerciantes, Rui Godinho, Vasco Franco e Pombo Cardoso concluíram pela necessidade de criação de condições para a

manutenção do comércio tradicional na zona afectada pelo incêndio e a «urgente definição de prazos e compromissos referentes ao início da reconstrução e consequente reinstalação dos comerciantes afectados», segundo um

comunicado distribuído pela coligação. Neste encontro, a delegação verificou, «com grande surpresa», que os representantes dos comerciantes não têm recebido a informação necessária sobre o processo de recuperação, apesar dos interesses que na zona lhes cumpre defender.

No CESL, foi atingida «grande convergência» em diversas matérias, como sejam o risco de desemprego de diversos trabalhadores criado pela ausência de medidas para resolver a situação criada e a necessidade de serem reinstaladas no Chiado as empresas que laboravam na zona, por forma a assegurar a manutenção dos postos de trabalho.



Pegado Liz: o antigo dirigente do PRD acaba de manifestar o seu apoio a Sampaio

Declarações de Cavaco: SJ pede informações...

A Direcção do Sindicato de Jornalistas enviou a Cavaco Silva uma missiva solicitando o fornecimento de informações acerca de eventuais pressões sobre jornalistas para silenciarem declarações do bispo de Bragança, a que o Primeiro-Ministro e presidente do PSD aludiu no discurso proferido na festa-comício da estrutura alargada do partido.

Tornando pública a intenção de «agir judicialmente contra quem tenha movimentado ou exercido pressões sobre jornalistas», decisão tomada em reunião realizada na passada segunda-feira, o SJ dispõe-se a fazê-lo «depois de o Gabinete do Primeiro-Ministro lhe comunicar os factos em que assentam as dúvidas manifestadas por Cavaco Silva», de acordo com comunicado ontem divulgado.

...E PCP de Setúbal desmente

Em extenso comunicado, também a Direcção da Organização Regional de Setúbal do PCP acaba de vir a público desmentir as afirmações de Cavaco Silva em Faro, a propósito da fuga de investimentos do distrito, em caso de vitória comunista nas eleições autárquicas.

O PCP sadino classifica as declarações de «grosseira mentira e clara ameaça», reve-

lando «ele próprio sim não pretender a captação do investimento para esta região». O documento evoca diversos casos de investimentos que contrariam a tese do Primeiro-Ministro: os diversos projectos na Península de Setúbal, a instalação pela Ford de uma fábrica em Palmela, a Firestone em Alcochete, o Parque de Ciência e Tecnologia em Almada e um empreendimento turístico em Grândola. Tais investimentos, implantados em municípios de maioria APU, têm permitido «atenuar os efeitos de milhares de despedimentos decorrentes da política de governos do PSD ou que o PSD tem integrado».

Autarca PSD concorre pelo PS

Gastão Rodrigues, presidente da Câmara de Ponte da Barca há dois mandatos, sempre eleito pelo PSD, vai recandidatar-se em Dezembro pelo PS.

O autarca, que apoiou a candidatura de Mário Soares a Belém, demitiu-se recentemente, com um grupo de cerca de 100 militantes, do PSD, após contencioso relacionado com a eleição, para a Comissão Política Concelhia do partido, de Manuel Barreto Lopes. Posteriormente, manifestou o seu apoio à candidatura de Lucas Pires ao Parlamento Europeu, mas vai encabeçar em Dezembro, como independente, a lista socialista, depois de ter sido também sondado nesse sentido pelo PPM.

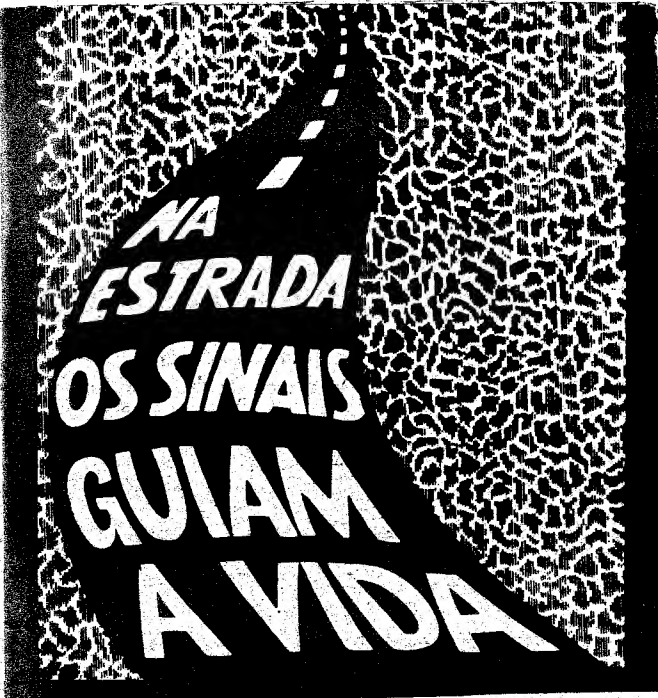
Açores: oposição tenta unidade

Os esforços no sentido de convergência da oposição em diversos concelhos dos Açores continuam a ser desenvolvidos na Região Autónoma pelo PS e o CDS. Está excluída a hipótese de coligação, segundo informações recolhidas pela Lusa, mas candidatos centristas poderão vir a integrar listas apresentadas pelo PS.

Recorde-se que, em 1985, as duas únicas coligações autárquicas celebradas entre socialistas e centristas foram no arquipélago. Ambas resultaram em vitória. Nas Lages do Pico, um socialista ocupou a Câmara, historicamente nas mãos do PSD. Em Vila do Porto, a coligação permitiu ao PS manter a liderança da edilidade.

Eleições marcadas

O diploma governamental que marca as eleições autárquicas para 17 de Dezembro foi hoje publicado no «Diário da República». O prazo para apresentação de candidaturas esgota-se a 23 de Outubro (a 8, em caso de coligações, anotadas no Tribunal Constitucional e indicadas ao Ministério da Administração Interna). A campanha decorre de 5 a 15 de Dezembro para as 4 208 freguesias e 305 concelhos. Em cerca de uma centena de freguesias, o escasso número de eleitores não justifica um acto eleitoral, sendo os representantes eleitos em plenário de moradores.



Marcelo mergulhou nas águas turvas do Tejo

HOMEM AO MAR

Luisa Alexandra Botinas

Fotos Rui Vasco

«Prometi e mergulhei». Com ar convicto de quem conseguiu uma proeza inatingível, Marcelo Rebelo de Sousa classificou o «mergulho-espectáculo» de ontem como um gesto simbólico, a «sua» demonstração de vontade de resolver os problemas do Tejo. Está visto que os coliformes fecais que abundam por ali não o assustaram. Na verdade, só mesmo a cadeia principal da Praça do Município poderia justificar tão heróico gesto. Mergulhar nas águas turvas do Tejo, com o perigo de contrair hepatite-B ou encontrar no intervalo de uma braçada, algum objecto flutuante não identificado é uma «façanha» da qual nem todos se podem gabar...

Porém, Marcelo Rebelo de Sousa já o pode fazer embora se tenha prevenido antes com duas vacinas, uma anti-tetânica e outra contra a hepatite-B. «A minha imaginação não se esgota» disse, esfuante a dada altura do passeio que durante a tarde de ontem alimentou a curiosidade dos media, ávidos de «faits-divers», neste período de pré-campanha para as Autárquicas.

O encontro com o candidato e Imprensa estava marcado para o meio-dia e meia, mas Marcelo chegou um pouco atrasado. Influências de Abecasis?

Talvez, pois também já começou a usar frases retumbantes. «Não vou ao fundo, tenho características de maratona» disse um pouco antes de entrar no «Nacional», o cacilheiro mais antigo da Transtejo, ontem transformado em cruzeiro.

À uma da tarde o barco levantou ferro e a viagem começou. Marcelo, na proa, começou a o seu discurso imparável, cheio de projectos para a zona à beira Tejo. Utilizando um ritmo de fazer perder o fôlego às canetas menos rápidas, o professor de Direito falou nos cinco pólos da zona ribeirinha que pretende dinamizar se for eleito.

Marcelo rebelde

Projectos arrojados, dignos de «um rebelde», como alguém já lhe chamou. Libertar o Terreiro do Paço dos ministérios e da sua função de parque de

estacionamento, torná-lo em recinto de festivais (atritos com a Administração Central, à vista?); transformar o matadouro do Poço do Bispo em clube naval; transferir os serviços da Administração do Porto de Lisboa na Golada do Bugio para Caparica (desentendimentos com a APL, no horizonte?); reestruturar o Cais do Sodré com «ateliers culturais»; valorizar a Gare Marítima de Alcântara, são só alguns dos pontos de uma lista interminável que Marcelo disse serem suficientes para preencher pelo menos dois mandatos na Câmara.

A primeira paragem registou-se em Belém. Aí deveriam subir mais uns convidados. Contudo, Basílio Horta e Dias Loureiro, os ditos, afinal não vieram. Um por questões de agenda, o outro por razões de negociações.

Assim, do staff que acompanhava Marcelo pontificavam apenas os nomes de Pinto Leite, presidente da distrital social-democrata, Vítor Reis, vereador do PSD no actual executivo, Pinto Machado, vereador do CDS, e ainda alguns elementos das juventudes centrista e social-democrata.

A viagem continuou e Marcelo também. O momento mais ansioso por todos, o do mergulho, só se verificou depois do almoço. Os jornalistas tinham pois ainda muito que sofrer.

«Corajoso», Marcelo não se furtou a uma refeição ainda que frugal (uma sopa, três croquetes e uma salada de

frutas) desdenhando assim dos conselhos prudentes que avisam que «há mar e mar...». Aliás, muito confiante, até gracejou com a hipótese de congestão: «Será um teste a Jorge Sampaio. Assim ficará a saber se tem ou não adversário nas eleições».

Marcelo pedagógico

Etapa seguinte ao almoço: a conferência de Imprensa, para rebater. Durante a ocasião, o candidato anunciou uma «interessante e original» iniciativa da sua campanha: um concurso de pintura, desenho, textos e fotografias sobre Lisboa e o Tejo, destinado a jovens dos 8 aos 25 anos.

«Todos os jovens lisboetas que queiram participar, devem entregar os originais até 15 de Novembro e os prémios serão entregues mesmo antes do final da campanha», informou Marcelo, assegurando em seguida, que a entrega dos prémios não estará dependente do seu resultado nas eleições...

Marcelo asséptico

Antes mesmo de passar à cabine para mudar de vestimenta Marcelo disse ao «DL» que em termos de campanha quem manda é ele. Mais concretamente, o candidato referia-se à escolha dos seus acompanhantes durante a campanha.

Assim, ainda não sabe se Ribeiro Teles e Abecasis andarão lado a lado, ou se, prudentemente ele ficará entre os dois. «O candidato sou eu e a campanha é personalizada. Defenderei o meu programa e nas alturas em que for necessário chamarei as pessoas para me acompanharem», acrescentou.

Quanto às afirmações de Cavaco Silva a propósito do falado «acordo secreto entre PC e PS para 1991», Marcelo optou pelo tradicional «não comento». «Como candidato prefiro falar sobre o meu programa, sobre Lisboa e sobre os lisboetas» e partiu para o «splash» nas excelsas águas.



Marcelo desportivo

Perto das quatro da tarde, Marcelo surgiu, já de calções com ar desportivo por entre uma audiência expectante. Pouco depois passou-se para uma lancha que andou às voltas para que o «boneco» dos fotógrafos saísse bem. Afinal com tanta volta, o mergulho acabou por acontecer frente ao Padrão das Descobertas e só os mais afortunados que ainda não estavam enjoados com a oscilação conseguiram captar o desejado «splash» do político.

Algumas braçadas foram o suficiente para eliminar os 60 metros que o separavam da margem. À sua espera estava um pequeno grupo que o incentivou durante o percurso. «Ah valente!» gritou uma lisboeta que não deve ter conhecido as proezas de Baptista Pereira.

Depois de um duche reconfortante em terra firme, o candidato-nadador regressou ao «Nacional» onde deu a conhecer as suas impressões sobre o mergulho. «Foi ótimo. Mas a água estava bastante suja e fria e à medida que me ia aproximando da margem escurecia mal pois vi duas saídas de esgotos», contou. «Fiquei com a verdadeira noção da poluição do Tejo», acrescentou.

O candidato da coligação PSD/CDS prometeu mais iniciativas, que deverão ter regularidade semanal. Prometeu novidades, desta feita no campo da cultura, mas não quis devendar quais. O segredo é a alma do negócio...

Com este segundo «happening» (recorde-se que Marcelo lançou a sua candidatura com «Lisboa a seus pés», a partir das muralhas do castelo de S. Jorge) enviou já um aviso à navegação: a sua política baseia-se no espectáculo e no espectacular. É a política à americana, que se entrega de bandeja à Imprensa. Nada lhe falta. Está pronta a consumir, muito leve e muito fresca e. Com um pouco de simbologia à mistura, o «marketing político» funciona às mil maravilhas...

Pinto Leite desanuviou o ambiente

PPM e PSD entenderam-se mas as negociações foram duras

O PSD e PPM assinaram ontem formalmente o protocolo de acordo que junta agora os monárquicos à coligação apoiante à candidatura de Marcelo Rebelo de Sousa. O entendimento global, como também é conhecido, envolve, além das autárquicas, as legislativas de 1991.

António Pinto Leite, Eurico de Melo e Dias Loureiro, por parte do PSD e Ferreira do Amaral, pelo PPM conduziram as negociações que acabaram por receber ainda o «agreement» definitivo de Cavaco.

Mas nem tudo correu sobre rodas. Apesar de o entendimento para Câmara de Lisboa já estar pronto há dois dias faltava ainda o resto. O resto eram «todos os aspectos que excediam Lisboa», como disse Augusto Ferreira do Amaral ao «DL».

Segundo o presidente do PPM, as negociações emperraram um pouco a dado momento, precisamente nos pontos

respeitantes à política geral, incluídos no acordo.

Arrufos

«As conversações decorreram na sede da distrital de Lisboa dos social-democratas e nelas participaram Dias Loureiro e Eurico de Melo e eu próprio. A meio da tarde, verifiquei algumas dificuldades relativamente aos aspectos que excediam Lisboa, houve mesmo um momento em que pensei que não haveria acordo. Os dirigentes do PSD achavam que o acordo não dependia dos aspectos de política geral e eu achava que sim. Porém, com a chegada de António Pinto Leite, conseguimos chegar finalmente a uma fórmula satisfatória», contou ainda o dirigente monárquico.

António Pinto Leite foi, de facto, quem desanuviou o ambiente. Depois foi a intervenção telefónica de Cavaco Silva. Finalmente, Dias Loureiro, Eurico de Melo e Ferreira do Amaral con-

cordaram e tudo estava praticamente terminado.

Após as conversas, Ferreira do Amaral foi até S. Bento para conversar com o presidente do PSD. «Trocámos impressões e o professor Cavaco Silva confirmou-me a sua concordância com o protocolo», recordou. Tudo estava bem porque tudo tinha acabado em bem.

Condições e contrapartidas

Oito alíneas compõem assim o protocolo de acordo. De entre elas, Ferreira do Amaral destacou quatro, que, no seu entender, são as principais e que contêm igualmente as condições e contrapartidas essenciais.

«No que respeita a Lisboa, o candidato Marcelo Rebelo de Sousa adopta na sua essência, as linhas do programáticas da lista 'alfacinha', em contraponto, o PPM terá um ou dois candidatos na vereação da Câmara Municipal», explicou Ferreira do Amaral.

Assim, na arrumação das bancadas camarárias o PPM poderá ter um vereador em lugar destacado e outro no nono ou décimo lugar da lista da coligação PSD/CDS/PPM.

Na Assembleia Municipal os monárquicos poderão indicar três elementos e terá a possibilidade de participar ainda nas listas para as Juntas de Freguesia.

Quanto à política geral, Ferreira do Amaral referiu que nos termos do acordo a «componente ecológica passará a fazer parte da prática política do Governo». Questão problemática já que o actual executivo se tem mostrado, por exemplo, como defensor do eucalipto, enquanto que os monárquicos o abominam. Porém, Ferreira do Amaral assegurou que em breve alguma coisa começará a mudar: «O professor Cavaco Silva mostrou pendor para a questão ecológica». Interessante, não?

O acordo prevê assim que a Distrital

de Lisboa do PSD se comprometa a ter «quatro a cinco» candidatos a deputados do PPM em lugares elegíveis nas listas social-democratas para eleições de 1991.

Embora o texto não o explicita, o PSD e o PPM vão continuar as conversações com vista à realização de coligações noutras autarquias do País.

Ribeiro Teles: nome difícil para vereação

«O partido tem insistido bastante com Ribeiro Teles para que venha a integrar as listas mas parece-me pouco provável que aceite, contudo não é impossível. Nomes monárquicos para a vereação? Ainda é cedo. Só para o meio deste mês é que se deverão conhecer, e o candidato Marcelo Rebelo de Sousa ainda não deu a conhecer a sua equipa», informou o presidente do PPM, que se mostrou bastante satisfeito com o desenlace deste «namoro».

A FESTRU (CGTP) respondeu já, afirmativamente, ao convite do SITRA (UGT) para uma reunião conjunta. O encontro está marcado para a próxima quarta-feira, dia 6, pelas 10 horas, em «terra de ninguém»: um café de Lisboa, evitando assim que os sindicalistas de uma estrutura «invadam» a casa alheia.

O encontro, como o «DL» noticiou em primeira mão, tem por objectivo discutir a situação no sector dos transportes e desenvolver uma estratégia comum que proporcione aos trabalhadores do sector rodoviário desencadear uma luta prolongada, com os menores custos possíveis. Em causa, a reivindicação de aumentos salariais intercalares, uma vez que os vencimentos foram este ano, mais uma vez, aumentados administrativamente.

As greves que estão em estudo englobam, para já, a Carris, Metro, Rodoviária Nacional e Serviços de Transporte Colectivo do Porto, mas é intenção dos sindicalistas alargá-las também à CP e à Transtejo, empresas que se encontram na mesma situação.

Segundo o «DL» apurou, a administração da Carris foi já informada sobre a disposição dos trabalhadores para paralisarem, tendo-se comprometido a avisar o Ministério da tutela.

STAL: o fundamental continua «na gaveta»

O Sindicato dos Trabalhadores da Administração Local (STAL) considerou inaceitáveis os valores apresentados na quarta-feira pelo Governo, na reunião realizada na Secretaria de Estado para a Modernização Administrativa.

Embora qualificando como positivas algumas alterações avançadas pelo Governo, o STAL salientou que o Executivo «continua a não responder a aspirações fundamentais».

Entre estas encontram-se a «revalorização» das carreiras operária, auxiliar e administrativa e a negociação do regime de vínculos que não alargue a precariedade de emprego na Função Pública e não possibilite a privatização de alguns dos seus serviços.

Os sindicalistas do STAL, no comunicado distribuído ontem junto ao Conselho de Ministros onde se concentraram, anunciaram a realização de uma vigília de dirigentes e activistas sindicais no dia 7 de Setembro, data da próxima reunião ministerial, e que no plenário da Frente Comum de Sindicatos da Função Pública, na próxima semana, propõem acções de luta, que podem chegar à greve.

Enatur e sindicatos em negociações

Um aumento salarial intercalar de 5,5 por cento e a redução do horário de trabalho para 40 horas são os temas agendados para a reunião de negociações entre a Enatur e os sindicatos representativos dos trabalhadores.

A Federação dos Sindicatos de Hotelaria e Turismo de Portugal reuniu-se com a administração no passado dia 24 e apresentou uma proposta «que vai hoje ser discutida, esperando-se que se chegue a um acordo», disse à agência Lusa um elemento da Federação.

O Conselho de Gerência, contactado pela Lusa, afirmou que «as negociações estão no bom caminho» e que a reunião de hoje se destina «a dar conta do estudo que foi feito para se chegar ao aumento intercalar».



Tendências sindicais aparecem e público de mãos dadas mas...

UGT: BOFETADAS DE LUVA BRANCA

A situação interna da UGT parece estar novamente complicada, embora ambas as tendências tentem, em público, minimizar os seus desentendimentos, virando as «espingardas» para o inimigo comum, os TSD, como ontem aconteceu na conferência de Imprensa da Tendência Sindical Socialista... onde os social democratas não estiveram presentes. O socialista Vítor Hugo Sequeira escreveu uma carta a Pereira Lopes acusando-o de enfraquecer a estratégia da UGT, e embora o social democrata Rui Santos Alves tenha afirmado ao «DL» que se trata de uma posição individualizada, o certo é que a tendência reunir-se-á assim que o presidente da central chegar do estrangeiro, segunda ou terça-feira, e apoiará o líder na contra-resposta ao socialista que este julgar adequada.

A Tendência Sindical Socialista deu ontem uma conferência de Imprensa - a segunda no espaço de uma semana - para responder às acusações dos Trabalhadores Social Democratas (TSD), que mais uma vez vieram a público alertar para o perigo das ligações da UGT com a CGTP.

Lembrando as razões que levaram à formação da central da Buenos Aires e os seus mais fervorosos apoiantes - Mário Soares e Sá Carneiro - os sindicalistas socialistas refutaram as acusações que lhes são feitas, afirmando que os TSD persistem «no ataque sistemático à central sindical e a Torres Couto, numa tentativa de enfraquecer a sua actuação na defesa dos trabalhadores».

Aos sindicalistas social democratas da central não se referiram, mas o certo é que estes não estiveram ontem presentes.

E o «DL» soube da existência de uma carta de Vítor Hugo Sequeira a Pereira Lopes (extensiva aos membros do Secretariado Nacional), em que aquele socialista acusa o presidente da central de produzir «declarações geradoras de confusão, mau estar e enfraquecimento da estratégia da UGT».

Socialistas «atacam» TSD's

«A UGT resultou da necessidade de criação de uma central sindical plural, autónoma dos partidos políticos, na defesa dos reais interesses dos trabalhadores», afirmou ontem João Proença, em nome da Tendência Sindical Socialista (TSS).

Recordando as razões que levaram à formação da central sindical e o seu percurso, a TSS acrescentou, no seu comunicado, que apesar dos muitos apoios «houve forças que não estiv-

eram com a criação da central, nomeadamente aqueles que não participaram no combate pela democratização em 1974 e 1975 e neles se incluem os principais responsáveis dos actuais TSD's e nomeadamente Arménio Santos».

Os socialistas acusaram os Trabalhadores Social Democratas de «persistirem no ataque sistemático à actuação da central, nomeadamente na defesa dos trabalhadores face a governos do seu partido e ao mesmo tempo viabilizar a criação de uma terceira central, corrente de transmissão partidária, antítese do projecto sindical da UGT».

Justificando o diálogo com a CGTP, «decidido consensualmente no interior dos órgãos próprios da UGT», os socialistas delimitaram-no à «discussão de matérias fundamentais para os trabalhadores, sobre as quais se considera que acções pontuais comuns garantem melhores condições de êxito».

João Proença, frisando que a TSS «não se deixará atemorizar por chantagens» e que «continuará a bater-se por uma UGT plural, na procura de soluções», adiantou como data provável para a reunião entre as duas centrais sindicais o dia 19 de Setembro, após a reunião do Secretariado Nacional da UGT, a 18.

O dirigente socialista disse ainda que «o descontrolo dos discursos de província de Cavaco Silva e dos seus porta-vozes - os TSD's - só se justifica por um descontentamento social cada vez maior».

Pereira Lopes alvo de críticas socialistas
Na conferência de Imprensa de on-

tem não foi feita qualquer referência à Tendência Sindical Social Democrata (TSSD), de Pereira Lopes, e, interrogado pelo «DL» sobre o facto da resposta às acusações dos TSD não ser da UGT como um todo, mas apenas de uma das suas tendências, João Proença admitiu que «a reacção conjunta virá mais tarde», justificando assim a ausência dos social democratas.

No entanto, a «guerra» interna da UGT entre socialistas e social democratas conheceu novos episódios, depois da conferência de Imprensa de Torres Couto (onde admitiu a hipótese de uma greve geral no Outono e anunciou o convite à CGTP para uma reunião «ao mais alto nível») e da «resposta», pela mesma via, de Pereira Lopes.

O presidente da UGT foi entrevistado no «Jornal de Sábado» da RTP de 12 de Agosto, tendo produzido afirmações que levaram Vítor Hugo Sequeira a escrever-lhe uma carta, datada de 17/8, enviada também aos membros do Secretariado Nacional da central.

Nessa missiva - de que Pereira Lopes só tem conhecimento através dos seus parceiros social democratas, por se encontrar no estrangeiro - o destacado dirigente socialista acusa-o de ter produzido declarações «graves, incorrectas, desleais e reiteradamente assumidas em prejuízo da UGT, com intuídos claros de promover a desestabilização da central sindical num momento em que a necessidade de coesão e determinação são vitais para vermos corrigidas políticas do actual Governo, claramente desfavoráveis aos interesses dos trabalhadores».

Vítor Hugo Sequeira considera as afirmações do líder dos sindicalistas social democratas da UGT «bem mais graves» por serem feitas após a reunião do Secretariado Executivo (a que o «DL» fez referência) realizada precisamente para analisar a conferência de Imprensa de Pereira Lopes e que «parecia ter concluído de uma forma clarificadora», mas que depois das declarações ao «Jornal de Sábado» «fazem suscitar sérias dúvidas quanto a esta conclusão».

«Não posso deixar de lamentar a função francamente desestabilizadora do exercício da presidência da UGT pelos sucessivos equívocos que vem gerando e cujo trabalho em equipa e harmonioso relacionamento entre todos os elementos e tendências não jus-

tificam», escreve Vítor Hugo Sequeira.

Recordando episódios passados e o próprio Congresso Extraordinário da central, o dirigente sindical socialista termina a missiva dizendo que os recentes episódios «levam-me, infelizmente, a concluir que o presidente da UGT é mais permissível às pressões do seu partido e do seu Governo que à justa indignação e constantes reclamações e repúdio de que os trabalhadores se fazem eco».

Instado pelo «DL» a justificar a carta, Vítor Hugo Sequeira recusou-se a fazer comentários.

Resposta virá para a semana

O «DL» tentou ouvir Pereira Lopes, o que resultou impossível por o presidente da UGT se encontrar no estrangeiro. Assim, o social democrata Rui Santos Alves adiantou que a resposta será dada pelo próprio Pereira Lopes, tentando, no entanto minimizar a questão.

Segundo aquele dirigente, trata-se «de uma questão de âmbito interno que não interessa trazer para o exterior», pois a carta de Vítor Hugo Sequeira «expressa o pensamento pessoal de um elemento da Tendência Sindical Socialista. São opiniões, juízos de valor, que têm exclusivamente a ver com uma única pessoa e não com a opinião da tendência socialista».

Rui Santos Alves adiantou que «Pereira Lopes dará uma resposta, assumida por si com a cobertura da tendência social democrata».

Para o sindicalista, a carta de Vítor Hugo Sequeira «foi pouco elegante», «enfuma de alguns juízos de valor menos exactos e menos sérios» e «vem dar argumentos aos 'Arménios Santos'». Até nesse ponto veio numa altura pouco feliz.

O social democrata admitiu que na segunda ou terça-feira da próxima semana, quando Pereira Lopes tiver regressado, realizar-se-á uma reunião da tendência para analisar a questão.

Rui Santos Alves negou, no entanto, qualquer mal-estar entre a tendência socialista e a social democrata, afirmando que os companheiros de Pereira Lopes só não estiveram juntos no «ataque» aos TSD's, ontem, porque isso seria «dar-lhes uma importância que já não têm».

Contra alargamento do Campo de Tiro de Alcochete

RESERVA NATURAL DO TEJO: A ÚLTIMA «ARMA» DOS ECOLOGISTAS

Os militares não desarmam, o Governo ajuda: a hipótese do Campo de Tiro de Alcochete ser alargado ganhou, subitamente força, na semana finda, quando foi conhecido o resultado do relatório mandado elaborar pelo ministro da Defesa sobre eventuais consequências da medida. Eurico de Melo tem em seu poder as conclusões do estudo e quer mesmo avançar com o alargamento.

Há, contudo, ainda problemas a resolver, um deles relacionado com as expropriações, que ainda não foram feitas na totalidade. E há a opinião pública que o Governo não pode descurar, sobretudo em ano de eleições. O protesto esta manhã - «Dia Sindical Internacional de Acções pela Paz e pelo Desarmamento» - levantado pela União dos Sindicatos de Setúbal (USL) insere-se nesse quadro.

Para aquela estrutura sindical afecta à CGTP/IN, «o Campo de Tiro de Alcochete, que incrivelmente se situa na Reserva Natural do Estuário do Tejo, é uma afronta sem sentido à causa da paz e do desarmamento e um gravíssimo atentado ecológico».

Sensibilização é assim mesmo

Para a USL, «as implicações ecológicas do alargamento da Campo de Tiro de Alcochete, nos planos ambiental e social, são demasiado óbvias para não serem entendidas pelo Governo e pela maioria parlamentar que o apoia. O equilíbrio ecológico da Reserva Natural Estuário do Tejo é um bem demasiado precioso para quem ama a natureza e para quem luta pela paz e por melhores condições de vida e de trabalho».

Foi em defesa dessas condições e dessa exigência humana que a União dos Sindicatos de Setúbal promoveu a jornada de hoje, de «acções pela paz e

pelo desarmamento», com a colaboração do director da Reserva, prof. Antunes Dias. Iniciativa que levou ao Seixal, Alcochete e Montijo vários jornalistas que constatarem, «in loco», a riqueza que a Reserva Natural do Estuário do Tejo representa, meio século decorrido sobre o início da II Guerra Mundial, cujos efeitos ainda estão bem presentes na memória colectiva dos povos.

Ficaram todos a saber a razão por que a USL e a União dos Sindicatos de Santarém (que abrange Benavente, em cuja área se reflectirá o alargamento do CTA, se a medida for para a frente), bem como as autarquias da zona envolvente, se opõem a isso.

Foi uma acção de sensibilização que se inseriu na campanha contra o alargamento do CTA, à qual aderiram (participando na concentração e almoço-convívio no Seixal e na viagem na falua da Câmara Municipal a partir da Moita, num percurso orientado pelo director da Reserva e um blogo que nele trabalha) vários sindicalistas e membros

de organizações ecológicas e pacifistas.

Comissão defende que não há prejuízos

A comissão nomeada pelo Governo em Fevereiro do ano passado e à qual foi inicialmente concedido um prazo de noventa dias para a elaboração de um relatório sobre a matéria, nomeadamente para se saber se do alargamento haveria impacto ambiental ou prejuízos importantes.

De acordo com o citado relatório, que ainda não foi tornado público mas fontes do Ministério da Defesa deixaram transparecer, a ampliação - a processar-se - será no sentido oposto. A comissão garante não haver riscos acrescidos.

A mesma comissão, que integrou representantes dos Ministérios da Agricultura, Defesa, Plano e Finanças, terá também concluído que a alternativa ao alargamento do CTA - construção de um novo campo entre Grândola e Comporta - não é recomendável, visto envolver custos na ordem dos 20 mil-

hões de contos.

Setecentos mil contos separam o proprietário do principal terreno para o alargamento - a empresa «Mineiros & Vieira» - da verba que o Ministério da Defesa e o Estado-Maior-General das Forças Armadas propõem: 300 mil contos. Entre as partes há um contencioso que promete arrastar-se pelos tribunais sobre a posse administrativa da parcela que lhe é pertença. Invoca a empresa prejuízos decorrentes de medida assim compulsiva de ordem superior ao milhão de contos, montante de que diz não abdicar.

O Ministério da Defesa tem três alternativas para satisfazer compromissos entretanto assumidos no pressuposto de que o alargamento do CTA não implicaria grandes problemas. Posto de parte o da construção de novo campo, fica-lhe, ainda, o de desistir da ideia. Se o não fizer e quiser arrancar depressa com o alargamento, poderá expropriar outras áreas como alternativa à parcela de «Mineiros & Vieira».

Estado vai restituir IVA à Igreja Católica

O Governo deve legislar até Fevereiro sobre a restituição à Igreja do valor do IVA referente aos bens e serviços relativos a imóveis destinados ao culto.

Segundo a lei de autorização legislativa, publicada na última semana no «Diário da República», o Executivo deve legislar no sentido de «estabelecer a restituição e respectivas condições», do Imposto sobre o Valor Acrescentado para aquisições e importações bem definidas. Nesta restituição, destaca-se, pelo valor económico, o valor relativo à construção e obras em imóveis destinados ao culto.

O limite fixado na lei de autorização é de 200 contos, com exclusão de imposto e reembolso mediante factura, enquanto os objectos de culto só serão pagos em facturas de valor superior a 50 contos.

O cônego Orlando Leitão, do patriarcado de Lisboa, declarou à agência Lusa que a importância a restituir «é grande», já que a

generalidade das facturas de trabalhos e materiais de construção deverá ultrapassar os 200 contos.

Já no que respeita aos objectos de culto, o mesmo responsável diz que «devem ser bem mais raros os casos de facturas a ultrapassar os 50 mil escudos».

A outorga de benefícios fiscais nos impostos indirectos vem, assim, tocar numa das áreas que não era referida na Concordata de 1940, uma vez que, nessa altura, ainda não existiam impostos sobre o consumo, como o Imposto de Transacções ou o IVA.

Com efeito, a Concordata entre Portugal e a Santa Sé apenas previa isenções fiscais para instituições como igrejas e seminários, entendidas como uma «compensação económica» para a perda de património que se seguiu à implantação da República, e que nunca foi recuperado pela Igreja.

Com efeito, a lei da Separação,

de 1911, reduzia substancialmente os bens na posse da Igreja, situação que se manteve até à celebração da Concordata. Este documento reconhecia o direito da Igreja a muitos dos seus bens então na posse do Estado, mas ressalvava os bens «aplicados a serviços públicos, ou classificados como monumentos nacionais ou imóveis de interesse público».

Apesar disso, considerou-se que a Concordata não reparava as perdas da Igreja ocorridas na primeira República, tendo-se optado por um tratamento fiscal mais favorável - ligeiramente alterado na revisão de 1976 - que isentava a Igreja dos impostos então vigentes, desde que tivessem conexão directa com a actividade eclesial. Por essa razão, os sacerdotes estão isentos do pagamento de qualquer imposto quando exercem o seu múnus pastoral, mas pagam-nos quando trabalham em profissões de carácter não exclusivamente sacerdotal.

festa dvante!

LOURES, 8 - 9 - 10 - SETEMBRO

ESPECTÁCULOS ■ FOLCLORE ■ DESPORTO ■ TEATRO
■ DIVERSÕES ■ CULTURA ■ CONVÍVIO
■ VI BIENAL DE ARTES PLÁSTICAS

O maior espectáculo de música africana

KASSAV
RAY LEMA
SALIF KEITA



Os brasileiros

PAULINHO DA VIOLA
PAULO MOURA
BATERIA DA ESCOLA
DE SAMBA DA PORTELA

Rock inglês BILLY BRAGG

XUTOS E PONTAPÉS
RÁDIO MACAU
PESTE & SIDA
MLER IF DADA

FERNANDO TORDO

CARLOS ALBERTO MONIZ

E MUITOS MAIS!

Jazz

BIRELLI LAGRENE
COOL JAZZ ORCHESTRA
SWING QUARTET
MOREIRA'S JAZZTET
MARIA VIANA
QUARTETO ANTÓNIO PINHO-
-MÁRIO DELGADO

COMPRE JÁ A ENTRADA PERMANENTE (EP) NOS CENTROS DE TRABALHO DO PCP

ESTE ANO A FESTA TEM MAIS E MELHORES ACESSOS!



Ponte vai ligar Cerveira a Espanha

- A nova ponte sobre o rio Minho que ligará Vila Nova de Cerveira à localidade galega de Tomiño, vai custar quatro milhões de contos noticiou o nosso prezado colega «Diário do Minho», que adianta:

Os furos de prospecção de terrenos já tiveram início, bem como contactos com entidades do sector das obras públicas, com vista ao arranque dos trabalhos já no próximo ano do que virá a ser uma importante ligação rodoviária à Europa.

Segundo aquele jornal a Ponte Cerveira-Tomiño, terá 270 metros de comprimento com duas vias de trânsito de sete metros de largura no seu conjunto em cada um dos sentidos. - Um leitor queixa-se dos serviços da Rodoviária Nacional em Tomar, afirmando que não cumprem os horários e levam os utentes a perderem ligações com outros transportes nomeadamente com o comboio.

José Vidal Veloso, reformado e residente na Urbanização da Portela em Sacavém, disse que já mais de uma vez faltou o autocarro das 17 horas na serra de Tomar que lhe permite apanhar o comboio das 18 e 02 em Tomar com destino a Lisboa, sendo obrigado a esperar pelo das 19 e 24.

Diz o nosso leitor que devido à frequência de tal situação, ele e outras pessoas têm-se dirigido aos responsáveis locais da RN, onde segundo diz, «são recebidos com quatro pedras na mão, não dão qualquer explicação e alijam responsabilidades». Aqui fica o recado do nosso leitor que adianta ser caso único naquela empresa, que em toda a parte serve bem e tem funcionários atenciosos.

- O trânsito automóvel esteve interrompido no cruzamento das Estradas Nacionais 107 e 13 no Padrão de Moreira devido à queda do carregamento de madeira de um camião, informou hoje a Brigada de Trânsito da GNR.

Segundo a BT, as dificuldades de circulação nas estradas que ligam o Porto à Póvoa de Varzim e ao aeroporto continuaram até cerca das 10 horas.

A interrupção da circulação deveu-se à queda de toros de madeira do reboque de um camião que circulava no sentido Sul-Norte, não se tendo registado qualquer prejuízo material de vulto.

- A circulação de comboios na linha Cais-do-Sodrê/Cascais esteve a efectuar-se ontem de tarde com atraso, devido a uma avaria num cabo aéreo entre Oeiras e Paço de Arcos, disse um funcionário da CP.

A avaria ocorreu cerca das 14h30 e os comboios passaram a circular apenas numa linha, entre Oeiras e Paço-de-Arcos, com paragens em todas as estações, o que provocou atraso nos horários.

A reparação do cabo só foi concluída ao fim da tarde.

- Seis cidadãos portugueses morreram ontem num acidente de viação ocorrido na Estrada Nacional que passa perto de Burgos, informou em Espanha a Direcção-Geral de Trânsito. A mesma fonte referiu que o acidente envolveu dois automóveis de matrícula portuguesa e um camião espanhol, o qual invadiu a faixa de rodagem contrária.

No acidente, ocorrido a 14 quilómetros de Burgos, morreram num dos veículos Firmino dos Santos, Adelaide dos Santos e Patrícia dos Santos.

No outro carro encontraram a morte Tiery Mendes, de 14 anos, António Alberto Sousa da Silva, de 26 anos, e Arménio Marques Domingues, de 48.

Durante a «Operação Férias» levada a efeito pela Polícia espanhola, já morreram em Espanha 34 cidadãos portugueses.

Está quase morto, é uma pestilência

RIO DÃO MORRE E APODRECE POR CAUSA DAS INDÚSTRIAS

A mãe-Natureza apresentava outrora uma beleza virgem que fascinava o homem: rios e mares de águas límpidas, ricos em peixe, a camada superior da atmosfera carregada de ozono, a terra fértil com prados e arvoredos verdejantes...

Até o rio Dão, na região de Viseu, hoje «quase morto» devido à poluição que o afecta, corria límpido no seu leito.

Também a praia fluvial de Ferreiros do Dão, no concelho de Tondela, onde hoje se exala um «cheiro pestilento», apresentava-se propícia, com as suas águas límpidas e sem obstáculos rochosos, para o banhista dar um mergulho e fruir do seu extenso areal, a calha que se desfrutava da paisagem envolvente, ornamentada por pinheiros, carvalhos e outra vegetação autóctone.

Tudo era calmo e harmonioso na Natureza, porque, parafraseando o início do Evangelho de São João, no princípio era o verbo e não a verba.

A era industrial, caracterizada pela ânsia dos grupos económicos em conseguir os lucros mais chorudos possíveis, tem muito a ver com o flagelo da poluição.

Resíduos tóxicos começaram a ser lançados para os cursos de água, destruindo fauna e flora, a atmosfera tornou-se «quase irrespirável» devido aos fumos de fábricas e dos escapes dos automóveis nas cidades, a floresta mais pobre devido aos incêndios, alguns de origem criminosa, que a devastam na época de Verão.

Legislação e alertas não funcionam

Em suma, a Natureza tornou-se menos bela, descaracterizada devido à poluição que a assola, apesar da legislação emanada dos governos e os alertas constantes lançados pelos movimentos ecologistas no sentido de a proteger.

Mas, apesar destes apelos, a poluição é uma realidade em algumas das praias e rios, designadamente no Dão, na região de Viseu, e que urge combater para repor o equilíbrio ecológico.

Segundo o vereador do pelouro do ambiente da Câmara de Viseu, Júlio Cruz, o rio Dão está «quase morto» e corre mesmo o risco de «morrer» devido à poluição directa e indirecta que o afecta.

Indirectamente, constitui um tipo de poluição perigosa a descarga de efluentes tóxicos para o rio Satão pela empresa de fabrico de papel «Pextrafil», instalada na linha divisória dos concelhos de Mangualde e Viseu. O Satão que, no dizer de Júlio Cruz, está «mesmo morto», ou seja sem qualquer peixe, é um afluente do Dão.

Directamente, este rio está a ser poluído pela lavagem de areias feita pela fábrica «Ponte Pinoca», situada perto de Silgueiros.

Autópsia afasta hipótese de crime no caso da morte do militar alemão

A autópsia realizada ao militar alemão-federal Gunther Gunnar, encontrado morto quarta-feira, no parque de Monsanto, em Lisboa, confirmou ausência de crime - disse fonte policial.

Os exames periciais confirmaram que o militar de 32 anos, sargento da Base de Beja, disparou com a própria arma que lhe estava atribuída, um tiro na boca que saiu pela têmpora esquerda, explicou a mesma fonte.

As autoridades desconhecem os motivos que levaram o indivíduo estrangeiro a suicidar-se.

Encontrado de manhã de quarta-feira, ao volante da sua viatura, e segurando ainda na mão direita a pistola de calibre

7,65, Gunther Gunnar terá deixado uma mensagem escrita onde entre outros dizeres se lia «não tenho outra saída».

Igreja desaba sobre quatro operários

Uma igreja em construção desabou ao princípio da tarde de ontem, em Miratejo, Almada, provocando ferimentos em quatro dos operários que ali trabalhavam, disse fonte dos bombeiros locais.

A igreja, localizada na Quinta das Laranjeiras, desabou quando uma viatura pesada descarregava argamassa na última placa do edifício.

Os feridos foram transportados para o Hospital de Almada, de onde foram transferidos para o Hospital de São José, em Lisboa.

Os métodos utilizados na lavagem de areais e os poços profundos abertos no rio para os extrair são factores que contribuem para a poluição do Dão.

Produtos nocivos vão do Satão para o Dão

Ainda relativamente à «Pextrafil», um responsável da empresa admitiu à agência Lusa a descarga de produtos nocivos no Dão, via Satão.

«Estamos a envidar esforços para tratar convenientemente as águas tóxicas da empresa antes de as lançar para o Satão, acrescentou a mesma fonte, referindo que a unidade industrial de transformação de pasta de papel possui actualmente dois tanques de limpeza de águas residuais que não bastam para eliminar os efluentes tóxicos.

Como objectivo da unidade industrial, apontou a construção, ainda este ano, de mais um tanque de limpeza das águas.

Entretanto, e segundo Júlio Cruz, a Câmara de Viseu pensa que a empresa de extracção de areias «Ponte Pinoca» é «ilegal», uma vez que a autarquia não foi contactada quando da sua instalação.

A legislação vigente determina que a Câmara teria de ser consultada e dar parecer sobre a matéria.

O vereador referiu ainda que, nos termos da legislação, se verifica a impossibilidade de controlar as actividades de empresas instaladas nas linhas de divisão dos concelhos.

Quanto à praia fluvial de Ferreiros do Dão, populares da localidade disseram que as águas do rio «estão esverdeadas» e, por vezes, exalam um «cheiro pestilento».

Banhistas fogem da praia

«Está tudo uma miséria desde há cerca de dois anos. Não se pode tomar banho na praia fluvial. Banhistas que, por vezes, vêm de longe, fogem logo da praia. O peixe é pouco e o que se pesca sabe mal», acrescentaram.

A Junta de Freguesia de Ferreiros do Dão e a Câmara de Tondela informaram já a Secretaria de Estado do Ambiente e dos Recursos Naturais da situação, mas, até ao momento, não obtiveram qualquer resposta.

Contactados os serviços de hidrállica de Viseu, na dependência da Secretaria de Estado do Ambiente, foi por estes indicada uma «impotência» para actuar perante situações de assoreamento e poluição dos

cursos de água no distrito, devido à escassez de meios logísticos.

Mas a poluição não se confina ao Dão e à sua praia fluvial, alastra por esse País fora de ricas belezas naturais banhadas de Sol, esse Sol que faz inveja a alguns turistas habituados a viver em nações ensombradas pelo nevoeiro.

É o Tejo, o Sado, o Minho, o Vouga, o Mondego, o Guadiana, praias da costa do Estoril e algumas da costa vicentina, designadamente a de Almogrove, onde persistem os efeitos do desastre ecológico provocado pela «maré negra», resultante da descarga de crude pelo navio «Marão», no porto de Sines.

E este «mar» de poluição ocorre num país tão pequeno, mas tão rico em património histórico-cultural e paisagístico, que manifestamente a certa altura industrial comparativamente aos Estados industrializados da Comunidade Económica Europeia, onde se insere.

Se é certo que a indústria não pode nem deve parar de crescer, porque ela significa riqueza e melhores condições económicas para as populações, não é menos certo que o seu crescimento deve processar-se em estreita harmonia com o equilíbrio ecológico.

Os empresários terão que equipar as suas fábricas com tecnologia sofisticada de combate à poluição e os governos criar legislação cumpre sentido e fazer com que aqueles a cumprem.

É na defesa da floresta, dos cursos de água, das belezas naturais, do património histórico-cultural, que se afirma, em certa medida, a vontade de um povo em construir um futuro rico e sem a «poluição» do presente.

Dois trabalhadores electrocutados

Dois mortos e dois feridos é o balanço de dois acidentes registados ontem com material eléctrico e linhas de média e baixa tensão na região do Porto, disse fonte da EDP.

O primeiro acidente, em Paços de Ferreira, vitimou Albino Cardoso Teixeira quando a grua que manobrava tocou nos condutores de uma linha de média tensão.

A vítima, motorista da EDP, integrava uma equipa de montagem de linhas de média tensão. O segundo acidente, em Códigos, Paços de Ferreira, causou um morto e dois feridos ligeiros.

António Augusto Ribeiro dos Santos, que procedia a trabalhos de ornamentação para uma festa, tocou também numa linha de média tensão, morrendo electrocutado. Dois trabalhadores que se encontravam numa torre-escada sofreram ligeiras queimaduras.

Bombeiros têm bonificação de pensões

Os bombeiros têm, a partir de hoje, direito a uma bonificação das suas pensões com o equivalente a mais 25 por cento do tempo de serviço, de acordo com uma portaria publicada no passado dia 5 de Agosto.

A citada portaria estabelece a regulamentação do estatuto social do bombeiro, aprovado em Junho.

As bonificações são aplicáveis aos bombeiros voluntários e aos profissionais a tempo inteiro.

Bomba de insulina para diabéticos

Uma bomba de insulina controlada por sinais de rádio e de computador e implantada no or-

ganismo humano pode dispensar os diabéticos de injeções diárias, refere um estudo científico publicado nos Estados Unidos.

O invento, ainda em fase experimental, funcionou bem num estudo piloto com 18 pacientes, diz o «The New England Journal of Medicine».

A bomba é metida numa caixa de titânio e tem um depósito de duas colheres e meia de café de insulina concentrada, uma bateria de 3,6 vóltios que dura cinco anos, um receptor de rádios e «chips» de ordenador.

Implantada por baixo da pele do abdómen, a bomba liga-se a um tubo de 17 centímetros que permite à insulina ir chegando, a pouco e pouco, à cavidade abdominal.

A bomba vai soltando insulina de forma regular, mas também antes da refeição, em resposta a um eventual sinal de rádio enviado pelo diabético.

Grande incêndio (de ontem para hoje) «limpou» muito terreno

BOMBEIROS NÃO EXCLUEM A HIPÓTESE DE FOGO POSTO NA QUINTA DA MARINHA

Mais de centena e meia de bombeiros combateram durante sete horas e meia o violento incêndio que ontem à noite deflagrou na Quinta da Marinha, junto a Oitavos, devorando vasta zona de pinhal. Está limpa, «despida» de mato, a extensão de terreno que foi palco, ontem e esta madrugada, de chamas que transformaram aquela zona de pinhal próximo da Cabo Raso num braseiro.

A circulação na estrada Guincho-Cascais foi momentaneamente interrompida para facilitar a intervenção dos bombeiros, quando as chamas se afastavam do aldeamento da Quinta da Marinha e se propagavam na direcção da zona dos restaurantes da Praia do Guincho. Nessa ocasião, a fonte da administração da propriedade que acompanhou a operação e ia dando informações sobre o fogo, terá respirado fundo. Além das dificuldades naturais decorrentes da pouca visibilidade pelo facto de ser noite, os bombeiros depararam com uma outra: a do vento, que atitou as chamas, ao princípio da madrugada, na direcção de Oitavos. As dunas de areia aí existentes acabaram por travar a sua marcha.

Os bombeiros suspeitam de fogo posto, mas não o afirmam. Estranham que um incêndio de tamanhas proporções tenha eclodido cerca das 22 horas e meia de ontem,

quando não havia condições naturais para isso.

A razão de muitas suspeitas

Como, por outro lado, não se trata de um local muito frequentado à noite, essas dúvidas adensam-se. É um pouco a história de um fogo bizarro, impertinente (como o são todos os fogos), a que aqui se conta. Fogo que envolveu mais de centena e meia de bombeiros no ataque às chamas, dirigido pelo comandante operacional Miguel, dos BV de Linda-a-Pastora.

Vinte viaturas

de treze corporações são números a juntar aos dos bombeiros. Falta, contudo, saber quantos hectares de pinhal arderam, o que é tão importante como os números antes revelados.

O incêndio foi dado como extinto às 6 horas desta madrugada, procedendo os bombeiros da maioria das corporações que combateram as chamas, a partir de então, ao rescaldo. Temia-se - segundo um informador dos BV do Estoril - que a subida de

temperatura reacendesse as chamas. Daí alguns deles terem permanecido no local, por precaução.

Não se pode ligar este fogo ao do ano passado, na mesma área, ao lado. Acentue-se, de qualquer modo, o facto das chamas terem agora alargado a zona que ardeu, em condições ainda por esclarecer.

Negligência ou origem criminosa: é esta a questão. Não dá para mais paliativos. Competirá às autoridades, se possível, apu-

rar a questão. Embora não haja, por ora, provas de fogo posto, o facto de ter eclodido cerca das 22 horas e meia, é de ter em conta. As chamas chegaram a ameaçar casais, mas levaram os bombeiros a «cortar» a estrada entre o Guincho e Cascais, como acima se diz, durante algum tempo.

Noite foi má companheira

Não é fácil combater as chamas à noite, como se sabe. Essa foi a maior dificuldade com que os bombeiros depararam - falta de visibilidade -, já que os acessos à zona de fogo eram e são fáceis, e água é coisa que não falta ali - adiantou ao «DL» o mesmo informador dos BV do Estoril.

Treze corporações de bombeiros - as de Almoçageme e Colares - juntaram-se às onze iniciais, quando o fogo ameaçava aumentar de in-

tensidade e o Centro do Comando Operacional (CCO) da zona tomou a decisão de interromper o tráfego na estrada Cascais-Guincho.

Foram elas, as corporações que dominaram este incêndio em cerca de sete horas e meia: Algés, Barcarena, Dafundo, Linda-a-Pastora, Oeiras, Paço de Arcos, Alcabideche, Carcavelos, Cascais, Estoril e Parede, numa primeira fase. Mais, como já se disse, Colares e Almoçageme, na parte final.

Quando a estrada Guincho-Cascais foi «cortada» aos bombeiros não restava outra saída, face ao recrudescimento das chamas. O fogo estava, com efeito, como na altura declarou um informador da PSP de Cascais, «a progredir com intensidade», se bem que não ameaçasse casas. Foi nessa altura que às primeiras onze corporações adstritas ao Comando Operacional de Linda-a-Pastora se juntaram as de Almoçageme e Colares, do CCO da primeira.

Em suma: a hipótese de fogo posto perpassa entre os habitantes da zona e surpreende os bombeiros, visto não se perceber lá muito bem que objectivos possam estar subjacentes à destruição daquele pinhal.



Governo preocupado com infracções na área alimentar

Mais verbas para combater atentados à saúde pública

Cinquenta por cento das coimas cobradas por infracções no campo da qualidade alimentar serão atribuídas ao Instituto de Qualidade Alimentar e à Direcção-Geral da Extensão Educativa. Esta medida foi ontem decidida em Conselho de Ministros.

Através deste acréscimo de receitas, o Governo pretende que estes dois organismos possam cumprir os seus objectivos no âmbito do combate às infracções antieconómicas e contra a saúde pública - refere um comunicado oficial.

O Conselho de Ministros aprovou também um conjunto de cinco acordos de cooperação com S. Tomé e Príncipe, que tinham sido negociados aquando da visita de Cavaco Silva a este país. Os acordos contemplam domínios como a aviação civil, estatística, telecomunicações, ambiente e recursos naturais. Foi ainda deliberado um protocolo adicional que permite a requisição de técnicos portugueses para a prestação de serviços em S. Tomé, por conta de entidades privadas portuguesas ou santomenses, sem perda do vínculo

profissional e dos respectivos direitos e sem quaisquer encargos para o Estado português.

Nesta reunião foi igualmente aprovado um decreto-lei que cria, junto da Universidade Nova de Lisboa, o Instituto Superior de Estatística Aplicada. «Pretende-se que o novo Instituto se torne num verdadeiro veículo de difusão da «cultura estatística», o que permitirá reforçar a capacidade de coordenação do sistema estatístico nacional», sublinha o referido comunicado. No mesmo texto acrescenta-se que o Instituto «deverá possibilitar a produção de informação estatística de qualidade ao mais baixo custo».

A sua criação vai «reforçar a ligação ao sistema estatístico nacional à Universidade indo assim ao encontro das modernas instituições universitárias, atentas às realidades económicas e sociais - assinala ainda o comunicado».

Agricultura portuguesa - agora está «tudo bem»

Na sua reunião, o Governo procedeu à habitual análise

mensal das questões comunitárias, salientando os «novos compromissos, favoráveis para Portugal, no domínio da agricultura».

Um dos «novos compromissos» reside no facto do Conselho Europeu de Agricultura ter decidido, no seu último encontro, prorrogar até ao fim de 1992 as condições excepcionais de aplicação a Portugal do regulamento 797/75 (apoio às explorações agrícolas privadas).

Segundo o comunicado oficial, a não prorrogação destas condições excepcionais significaria que perto de um terço dos agricultores portugueses não poderiam beneficiar deste importante esquema de apoio ao investimento agrícola.

O Conselho de Ministros congratulou-se ainda pela decisão do Conselho Europeu em rever o regime de apoio ao sector ovino de uma forma que veio a beneficiar Portugal. De facto, o novo regime aprovado põe fim a «uma situação de desfavor para a agricultura portuguesa face aos países do Norte da Europa», realça o comunicado, consider-

ando que, com a sua aplicação, que se iniciará em 1991, os apoios actuais a este sector da economia serão aumentados anualmente em cerca de um milhão de contos.

No decurso da reunião de ontem, o Governo aprovou, também, a nova lei orgânica da Direcção-Geral da Extensão Educativa. O novo organismo integra a educação de adultos e os cursos nocturnos do segundo ciclo do ensino básico, prevê a integração progressiva dos cursos nocturnos existentes e abrange o ensino básico e o ensino secundário português no estrangeiro.

Por fim, o Governo decidiu autorizar a Casa da Moeda a cunhar uma série de quatro moedas comemorativas das navegações e descobrimentos portugueses nos arquipélagos atlânticos. A reunião do Conselho de Ministros foi presidida por Cavaco Silva e teve como porta-voz Fernando Nogueira que, tal como o primeiro-ministro e outros membros do Governo, esteve ausente em férias nas últimas semanas.



SINDICATO NACIONAL DOS TRABALHADORES DA ADMINISTRAÇÃO LOCAL

STAL

- Exm.º Senhor
- Presidente da Câmara Municipal de Setúbal
- Governador Civil do Distrito de Setúbal

PRÉ-AVISO DE GREVE

O STAL — Sindicato Nacional dos Trabalhadores da Administração Local, promove uma greve de trabalhadores, às horas extraordinárias, das zero horas do dia 2 de Setembro, às oito horas do dia 11 de Setembro de 1989, pelos seguintes objectivos:

- Exigência do pagamento de horas extraordinárias em atraso há mais de um ano, resultantes da não aplicação em tempo do Decreto-Lei n.º 187/88, de 27 de Maio.

Nesta conformidade, ao abrigo do disposto no n.º 1 do artigo 2.º, da lei n.º 65/77, de 26 de Agosto, e nos termos do artigo 5.º, do mesmo diploma, comunicamos que os trabalhadores da Câmara Municipal de Setúbal se deverão considerar em greve às horas extraordinárias se outro motivo não declararem expressamente.

Com os melhores cumprimentos e saudações sindicais
A Direcção Nacional do STAL

Panamá Presidente designado toma hoje posse

O presidente designado do Panamá, Francisco Rodríguez, toma hoje posse como chefe de Estado, em substituição de Manuel Solís Palma. Rodríguez foi designado Presidente pelo Conselho Geral de Estado. Carlos Ozores, um dirigente social-democrata, foi também nomeado como vice-presidente. Francisco Rodríguez pediu a oposição uma oportunidade para construir uma pátria nova a partir de hoje, quando assumir o cargo. Com a sua designação incertezas e intensos esforços de busca de uma saída para a crise provocada pela anulação das eleições de 7 de Maio. A Aliança Democrática de Oposição Civilista (ADOC), que afirma ter ganho as eleições, recusou-se durante as negociações a constituir um Governo provisório. O Governo provisório terá entre as suas responsabilidades reorganizar os poderes do Estado e elaborar um anteprojecto de Constituição política «que defenda a preservação das conquistas estabelecidas na lei constitucional panamiana». Rodríguez Poveda, de 50 anos, engenheiro e planificador, é amigo do general Manuel António Noriega desde 1962.

Diplomatas encetam diálogo entre a Grã-Bretanha e a Argentina

Diplomatas da Grã-Bretanha e da Argentina reuniram-se nas capitais dos dois países pela primeira vez desde a guerra das Malvinas, informou um porta-voz do Ministério britânico dos Negócios Estrangeiros. As conversações sucedem-se a reuniões efectuadas no princípio de Agosto em Nova Iorque com vista a melhorar as relações entre as duas partes, interrompidas pelo conflito das Falklands (Malvinas), há sete anos. Isto foi apenas um primeiro contacto de cortesia. O que houve de interessante no acordo de Nova Iorque foi que se combinou estabelecer contactos directos daquele tipo se surgisse matéria de discussão, disse o porta-voz ministerial britânico. Na reunião em Londres, de apenas 10 minutos, participaram Robin Fearn, subsecretário de Estado britânico para as Américas, e Santos Goni Moreno, presidente da secção de interesses da Argentina na Embaixada do Brasil.

Colômbia: detido um dos mais importantes traficantes de droga

DOIS ATENTADOS À BOMBA EM MEDELLIN APESAR DO RECOLHER OBRIGATÓRIO

As autoridades de Medellín disseram ter sido "um êxito total" o recolher obrigatório imposto durante a noite para combater os ataques dos traficantes de droga, apesar da Polícia ter comunicado dois atentados à bomba. Juan Gomez, presidente da Câmara de Medellín, afirmou que o recolher obrigatório foi um êxito como medida de segurança e pela forma como os cidadãos receberam a sua nova situação.

Além do recolher obrigatório, foi também imposta a lei seca entre as 22 e as seis horas locais.

Fontes policiais informaram que as suas forças e o exército prenderam 530 pessoas durante a noite, mas só duas delas irão ser postas à disposição do poder judicial.

O recolher obrigatório não evitou que uma poderosa bomba destruísse ontem pelo menos 30 veículos e danificasse gravemente alguns edifícios numa das principais avenidas de Medellín.

As primeiras notícias indicam haver cinco pessoas feridas.

Entretanto, os Estados Unidos prevêem enviar para a Colômbia dois aviões de transporte "C-130", como parte da ajuda de 65 milhões de dólares aprovada a semana passada, informou o Pentágono.

O porta-voz deste departamento, Pete Williams, informou que esta ajuda está "quase pronta" e que um grupo de 100 elementos do Exército norte-ameri-

cano viajará para a Colômbia para receber o material enviado.

O Governo colombiano revelou entretanto que manterá "absoluta reserva" sobre a identidade dos juizes e magistrados e

criará uma conta especial com fundos para lutar contra os traficantes de droga.

Os novos decretos especiais estipulam "a absoluta reserva" da identidade dos juizes e magistrados que intervenham, em primeira e segunda instância, em decisões de ordem pública, assim como no destino das confiscações feitas à mafia e suas sentenças.

Os decretos ontem publicados foram legislados ao abrigo do estado de sítio, imposto no país

intermitentemente, há 40 anos.

Fontes do combate ao tráfico de droga disseram que os "barões" utilizam o Equador como centro para preparar e exportar o produto para a Europa e Estados Unidos.

"Eles têm centros de refinação no Equador e daí exportam a droga para a Europa e Estados Unidos", afirmou o general Silvio Arias, director-geral da Polícia nacional do Equador.

O Equador e outros vizinhos da Colômbia reforçaram as suas

fronteiras para tentar impedir que os mafiosos da droga entrem nos seus países.

Detenção anunciada

As autoridades colombianas anunciaram ontem ter detido Carlini Roberto Victor, de 38 anos, um dos elementos mais procurados pela justiça dos Estados Unidos pelo seu envolvimento no tráfico da droga.

Roberto Victor, que foi preso na cidade de Cartagena, é considerado um dos traficantes mais importantes dos cartéis, anunciou a Agência Nacional de Segurança.

Em 20 de Agosto foi detido Eduardo Martinez Romero, que é procurado pela justiça norte-americana por "lavagem" de dólares.

Os traficantes da droga já reconheceram que têm de lutar contra a probabilidade de serem extraditados para os Estados Unidos, face à firmeza do Governo colombiano na sua nova campanha contra eles, disseram fontes policiais.

Esta situação tomou Medellín, com os seus 1,8 milhões de habitantes, um autêntico campo de batalha.



Trabalhadores procedem à remoção dos escombros de um dos atentados no centro da cidade de Medellín.

China

Nações Unidas criticam supressão dos manifestantes pró-democracia

A China foi ontem criticada pela primeira vez pela Organização das Nações Unidas (ONU) pela supressão dos manifestantes pró-democracia, em Junho.

Uma comissão dos direitos humanos da ONU adoptou uma resolução apresentada pelo Ocidente, que pressiona o governo chinês e apela à clemência para com os presos.

O documento afirma que a comissão está «preocupada com os acontecimentos recentes na China e com as consequências no campo dos direitos humanos».

A resolução foi aprovada por 15 votos a favor, contra nove, pela subcomissão da ONU para prevenção da discriminação e protecção das minorias.

O secretário-geral da ONU, Javier Perez de Cuellar, expressa a tristeza pelo uso da força e pelas mortes causadas, quando as autoridades suprimiram o movimento em Pequim nos dias 3 e 4 de Junho.

A votação feita ontem em Genebra foi secreta, mas os delegados da China e de Cuba não ocultaram a sua oposição.

O especialista chinês de direitos humanos Tian Jin disse que «não há necessidade de fazer apelos à chamada clemência» e que a imprensa internacional tem exagerado nas notícias sobre prisões.

A Amnistia Internacional disse na quarta-feira que milhares de chineses enfrentam a execução ou penas de longa prisão, após o massacre do movimento pró-democracia.

A organização pelos direitos humanos sediada em Londres disse que pelo menos 1000 civis foram mortos e vários milhares foram feridos pelas tropas que dispararam indiscriminadamente sobre a multidão entre dias 3 e 9 de Junho.

Alguns diplomatas em Pequim são da opinião de que o número dos mortos foi ainda mais elevado.

Líderes africanos e árabes participam nas comemorações da revolução líbia

Pelo menos 12 chefes de Estado africanos e do mundo árabe chegaram ontem a Trípoli para participar nas comemorações do vigésimo aniversário da revolução líbia.

Os países ocidentais, que suspeitam que Kadhafi apoia grupos revolucionários violentos, estiveram notoriamente ausentes.

O ministro italiano dos Negócios Estrangeiros, Gianni de Michelis, é a mais importante personalidade política da Comunidade Económica Europeia aguardada em Trípoli.

Ninguém representará a Grã-Bretanha ou os Estados Unidos, uma vez que não têm relações diplomáticas com Trípoli.

Londres cortou, em 1981, relações com a Líbia, após uma mulher polícia ter sido mortalmente alvejada à porta da Embaixada líbia em Londres.

Para além das comemorações do 20.º aniversário da revolução líbia, que levou o coronel Muammar Kadhafi ao Poder, realiza-se ainda em Trípoli uma cimeira extraordinária da União do Magreb árabe, constituída pela Líbia, Mauritânia, Marrocos, Tunísia e Argélia.

Esta cimeira extraordinária magrebiana será a terceira realizada pelos chefes de Estado da região e a primeira desde a criação da União do Magreb árabe.

Chegarão já a Trípoli, para

as cerimónias comemorativas do 20.º aniversário, os chefes de Estado da Argélia, Djibuti, Gabão, Gana, Madagascar, Marrocos, Moçambique, Somália, Sudão, Síria, Tunísia e Iémen do Sul e o líder da OLP, Yasser Arafat, que é reconhecido pela Líbia como presidente do Estado palestino.

O presidente Daniel Ortega anunciou na quarta-feira que pretende deslocar-se à Líbia e mais tarde seguir para Belgrado, onde participará na Cimeira dos Não-Alinhados.

Por seu turno, o presidente do Egipto, Hosni Mubarak, enviou um alto diplomata à Líbia em sua representação.

Moçambique: Igreja e Renamo retomam conversações

Dirigentes religiosos moçambicanos retomaram as conversações com o movimento rebelde Renamo, à porta fechada, em Nairobi — anunciou a imprensa da capital do Quênia.

Pelo menos três hierarcas católicos de Moçambique estão em Nairobi desde segunda-feira para participar nesta segunda ronda de conversações

para a paz em Moçambique, iniciada dia 13 deste mês.

Estas conversações para a paz em Moçambique decorrem sob a égide do Quênia e do Zimbábue, cujos presidentes, Daniel Arap Moi e Robert Mugabe, respectivamente, se encontraram em Nairobi no dia 7 de Agosto.

CONCESSIONÁRIOS

AMA

Auto Monumental do Arceiro

Audi



AUTOMÓVEIS • FURGONETAS • PEÇAS • SERVIÇOS • OFICINA

Av. Padre Manuel da Nóbrega, 8 — Telef. 894185/6778 — Telex 63 403 AMACAR — 1000 LISBOA

Em vésperas de eleições só para brancos

CRESCEM PROTESTOS «ANTIAPARTHEID» NA ÁFRICA DO SUL

Na África do Sul a polícia está a proceder a diversas operações destinadas a pôr termo à campanha de protestos desencadeada pelos activistas anti-apartheid que assim vêm manifestando a sua oposição em relação às eleições gerais da próxima semana, nas quais não participa a maioria negra. As autoridades têm levado a cabo diversas detenções e o presidente interino Frederik De Klerk anunciou o desmantelamento de uma rede de activistas anti-governamentais que se teria infiltrado no país.

Ontem, a polícia disparou gases lacrimogéneos para dispersar estudantes que se reuniam na Universidade de Witwatersrand. As forças policiais apareceram na Cidade Universitária depois de se ter iniciado um comício de protesto contra as eleições de 6 de Setembro e o estado de emergência em vigor há três anos. Um oficial da polícia anunciou que a reunião estava proibida precisamente à luz dessas leis. Uma patrulha antiterrorismo avançou contra os estudantes, tendo lançado gases lacrimogéneos.

Por outro lado, o presidente

interino Frederik De Klerk anunciou, durante uma parada da Academia de Polícia em Pretória, que tinham sido detidos nove membros do Congresso Nacional Africano, assim como dez colaboradores. Na operação foi apreendida grande quantidade de armas de origem soviética, incluindo minas, granadas e espingardas automáticas AK-47. Segundo De Klerk, este grupo infiltrara-se no país com o objectivo de perturbar as eleições.

Um porta-voz da polícia afirmou ainda que "da boca número" de activistas políticos tinha si-

do detido sem culpa formada durante os últimos dois dias mas não deu pormenores. Em Durban foi confirmada a detenção de quatro pessoas envolvidas no planeamento de protestos para o próximo fim de semana numa praia só para brancos.

Entretanto, correm rumores de que os sindicatos negros estão a preparar uma greve geral nacional para os dias das eleições. Entre os activistas ontem detidos e depois libertados, encontrava-se Jay Naidoo, secretário-geral do Congresso dos Sindicatos Sul Africanos (COSATO).

Possível Libertação de Mandela?

Em Joanesburgo surgem notícias segundo as quais o governo estaria a examinar a hipótese de libertação de Nelson Mandela após as eleições parlamentares da próxima quarta-feira. O Ministro da Justiça, Koebie Coetsee, citado pelo jornal "Die Volksblad", afirmou que o assunto iria merecer a atenção de De Klerk após as eleições de 6 de Setembro. Koebie

tem visitado periodicamente Mandela que se encontra sob guarda permanente numa residência do chefe da prisão de Paarl, perto da Cidade do Cabo. O Ministro da Justiça é apontado como um dos membros do governo favoráveis a uma rápida libertação do dirigente negro.

ANC: Nzo sucede a Tambo

O secretário-geral do Congresso Nacional Africano, Alfred Nzo, substituiu interinamente Oliver Tambo na presidência do movimento, devido a doença deste. Segundo a agência "France Presse", que cita uma fonte da organização, Nzo será o provável sucessor de Tambo, já que os estatutos do ANC preveem que em caso de morte ou incapacidade do presidente, o secretário-geral deverá acumular interinamente essas funções.

Em Lusaka, dirigentes do ANC declararam-se preocupados com o estado de saúde de Tambo, mas excluíram a hipótese de uma alteração da liderança.



Polícia de choque prende um jovem negro durante manifestação de estudantes contra as eleições presidenciais sul-africanas.

Líder parlamentar comunista afirma:

Domínio do PC polaco «está morto»

O líder dos parlamentares comunistas polacos afirmou que o domínio do seu partido «está morto» e que o triunfo da Solidariedade nas eleições parlamentares é a prova.

Marian Orzechowski considerou «anacrónica» uma cláusula na Constituição polaca que garante ao Partido Comunista o papel de líder do Estado.

Em entrevista ao jornal «Tribuna Ludu», órgão oficial do partido, Orzechowski disse:

«A Cláusula I do Artigo Terceiro da Constituição polaca está morta e não reflecte a realidade política e a real situação do nosso partido.»

Na semana passada, 15 deputados comunistas pediram ao Parlamento para a cláusula ser reti-

rada da Constituição. Porém, não foi ainda marcado o debate sobre a questão.

A central sindical Solidariedade esmagou os comunistas no dia 1 de Junho, nas eleições parlamentares, alcançando 260 dos 261 lugares a que se podia candidatar.

Entretanto, em Bona, o chanceler Helmut Kohl telefonou ao primeiro-ministro polaco, Tadeusz Mazowiecki, a formular votos de reconciliação entre os dois países.

Moldavo é língua oficial

O Soviete Supremo (Parlamento) da República Soviética da Moldávia declarou ontem a

língua moldava seu idioma oficial e aprovou o retorno ao alfabeto latino, em substituição da língua russa e do alfabeto cirílico.

O russo continuará, porém, como «língua de comunicação interétnica» também na Moldávia, o que constitui uma solução de compromisso com os 36 por cento de habitantes não-autóctones da República, que desencadearam greves de protesto pela alteração.

Foi «uma primeira vitória para os moldavos étnicos» — disse um porta-voz da Frente Popular Moldava, referindo que a língua moldava vai agora ser utilizada nos documentos oficiais, em reuniões públicas e nas actividades comerciais.

Meio século depois

Polónia em mudança reflecte sobre II Guerra Mundial

Se todos os países tem razões para comemorarem o quinquagésimo aniversário do início da Segunda Guerra Mundial, a Polónia tem-nas de uma forma muito particular.

Foi esta, em resumo, a mensagem que ficou da conferência de Imprensa concedida ontem na embaixada da Polónia em Lisboa.

As perdas totais da população da Polónia estão calculadas em cerca de 6 milhões de pessoas, isto é, o país com maiores perdas demográficas entre todas as nações que participaram na Segunda Guerra Mundial. A invasão alemã provocou a destruição de praticamente todo o país assim como o desaparecimento de cerca de metade do espólio cultural dos museus e bibliotecas nacionais.

«A tudo isto deve-se adicionar os prejuízos morais causados ao Estado e à sociedade polaca os quais são, pela sua natureza, irreversíveis» — afirmou Ryszard Tomaszewski, o encarregado de negócios e responsável da representação diplomática polaca em Portugal. Recorde-se, que neste momento espera-se a nomeação pelo ministério dos Negócios Estrangeiros da Polónia de um novo embaixador para a representação em Lisboa.

No seu encontro com os jornalistas, Ryszard Tomaszewski referiu-se às mudanças internas verificadas ultimamente na Polónia que «não teriam sido tão grandes se não houvesse a perestroika na União Soviética» — disse.

Referindo-se ao contexto das mudanças no Leste europeu, Ryszard Tomaszewski, frisou a especificidade das alterações socio-políticas na Polónia pressionadas por movimentos populares capazes de influenciar as altas esferas do Governo — contrariamente ao que se passa por exemplo na Hungria. Em relação à URSS referiu o facto de ainda não se ter conseguido criar as condições para a existência de um sistema político pluripartidário, numa altura em que as autoridades vivem sobre fortes pressões na república do Báltico. Finalmente, no que se refere à Checoslováquia, a estabilidade económica é um factor que contribui para a relativa acalmia nas reformas políticas daquele país.

Em foco estiveram também as relações polaco-germânicas que passam neste momento um período de alguma tensão. O chanceler Helmut Kohl deveria ter visitado a Polónia no passado mês de Junho. A viagem foi adiada pelas autoridades alemãs federais, o que causou alguma surpresa ao Governo polaco. Neste momento a visita ainda não foi agendada, no entanto pensa-se que ela poderá vir a ocorrer em fins de Setembro. Os observadores apontam para a possibilidade de se vir a assistir a um verdadeiro braço-de-ferro diplomático. Uma das questões quentes: o reanclar do problema da minoria alemã na Polónia.

Judeus polacos protestam contra «ocupação» católica de Auschwitz

O líder da comunidade judaica da Polónia, Pinchas Menachem Joskovich, recusou-se hoje a participar nas cerimónias do quinquagésimo aniversário do início da Segunda Guerra Mundial.

Com esta atitude, Joskovich protesta pelo facto de a Igreja Católica se recusar a demolir o convento das carmelitas existente no campo de concentração de Auschwitz.

O templo foi construído no campo em 1984 para — segundo a Igreja Católica — orar pelos quatro milhões de pessoas que nele perderam a vida. A quase totalidade das vítimas eram de origem judia.

Joskovich exigiu publicamente que o primaz católico da Polónia, Josef Glemp, se retracte das declarações proferidas na passada semana e que, em sua opinião, são anti-semitas.

«Não nos falem da posição de uma nação que está acima de todas as outras e não nos imponham condições que não podem ser cumpridas», disse Glemp, no passado sábado.

O líder da comunidade judaica anunciou que não participará nas «orações conjuntas» programadas para Auschwitz porque se sente «perturbado com a cruz e com o convento carmelita» do campo.

As cerimónias, que decorrem sob o lema «guerra, nunca mais», evocam a invasão da Polónia pelas tropas nazis em 1 de Setembro de 1939.

Entretanto, o cardeal polaco Franciszek Macharski regressou hoje a Varsóvia após conversações com responsáveis do Vaticano sobre um diferendo entre católicos e judeus polacos originado pela construção do convento carmelita no campo de concentração de Auschwitz.

Fontes do Vaticano assinalaram que Macharski se avistou com líderes religiosos e poderá ter também analisado o conflito com o Papa.

Os 50 anos do início da II Guerra Mundial, ver páginas 12 a 17.

Espanha

Felipe Gonzalez anuncia hoje antecipação de eleições

O primeiro-ministro espanhol, Felipe Gonzalez, anuncia hoje a antecipação das eleições legislativas, após ter consultado o Conselho de Ministros, informaram fontes oficiais. Os últimos dias de Outubro, provavelmente 29, é a data prevista para a consulta eleitoral, sete anos depois da primeira vitória eleitoral do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE). As eleições terão que ser realizadas entre 54 e 60 dias após a dissolução das cortes, de acordo com a legislação espanhola. Entretanto, o presidente do Partido Popular, Manuel Fraga Iribarne, líder histórico da direita, propôs no fim-de-semana a nomeação de José Maria Aznar, de 36 anos, como candidato a defrontar Felipe Gonzalez nas prováveis eleições de Outubro. Os partidos políticos da oposição e os sindicatos reconhecem que Gonzalez tem competência para dissolver as cortes, mas não estão de acordo com a antecipação eleitoral, acusando os socialistas de «oportunismo». As prováveis eleições de Outubro não irão coincidir com as regionais da Galiza, sendo também pouco provável que se realizem conjuntamente com as de Madrid.



Os vivos mudam o mundo. Os mortos também. Às 4 horas e 45 minutos de 1 de Setembro de 1939 abriu-se, ainda tão imprecisa, a morte para 50 milhões. Do Ocidente ao extremo Oriente da Europa, germanos, latinos, anglo-saxónicos, normandos, escandinavos e eslavos foram de súbito e misteriosamente postos face a uma mudança que, cinquenta anos depois, agora, tem já instaladas na banalidade as profundas mudanças da Europa moderna mas deles para isso usou a sua morte e o seu esquecimento. Do anonimato vieram e ao anonimato retornaram. Estrumaram terras da política, da economia e da cultura. Durante quase seis anos, a Segunda Guerra Mundial fez aqui subir até muito alto um colossal geysir vermelho, confundiu em uma única lama monstruosa e de incandescente sofrimento toda a Europa, do Ocidente ao Leste, dos Balcãs à Noruega, do mediterrânico norte de África à Escócia. Inimigos e amigos, democratas, nazis, fascistas e comunistas arderam numa chama perfeita, uniram-se por um monstruoso saber da espécie e das consciências, partiram por um oceano de fogo implacavelmente homogéneo e vasto. Foram ligados por bom cimento. Construíram a primeira CEE, a CEE alargada, a CEE do sangue deles, a do sangue dos seus cinquenta milhões de corpos - tão, tão semelhantes aos nossos... - e entraram, um a um, na destruição, por entre gritos de pavor que hoje ainda, talvez, com um pouco de afectiva e atenta escuta, possam ser ouvidos.

Remember.

OS BLUFFS DE HITLER DO PRIMEIRO AO ÚLTIMO

Paulo David

Nada fala das operações da Segunda Guerra Mundial (com a excepção do Timor Português) a evocação que nesta e nas cinco páginas seguintes hoje fazemos para assinalar os 50 anos do dia 1 de Setembro de 1939, quando terminaram os bluffs de Hitler e a tragédia começou. Milhares de documentos, alguns ainda escondidos, abundantes relatos de testemunhos pessoais, romances, filmes, reportagens fotográficas, monumentos em memória de..., ruínas ainda cuidadosamente preservadas em partes desta nossa Europa que sofreu o cataclismo - o que foi essa guerra está suficientemente documentado para todos os que o queiram saber. Preferimos lembrar o que a antecedeu e gerou, talvez como aviso. Preferimos uma nota sobre o aparente escândalo do progresso que ela trouxe (trataremos do salto em frente dado pela rádio, mas outros avanços da ciência e da tecnologia haveria de assinalar...) e fica, ainda, o necessário texto sobre as consequências, muito actuais, do pacto germano-soviético, que a União Soviética pretendeu esquecer durante meio século mas agora, com a glasnost, reconheceu finalmente como filho legítimo.

Reconhecimento, aliás, coincidente com a confirmação das fronteiras na Europa Central, então feita por Hitler e Estaline e que os herdeiros deste último querem conservar, sobretudo no que respeita às Repúblicas Bálticas, Estados soberanos antes do entendimento Moscovo-Berlim, em Agosto de 1939. Quanto às memórias portuguesas, vistas de Lisboa, usamos dois testemunhos pessoais - um do próprio primeiro dia da guerra e outro sobre os anos do conflito. Mas desenterramos também o espinho dessa memória colectiva do que foi, para Portugal, a Segunda Guerra Mundial: a invasão japonesa de Timor. A ela o Governo de Salazar assistiu calmamente, impondo o escândalo de uma neutralidade que, para os políticos de Lisboa e de Tóquio, foi habilmente diplomática, mas para os portugueses, civis e militares e para os indígenas de Timor teve a inesquecível carga do abandono, do sofrimento e da vergonha. Comece-se por onde a Segunda Guerra Mundial principiou, com a invasão da Renânia, pelas tropas nazis, em 1934.

Nos últimos dias de 1924, imediatamente depois da prisão sofrida em resultado do abortado putch de Munique, Hitler termina o manuscrito do «Mein Kampf». Mais precisamente na última semana de Dezembro de 1924, entre o Natal e o Ano Novo, Hitler refugia-se em Berchtesgaden, num pequeno chalet isolado, perto do Platterhof, e dita as últimas páginas do livro, que Rudolf Hess ia depois corrigindo febrilmente. Chegado o texto dactilografado às mãos do editor (e protector...) Muller, este quase desmaia. Esperava uma série de apetitosas revelações sobre escândalos políticos e, afinal, tem diante de si um maciço volume de doutrinação política, de teor e encantos muito controversos. E, pior ainda, Hitler escolheu este desesperante título «Quatro anos e meio de luta contra a estupidez e a cobardia».

Mais de dez anos depois, em 1936, na madrugada de 7 de Março, três simples batalhões do Exército alemão, atravessam o Reno e invadem a Renânia, onde os militares alemães estavam proibidos de entrar pelo Tratado de Versailes. Tomam Aix-la-Chapelle, Treveris e Sarrebruck. Era território reivindicado pela Alemanha, o primeiro na linha da vingança contra a humilhação infligida pelos negociadores aliados, em 1919. Foi também o primeiro bluff militar de Hitler.

«...aquartelamentos de tempo de paz...»
Paris e Londres pouco reagem.

A população local recebe bem os militares alemães. Na biografia de Hitler, escrita por Pierre e Renée Gosset, diz-se, a propósito do episódio: «Durante cinco horas, Adolfo Hitler, nervoso, medindo a passos largos o seu gabinete na nova Chancelaria do Reich, em Berlim,

espera o incidente, a escaramuça, a reacção local que poderia arruinar o seu bluff. Ao meio-dia ainda nada havia ocorrido. Ganhara a partida.

Saltou então para a tribuna do Reichstag, convocado de urgência, e anuncia: «Homens do Reichstag alemão,

nesta hora histórica em que, nas províncias ocidentais do Reich tropas alemãs ocupam, neste mesmo minuto, os seus futuros aquartelamentos de tempo de paz...». Gritos frenéticos abafam a sua voz.

Estava levantada no horizonte a sombra da Segunda Guerra Mundial e dos seus 50 milhões de mortos.

O êxito da operação levou Hitler a confiar na sua intuição e a desprezar a opinião dos generais alemães, que se tinham oposto à invasão da Renânia. O passo seguinte foi a grande purga nas fileiras do Exército. Queria ter as mãos livres para os seus planos de política externa.

Dá cá, toma lá

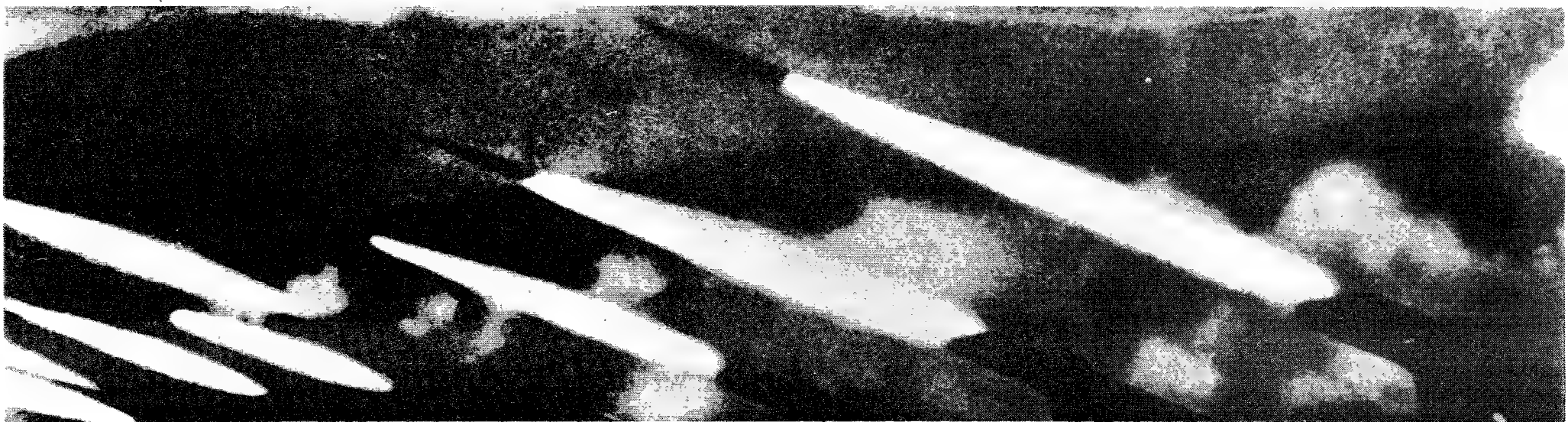
Em 1937, o então comandante no activo, coronel von Fritsch, tentou travar a expansão militarista de Hitler bem como a penetração do partido nazi entre os militares. Muitos generais alemães estavam, por questão de inteligência se não só de casta, contra as políticas interna e externa do fuhrrer. Von Blomberg, embora nomeado ministro da Guerra por Hitler, também tinha as suas dúvidas.

Por esta razão, von Fritsch e von Blomberg atreveram-se a alegar falta de preparação militar para a execução dos planos hitlerianos de expansão externa. Hitler decidiu reagir.

Anos antes, em 1934, a 11 de Abril, o ditador havia tido, a bordo do cruzador «Deutschland», embarcando em Kiel e dirigindo-se a Koenigsberg, uma reu-



1 de Setembro de 1939



nião com as mais altas chefias das militares alemãs. A negociação era directa e vital: as Forças Armadas aceitavam Hitler como sucessor do velho marechal von Hindenburg e, por seu lado, o fuhrrer comprometia-se a meter na ordem o partido nacional-socialista, sobretudo a parte mais desordeira, violenta e socialista, os S.A., de Rohm.

Acrescia que Rohm já tinha sob as suas ordens efectivos de forças paramilitares superiores aos do próprio Exército alemão. Desagrado dos generais (mais tarde, eles aceitariam, à força, as S.S., de Himmler).

Os militares concordaram com a troca e nesse mesmo ano, depois de muita e angustiada hesitação, Hitler cumpre a sua parte, com a Noite das Facas Longas, a 30 de Junho. Quatro anos depois, em 1938, entende chegado o momento de consolidar o domínio que já exercia sobre o Exército.

Generais maravilhados

Perante a tentativa de resistência de Fritsch e von Blomberg, lança contra eles a calúnia. Aparecem dossiers com «provas», segundo as quais Blomberg tinha casado com «uma mulher de reputação duvidosa, que não reunia as condições sociais necessárias para ser esposa de uma individualidade tão altamente colocada na hierarquia do Estado». Por seu turno, Fritsch foi acusado de homossexualidade, por Himmler e Goering. A falsidade das acusações seria posteriormente comprovada mas já era tarde demais: Fritsch e von Blomberg estavam neutralizados.

Com a morte de von Hindenburg, também em 34, Hitler passa a Comandante Supremo das Forças Armadas. O passo seguinte é o afastamento de 16 generais e a transferência de posto de mais 44, enquanto Goering sobe a marechal para que mais claro ainda seja o mando

de Hitler sobre as Forças Armadas.

Chegamos a 11 de Março de 1938, é a invasão da Áustria. Dois dias depois começam milhares de detenções em Viena e é oficialmente proclamada a anexação. A 14 de Março, Hitler visita a capital austríaca, sendo aclamado nas ruas.

Entretanto, o rearmamento nazi acelerara por modo vertiginoso. No Verão de 35, os generais alemães sentem-se maravilhados, quase estonteados, com os efectivos prometidos pelo fuhrrer: trinta e seis divisões e 550.000 homens. Mas já no Verão seguinte, os efectivos sobem para 1.510.000 militares.

Só diplomacia, só diplomacia

A invasão da Checoslováquia ocorre cerca de seis meses depois da anexação da Áustria. Mussolini, que de princípio não tivera uma relação fácil com Hitler, apoia-o inteiramente. O fuhrrer mande dizer que «nunca, nunca o esquecerá». Nas semanas que precedem a invasão, ingleses e franceses desenvolvem repetidas diligências junto da Chancelaria de Berlim, mas é só diplomacia. A audácia e os nervos de aço de Hitler, já com boas provas dadas no passado próximo,

não vacilam.

O general Jodl faz o elogio do fuhrrer que, sem disparar um tiro e sem fazer rebentar uma guerra europeia, conseguiu nova conquista para o Reich. Em Londres, na oposição, Churchill avisa: «Estamos perante uma catástrofe de grande magnitude».

Para outros principiara também a catástrofe. Estava bem claro no «Mein Kampf» a ideia da perseguição dos judeus e a sua discriminação já começara na Alemanha mas o assassinio de um diplomata nazi, em Paris, por um jovem judeu, desencadeia a tragédia com toda a violência e o seu término só se daria em 1945, depois da morte de cinco milhões de judeus.

Desagradável, pelo menos

A conferência de Munique funciona como um tónico para Hitler. É diferente, em relação ao anterior comportamento, a sua tática para a anexação da Boémia, da Morávia e de Memel e para o estabelecimento do protectorado sobre a Eslováquia. Hitler, consciente da sua força, dá preferência a acções diplomáticas e a pressões políticas que, aliás, sabe serem praticamente ir-

resistíveis. Mas é evidente que o objectivo do ditador se chama Danzig e que ele quer unir, de novo, ao território alemão, a Prússia Oriental, que ficara separada do Reich em resultado do Tratado de Versailles.

A Grã-Bretanha alarma-se, enfim, tanto mais que chegam a Londres informações assustadoras sobre o rearmamento alemão, incluindo o desenvolvimento da Armada nazi, facto desagradável, pelo menos, para os ingleses. Hitler dá largas ao seu rancor. O bluff acabou, tudo o que pode fazer agora é ganhar tempo mas dentro do prazo relativamente curto que ele próprio determina. Inicia os preparativos da Operação Branca - a invasão da Polónia.

Hitler em fúria

Quando Roosevelt interroga Hitler sobre os seus futuros projectos de expansão, o ditador responde, a 28 de Abril, com um virulento discurso no qual, porém, evita habilmente dar qualquer resposta concreta. E durante todo o Verão afasta-se da vida pública, retira-se, prefere não ser obrigado a falar. Mas não está inactivo.

Mantem a pressão da propaganda nazi sobre a Polónia, desenvolve uma actividade diplomática muito discreta em Londres e Paris, reforça os laços com a Itália e prepara o golpe final: a aproximação com Moscovo.

Já em Junho tinham sido, aliás, feitas as primeiras sondagens. Mas a ligação Berlim-Moscovo acelera e torna-se frenética a actividade na segunda metade de Agosto. Hitler lança um apelo directo a Estaline, dizendo que 22 ou 23 de Agosto já seria um pouco tarde para a assinatura do tratado germano-soviético. A resposta de Estaline não se fez esperar: «O Governo soviético - afirmou num telegrama dirigido a Hitler - autorizou-me a informá-lo de que concorda com a chegada de von Ribbentrop a Moscovo no dia 23 de Agosto». Ribbentrop está em Moscovo ao meio dia de 23 e, às primeiras horas do dia 24, é assinado o tratado.

Londres, conhecedora da preparação do acordo germano-soviético, faz uma diligência junto de Hitler e avisa-o de que o Reino Unido está pronto a usar todas as forças de que dispõe e que será impossível prever o fim das hostilidades,

uma vez começadas. A reacção do fuhrrer é de fúria, culpabilizando a Inglaterra de instigar a guerra.

Perante o impasse, é assinado o Tratado de Ajuda Mútua entre o Reino Unido e a Polónia. A assinatura ocorre quase em simultâneo com a declaração de Mussolini de que o seu povo ainda não se encontrava preparado para a guerra.

E, a 28 de Agosto, Hitler, após algumas hesitações, marca para as 4 horas e 45 minutos de 1 de Setembro de 1939 a invasão da Polónia.

Fontes:
Exclusivo EFE, por Evostof
Pierre e Renée Gosset, «Hitler», 1º vol., Aster, Lisboa, 1984



PACTO HITLER-ESTALINE AINDA É PERIGOSO

Emmanuel Imaite

Exclusivo F. Presse/DL

Há 50 anos, a Alemanha nazi e a URSS assinavam um pacto de não-agressão que ficou na história, para muitos, com o nome de «Pacto Hitler-Estaline», que permitiu, um ano mais tarde, primeiramente a anexação de uma parte da Polónia e, depois, a dos três Estados bálticos. Para festejar o quinquagésimo aniversário da assinatura deste documento, os lituanos, letões e estónios formaram, em 23 de Agosto último, uma gigantesca cadeia humana com cerca de 620 quilómetros, unindo as capitais dos três Estados bálticos: Tallinn (Estónia), Riga (Letónia) e Vilnius (Lituânia).

Na Polónia, que o pacto Hitler-Estaline dividiu, o Parlamento tomou por unanimidade uma resolução condenando o texto de 1939 e o seu protocolo secreto adicional. Preparado pelo grupo parlamentar Solidariedade, a resolução estigmatiza o pacto como uma «vergonha moral» e um tratado «contrário aos princípios do direito internacional».

O vigor com o qual as populações bálticas e polacas se manifestam contra o acordo germano-soviético, demonstra a importância política que ele continua a ter e a fonte de novas tensões que poderá representar.

A Lituânia em troca de milhões de dólares

Nem Hitler nem Estaline assinaram o documento de 23 de Agosto, mas sim os seus ministros dos Negócios Estrangeiros, respectivamente o alemão Joachim von Ribbentrop e o soviético Viatcheslav Mikhaïlovitch Molotov.

A importância do texto não se põe em termos de tratado de não-agressão entre a Alemanha e a União Soviética, mas sim em relação ao seu protocolo adicional secreto, que dividia a Europa Central em «duas esferas de interesse».

Hitler ocuparia a parte Ocidental da Polónia até ao limite traçado pelo San, o Narev e o Vístula, enquanto a esfera de interesse soviética englobava a parte Oriental da Polónia, a Finlândia, a Estónia e a Letónia.

A cooperação germano-soviética não se limitou à assinatura do tratado e do seu protocolo secreto, prolongando-se por mais 22 meses, até 22 de Junho de 1941 e incluindo mais dois outros tratados. A 28 de Setembro do mesmo ano, os dois países firmavam um tratado de amizade e, em 10 de Janeiro de 1941, subscreviam um segundo protocolo secreto, que modificaria os termos do tratado inicial, de 23 de Agosto de 1939.

Esta modificação atingia a Lituânia, que a Alemanha aceitava ceder à União Soviética, em troca de um pagamento equivalente a 7,5 milhões de dólares, padrão ouro. A URSS, por seu lado, comprometia-se ao pagamento de um oitavo desta soma em metais diversos e do restante em ouro.

Atraso de 50 anos

O texto original alemão foi destruído durante a guerra e ninguém sabe o que

pode ir muito longe na problemática da independência nacional que reclamam as Repúblicas bálticas, livres e soberanas antes da Segunda Guerra Mundial.

Quando o navio balança

É sob esta óptica de independência que o Movimento Nacionalista Báltico (estónio, letão e lituano) desenvolve o seu discurso actual, arriscando fazer perigar a estabilidade da União Soviética e, consequentemente, a estabilidade da Europa.

O cuidado do porta-voz adjunto do Ministério soviético dos Negócios Estrangeiros, Youri Gremitzkitch, a propósito das manifestações nos Estados bálticos, tem o mérito da clareza: «Se o navio soviético multinacional começa a balançar muito, o navio europeu também balançará e, depois, será o mundo inteiro.»

Convém distinguir a importância do nacionalismo báltico em cada um dos três Estados. Na Letónia, milita um «Movimento para a Independência Total», apoiado pelo Ocidente. Em 23 de Agosto último, três deputados conservadores alemães-federais (Hans Huym, Claus Jaeger e Wilfried Boehm), um senador republicano americano (Robert Kasten) e um membro da Dieta polaca (M. Romachenski), do Solidariedade, assistiram à conferência internacional que este pequeno movimento organizou em Riga. Diferentemente, a «Frente Popular», menos radical, goza de uma vasta simpatia na população letónia.

Não esquecer

Na Estónia, a «Frente Popular» é dirigida pelas mais altas autoridades da República, representando o vice-primeiro-ministro Edgar Savisaar uma tendência mais agressiva do que a do primeiro-ministro Indrek Toome.

Por fim, na Lituânia, o movimento Sajudis está dividido. Os seus dirigentes não se entendem quanto ao grau de independência pretendido.

Não podemos esquecer, no entanto, que cerca de 1,4 milhões de lituanos em idade de votar, assinaram uma petição contra o pacto Hitler-Estaline, reclamando a «partida das forças soviéticas ocupantes».

Se é verdade que as consequências do pacto Hitler-Estaline são hoje tão importantes para a URSS, para Europa e para a paz de um modo geral, não é menos verdade que o acordo foi redigido de forma quase anedótica, pouco respeitando as fórmulas e os usos diplomáticos.

A caixa de biscoitos

Já referimos o desaparecimento do documento original alemão, mas existe uma cópia nos arquivos do Ministério dos Negócios Estrangeiros de Bona.

Em 1943, Ribbentrop manda microfilm os arquivos importantes do seu Ministério, com receio de um bombardeamento aliado. Em 1945, o chefe da diplomacia hitleriana ordena a transferência para um local mais seguro dos arquivos e microfilmes e foi, então, graças à sagacidade de um funcionário

(M. Carl von Loesch, intérprete de inglês) que os historiadores de hoje têm acesso a uma cópia autêntica do documento original.

M. Loesch, com efeito, recusou-se, em Março de 1945, a executar os ordens do seu superior (Ribbentrop) no sentido de proceder à destruição de todos os documentos comprometedores, pois o avanço das tropas aliadas já não deixava dúvidas sobre o desenlace da guerra.

Nas suas memórias, Loesch narra como escondeu cerca de 30 microfilmes numa caixa metálica para biscoitos, depois de os envolver num tecido saturado de gordura, para os defender da humidade. E, uma noite, foi enterrá-la no parque da propriedade de Schoenberg, próximo de Muelhausen, na Turíngia. Loesch refugiara-se nessa propriedade depois de haver conseguido sair de Berlim. Escolheu o esconderijo junto a uma árvore que era facilmente identificável, assim preservando tão precioso espólio.

Acordo cheio de erros de ortografia

Uma vez a guerra terminada, Loesch travou conhecimento com um oficial britânico, a quem confiou o seu segredo. Em 14 de Maio de 1945, a caixa de biscoitos foi desenterrada. Estava um pouco enferrujada por fora mas o seu conteúdo encontrava-se intacto. Os documentos foram imediatamente expedidos para Londres e aí depois inventariados, analisados e, mais uma vez, microfilmados.

Estes documentos, bem como outros dos arquivos do III Reich que caíram na posse de americanos e ingleses, foram progressivamente entregues a Bona, até Janeiro de 1959. Pouco antes da recente visita de Gorbatchev à RFA, o Governo alemão-federal ofereceu a uma delegação soviética uma cópia do precioso microfilme.

Trata-se de um documento dactilografado em papel perfeitamente normal e cuja leitura surpreende pela enormidade de erros ortográficos, de sintaxe e de dactilografia. O texto é também rasurado e emendado, o que não é, pelo menos, habitual em tratados internacionais. Segundo os historiadores alemães-federais, estes pormenores testemunhariam a vontade de Hitler e Estaline chegarem a um acordo o mais rapidamente possível.

Na RFA, o 50.º aniversário do «pacto diabólico» (como foi apelidado pela Imprensa) ocasionou tomadas de posição de apoio à causa nacionalista das Repúblicas bálticas, visto a RFA não reconhecer juridicamente a anexação dos três Estados bálticos pela URSS.

Muito ao contrário, na RDA, o aniversário do pacto passou em silêncio. O vento da «Glasnost» não sopra na República de Erich Honecker.

Tradução de Paula Santos



O Pacto Hitler-Estaline está vivo, ainda muito vivo. Poucos, nos territórios que foram afectados pelo pacto, pensam ou sentem que ele seja uma antiguidade histórica, de cinquenta anos, boa só para a memória dos velhos. As populações, por ele atingidas na sua soberania nacional, movem hoje, mais forte do que nunca, o seu protesto. E, aqui, imagem da manifestação anti-Pacto Hitler-Estaline que, no passado dia 27 de Agosto, poucos dias depois do aniversário do tratado, reuniu milhares de pessoas na Moldávia

O SALTO EM FRENTE DA RÁDIO

Emídio Rangel
Fotos Francisco Paraíso

Durante a Segunda Guerra Mundial, a Rádio transformou-se numa arma de propaganda política ao serviço dos contendores. Antes, a sua eficácia na guerra psicológica já tinha sido testada, com vários resultados, em Espanha, durante a Guerra Civil; na China, no conflito entre japoneses e chineses; no Norte de África, nas lutas independentes que ali se travam. Assim, quando a Alemanha inicia a guerra a Rádio na Europa se encontra concentrada nas mãos do Estado, na generalidade dos países; a sua condição de meio persuasivo está perfeitamente identificada; os seus recursos técnicos permitem ultrapassar fronteiras e garantir condições de escuta eficazes.

Milhões à escuta

A guerra veio ampliar estas capacidades já instaladas e a Rádio transformou-se no instrumento de penetração ideológica por excelência. A (des)informação reina sobre toda a programação e a Rádio converte-se no meio obrigatório para milhões de pessoas que todos os dias, carregadas de ansiedade, querem ouvir notícias do conflito bélico em curso.

Públicos «desprotegidos» são bombardeados em emissões vindas de todos os lados. Em 1943, ano do máximo apogeu nazi, chegam a ser emitidos diariamente 53 serviços de notícias em línguas diferentes a partir da Alemanha ou por postos sob controlo nazi; a BBC, na mesma ocasião, difunde 50 serviços diários de notícias em línguas distintas, para além da inglesa.

Notícias manipuladas, forjadas, encenações radiofónicas de reportagens, discursos inflamados, tudo serve para influenciar as populações, garantir a coesão da «frente interna», intoxicar os adversários.

A Rádio converte-se, deste modo, no mais importante meio de informação durante a guerra, aprisionando milhões de pessoas desorientadas aos receptores.

A Alemanha é o primeiro país a perceber a importância da Rádio assim usada. Os seus planos de guerra não prescindem, a n t e s, do pressuposto, a utilização da Rádio. As tropas de Hitler à medida que vão conquistando países, submetem as respectivas emissoras nacionais ao controlo nazi e

ampliam a rede do Reich.

Em 1943, na Alemanha, existem já 16 milhões de receptores e calcula-se uma audiência potencial de 90 em cada 100 pessoas.

Os cinco princípios de Goebbels

Goebbels é o arquitecto das mais sofisticadas técnicas de propaganda na rádio nazi. Gutierrez Espada resume assim os princípios dessa técnica propagandística.

1 - Simplificação. Em vez de uma longa e justificada exposição, slogans curtos e claros.

2 - Exagero. Manipular habitualmente as notícias importantes, citar fora do seu contexto ou acentuar apenas o que é favorável.

3 - Repetição. Goebbels considerava exemplar a Igreja Católica, atribuindo o seu poder à circunstância de repetir as mesmas mensagens desde há séculos. Assim, para

manter o povo em contínua exaltação, o que variava era o ritmo de apresentação e a intensidade dos planos políticos. As mensagens, embora em diversas formas, eram as mesmas.

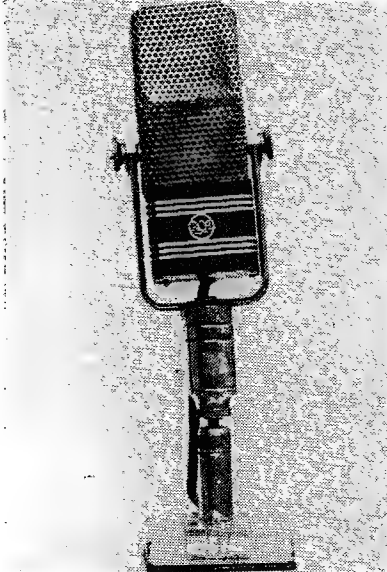
4 - Contágio. Mediante manifestações massivas (desfiles, discursos, etc.) produzia-se uma pressão inevitável do grupo na opinião do indivíduo. Na rádio, complementava-se este fenómeno com a audição colectiva (a família alemã unida ouvindo a voz do Führer) e as inevitáveis interações de influências próximas e imediatas.

5 - Transferência. Goebbels sabia que em propaganda é preciso partir de convicções preexistentes no povo. Assim, por exemplo, se utilizaram todos os velhos rancores surgidos em consequência da derrota alemã na Primeira Guerra Mundial.

A BBC entra na guerra da propaganda

Estes princípios foram aplicados até à exaustão nas mais diversas circunstâncias. Particularmente relevantes eram os discursos de Hitler, à noite, e as reportagens forjadas da frente de combate, realizadas inteiramente em estúdio com o auxílio de um arsenal de efeitos sonoros impressionantes.

Quando a maior parte do continente europeu estava sob domínio das forças de Hitler, a BBC era, na



Um microfone de fita RCA, 74 - B, Júnior, de 1940-42

prática, o único bastião seguro que respondia a esta batalha.

De início mal preparada para a guerra de propaganda, a BBC não teve outra alternativa que não fosse a de se adaptar à realidade e responder às «ondas avassaladoras» do Reich. O reforço do controlo governamental da BBC foi decisivo para concretizar essa resposta. As emissões multiplicaram-se para atingir a Alemanha e os territórios ocupados. Em 1943, a BBC garantia semanalmente 35 horas de emissão em 23 línguas diferentes (holandês, checo, francês, norueguês, italiano etc.).

De Gaulle ao microfone

Eram especialmente relevantes as emissões da BBC em língua francesa. De Gaulle falou ao povo francês 67 vezes nestas emissões e as suas intervenções foram decisivas para regenerar o moral francês abalado pelo desastre de 1940 e, depois, pelos cantos de sereia do Marechal Pétain, proclamado salvador da Pátria francesa.

Para a história ficaram também as emissões em francês conduzidas pelo realizador de cinema Michel Saint Denis, a partir de 1940. São emissões que desmistificam a propaganda da Alemanha e do Governo de Vichy, ajudam a Resistência francesa e, em código, anunciam de 1 a 5 de Junho de 1944 o desembarque iminente na Normandia.

Não podem ficar sem referência neste breve relance sobre a rádio no período da Segunda Guerra Mundial, os chamados centros de produção de interferência ou de empastelamento e as Rádios Negras.

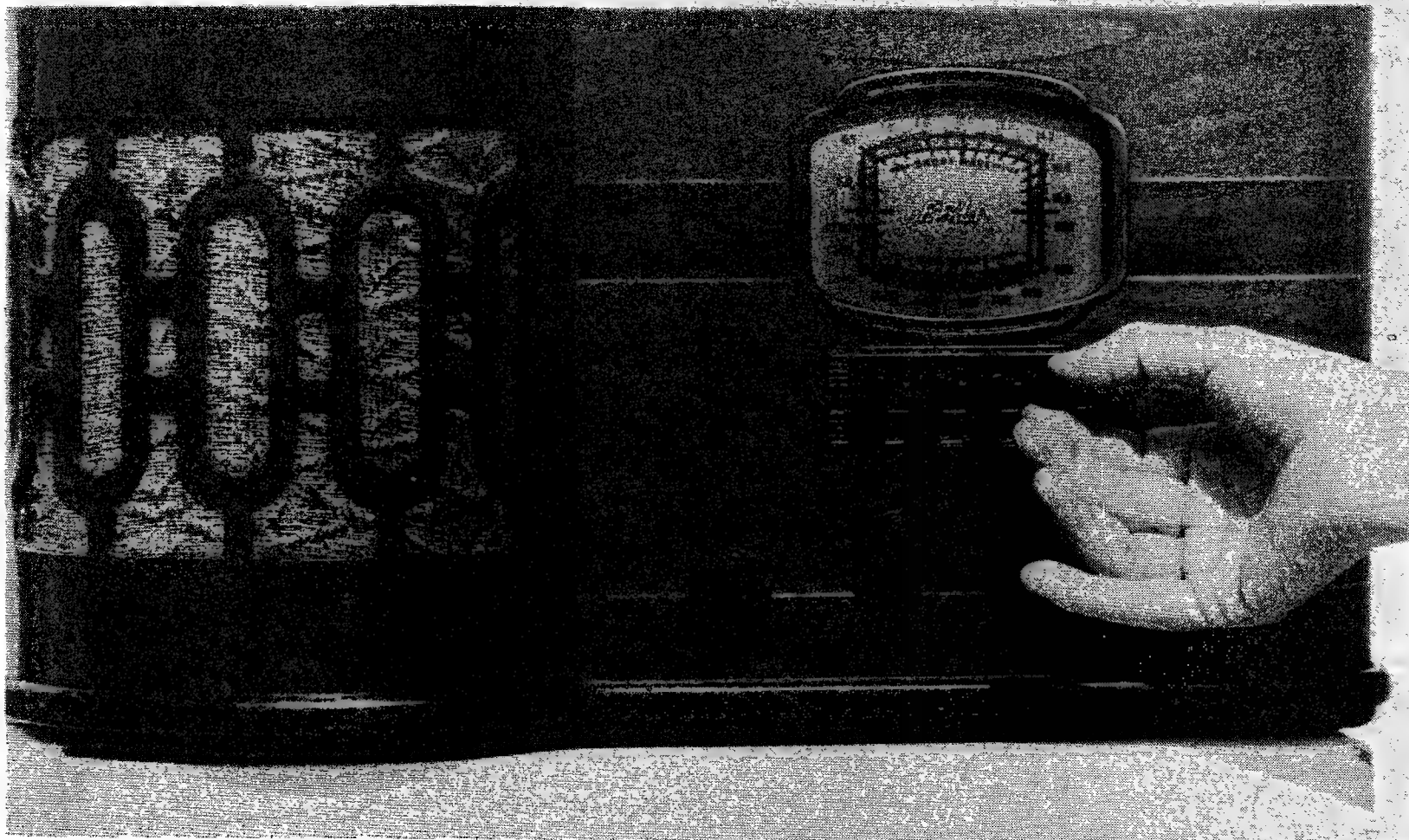
Quando determinadas emissões começavam a ser muito escutadas e os seus efeitos eram sentidos, entravam em funcionamento os centros de interferências. O objectivo era fazer descer ou mesmo impedir a escuta através de emissões na mesma frequência, com ruídos estudados.

As Rádios Negras eram armas psicológicas importadas. Escondiam a sua origem e envenenavam como

podiam a opinião pública dos países inimigos. Pierre Albert e A. J. Indesq citam em especial o caso de uma rádio dirigida por Sefton Delmer, que se fazia passar por uma rádio secreta a operar a partir da própria Alemanha.

Outro exemplo é o da Rádio Livorno. Para o comum dos ouvintes tratava-se de uma emissão feita a partir de uma emissora instalada num navio de Livorno.

Sem dúvida a Rádio foi durante a guerra o mais importante meio de comunicação, arma poderosa perante a opinião pública imprevista para decodificar a verdade e a mentira. Com o fim da guerra, explode a Televisão e a Rádio é remetida para um papel secundário.



Peça do nosso futuro Museu da Rádio, em organização pela RDP. Trata-se de um Erla, construção americana de 1939-1940. Já era um superheterodino, um grande avanço tecnológico sobre os anteriores receptores de reacção. Tinham maior alcance, permitiam ouvir as vozes que vinham de longe, que vinham da guerra

TIMOR 1942: A VERGONHA DA NEUT

Paulo David

A invasão japonesa do Timor português, em 1942, começou, muito provavelmente, seis anos antes. Em 1936, uma firma japonesa pede, e obtém, o seu registo oficial em Dili, para actividade comercial, ligada à agricultura. Não há, hoje, qualquer dúvida, de que a coberto do comércio os japoneses dessa firma se dedicaram activamente à recolha de informações, mais tarde úteis à tomada da decisão de invadir Timor e à respectiva ocupação. Fizeram, enfim, espionagem. Três anos depois, em 1939, colocavam até capitais em Timor, investindo-os na firma portuguesa Sociedade Agrícola Pátria e Trabalho, que era propriedade de descendentes do antigo governador de Timor, Celestino da Silva.

Acresce que os japoneses fizeram também vários pedidos para, através da empresa portuguesa, procederem a prospecções petrolíferas. Isto arrastava, naturalmente, levantamentos cartográficos do terreno (com evidente aproveitamento militar) e uma informação actualizada sobre os possíveis potenciais do território como produtor de petróleo. Esta primeira e suave fase da futura invasão seria completada, a 4 de Outubro de 1941, com a instalação de um consulado do Japão em Dili. Dois meses depois, dava-se o ataque japonês a Pearl Harbour. Faltava pouco mais de dois meses para a invasão militar da colónia portuguesa, em 19 e 20 de Fevereiro de 1942.

Tarde demais

Dez dias passados sobre a tragédia de Pearl Harbour, forças holande-

sas (cerca de 450 homens) e australianas (350 homens) desembarcaram em Timor Leste. Estamos a 17 de Dezembro de 1941. O Governo de Lisboa, previamente consultado, através do Governo britânico, responde que só aceitará esse auxílio aliado se os japoneses invadirem Timor, não antes.

O argumento usado é o da coerência com a nossa posição oficial de neutralidade na Segunda Guerra Mundial e por recear que, se se concordasse com a acção dos Aliados, isso desse aos japoneses um pretexto demasiado fácil para invadirem a colónia portuguesa.

Longo a 26 de Janeiro de 1942 parte de Moçambique para Timor uma força expedicionária portuguesa, embarcada num navio mercante, que uma unidade da Marinha de Guerra portuguesa escoltava. Procurava-se, com isso, que as nossas

tropas substituíssem os invasores Aliados. Mas era tarde demais.

Três dias e três noites de batalha

Dois dias antes trava-se a Batalha de Macassar, junto às Celebes, onde aviões de reconhecimento holandeses avistam um grande comboio naval japonês em marcha. É uma centena de navios de transporte e reabastecimento, escoltados por um couraçado, um porta-aviões e numerosos cruzadores, pesados e ligeiros, e contratorpedeiros. Uma extensa barragem de balões anti-aéreos protegia o conjunto.

Pensa-se que este tenha sido o maior comboio naval da Segunda Guerra antes do que transportou as forças Aliadas para invasão do Norte de África.

Ia começar a Batalha de Macassar, que duraria três dias e três noites e que terminaria com a retirada temporária dos japoneses. Mas um mês mais tarde voltavam à carga e triunfavam, depois de destruída a pequena armada Aliada (holandesa, inglesa e australiana) que defendia o acesso às então chamadas Índias Orientais.

O navio que transportava a força expedicionária portuguesa e o seu escoltador foram, então, desviados para Goa. Lisboa recebeu a comunicação de que a Armada japonesa se opunha a que os nossos navios



entrassem nas águas do Mar de Java, onde as unidades da marinha imperial nipônica andavam em força e queriam estar à vontade para a liquidação da Armada Aliada.

Dá-se, em Fevereiro, a Batalha de Java. A heróica resistência dos

navios aliados (recorem-se os holandeses, com o seu belo cruzador «De Ruyter»), não impede a vitória japonesa. Timor é invadido.

Salazar manda

As tropas holandesas e australianas

E tudo o vento levou

Rodrigues da Silva

Há quem já tenha descoberto que nasceu no ano do 25 de Abril. Há quem um dia venha a dizer que é do ano do incêndio no Chiado. Eu nasci no ano da guerra e durante muito tempo foi esse o emblema que me habituei a usar como referencial de geração. Um referencial que aprendi na intimidade das refeições à mesa da cozinha, onde ouvia calado conversas de família percorridas por expressões assim: «antes da guerra...», «no tempo da guerra...» - marcos de quem pautava a vida por um acontecimento que nunca ao certo se saberá a que psicológica distância ficava então de Lisboa e dos que cá viviam.

Era a guerra (ou tinha sido) e mesmo uma criança como eu, que teria seis anos quando ela acabou, reteve memórias que por si a identificam; sinais de uma abstracção meio ameaça... meio fascínio.

A guerra, antes de mais, eram os holofotes que cruzavam os céus de Lisboa nessa primeira metade dos anos 40 e que eu via à noite da janela, sem sequer adivinhar que serviam para detectar aviões que nunca haveriam de aparecer.

A guerra eram também as janelas e as fitas de papel (seriam brancas?) que nos vidros se colavam para impedir (soube depois) se estilhaçassem após eventuais bombardeamentos.

Há memórias assim que situam factos como se fossem cronologias. Mas há outras mais difusas. O cinema é uma delas. O cinema, na altura, era o Olympia (ainda com Y), o Galo, o Coliseu, o Animatógrafo, o Salão Lisboa (vulgo, o Piolho), o Rex, o Lys (com Y até ao fim), mas também o cinema da Feira Popular de Palhavã que ninguém sonhava vir a ser um dia a Gulbenkian.

O cinema da Feira Popular não era o melhor, mas era a festa dentro da festa, sobretudo uma vez que, no meio de um filme (de guerra), a malta se pôs toda a aplaudir, perguntei ao meu pai porquê, ele respondeu-me: «Foram os americanos que ganharam».

Tinham ganho uma batalha aos alemães, os americanos, ali no ecrã, e o pessoal pusera-se a bater palmas, ingénua e talvez única manifestação possível de apoio público aos aliados, para



Clark Gable (Rhett) e Vivien Leigh (Scarlett O'Hara) em «E Tudo O Vento Levou»

quem, pelos vistos, pendia a Lisboa que nesse dia fora ao cinema da Feira Popular.

Mas se havia manifestações assim públicas, outras ocorriam em privado, portas a dentro em redor da telefonia. Em redor - digo bem - porque nesse tempo a telefonia era um objecto quase sagrado, tinha a forma de uma catedral em miniatura e à volta dela albergava-se à vontade uma família.

As telefonias eram de boa madeira com quadrantes de vidro espesso e nele nomes gravados - Londres, Berlim, Praga, Andorra, Paris, Istambul - por ali se podia aprender toda uma Geografia.

Na minha rua havia uma, uma só. Era a telefonia do sr. Joaquim, ouvinte da BBC e pró-Aliados, um dia disse lá em casa (eu estava lá) esta frase inesquecível: «Quando o Hitler cair, abre-se esta garrafa de vinho do Porto».

Hitler caiu, a guerra acabou, não sei se abriu a garrafa, de qualquer modo não me lembro que à minha rua tenham chegado ecos que se ouvissem das manifestações da paz em Lisboa.

O que não admira. A minha rua era uma rua pacata. Ficava entre a rua dos pobres que só tinham senhas de racionamento (outra memória de guerra) e a dos quase ricos que se dizia que compravam no mercado negro. Era a rua dos remediados, a minha rua. Duas abaixo e ficava a sonhada avenida com o nome de um almirante que eu ainda não sabia quem fora. Levava-se às vezes a vida toda sem socialmente lá se chegar, que nesse tempo tudo era muito hierarquizado. Distâncias mesmo de duas ruas não se venciam assim de pé para a mão, para mais a rua dos pobres, que se chamava das Barracas, tinha por detrás um quartel, a igreja ficava na avenida.

Foi só quando, anos mais tarde, pude chegar a essa avenida, que mudei o meu referencial de geração. As guerras, com aspas ou não, foram sendo diversas e para o bem e para o mal nunca mais as vivi por detrás dos vidros das janelas. Quanto aos holofotes passaram também a ser outros, mesmo os do cinema.

E foi assim que um dia dei comigo a dizer, não que nasci no ano da guerra, mas no de «E Tudo o Vento Levou». A guerra ficara para sempre para trás e eu há muito que deixara a minha rua...

UTRALIDADE

anas que haviam ocupado a colónia portuguesa retiraram-se para as montanhas, com vantagem dos australianos que já vinham preparados para a guerra de guerrilhas e que irão assegurar, até Janeiro de 1945, o núcleo central da resistência armada aos japoneses, em Timor.

Perante os invasores japoneses, a Companhia de Caçadores portuguesa (efectivo útil de cerca de 170 homens) conserva-se neutral, em Aileu, cumprindo instruções do Governo de Salazar, dadas através do Governador Ferreira de Carvalho. Com ou sem invasão, Salazar insistia em que éramos neutrais.

Quando foi a invasão de Goa, militarmente indefensável perante a ofensiva indiana, Salazar queria que os militares portugueses ali lutassem todos até à morte. Na Segunda Guerra Mundial, em Timor, sujeitou os militares a conviverem pacificamente com o invasor. No caso timorense, Salazar usou até o argumento de que a invasão japonesa não era connosco mas sim com os holandeses e os australianos que haviam entrado em Timor.

Se a descolonização portuguesa de 1975 teve aspectos controversos, digamos, este episódio de Timor, em 1942, é, pelo menos, pouco dignificante.

Os maiores e mais cruéis desmandos

A neutralidade do Japão era tanta que já em Julho de 1942, cinco meses após a invasão, o Governador Ferreira de Carvalho se via detido pelos japoneses na sua residência oficial. Embora, ao mais alto nível diplomático, em Tóquio e em Lisboa, o Governo nipónico sempre garantisse que respeitava a soberania portuguesa, a verdade é que o que concretamente se passava em Timor o desmentia completamente.

A nossa pretendida neutralidade foi constantemente violada pelos invasores, inclusivamente logo no primeiro dia do seu desembarque, quando cometeram os maiores e mais cruéis desmandos contra os portugueses e os seus bens. Só respeitaram a bandeira portuguesa, que se conservou sempre hasteada na residência oficial do Governador Ferreira de Carvalho.

Uma das táticas dos japoneses foi a de afastarem, de Dili para Baucau, os serviços administrativos do Governador português. E quando este pretendeu reunir-se aos seus funcionários, então aí o invasor deu-lhe ordem de prisão domiciliária. Por outro lado, a vida económica da colónia foi desorganizada pela introdução da moeda japonesa e o afastamento da pataca timorense.

As «Colunas Negras»

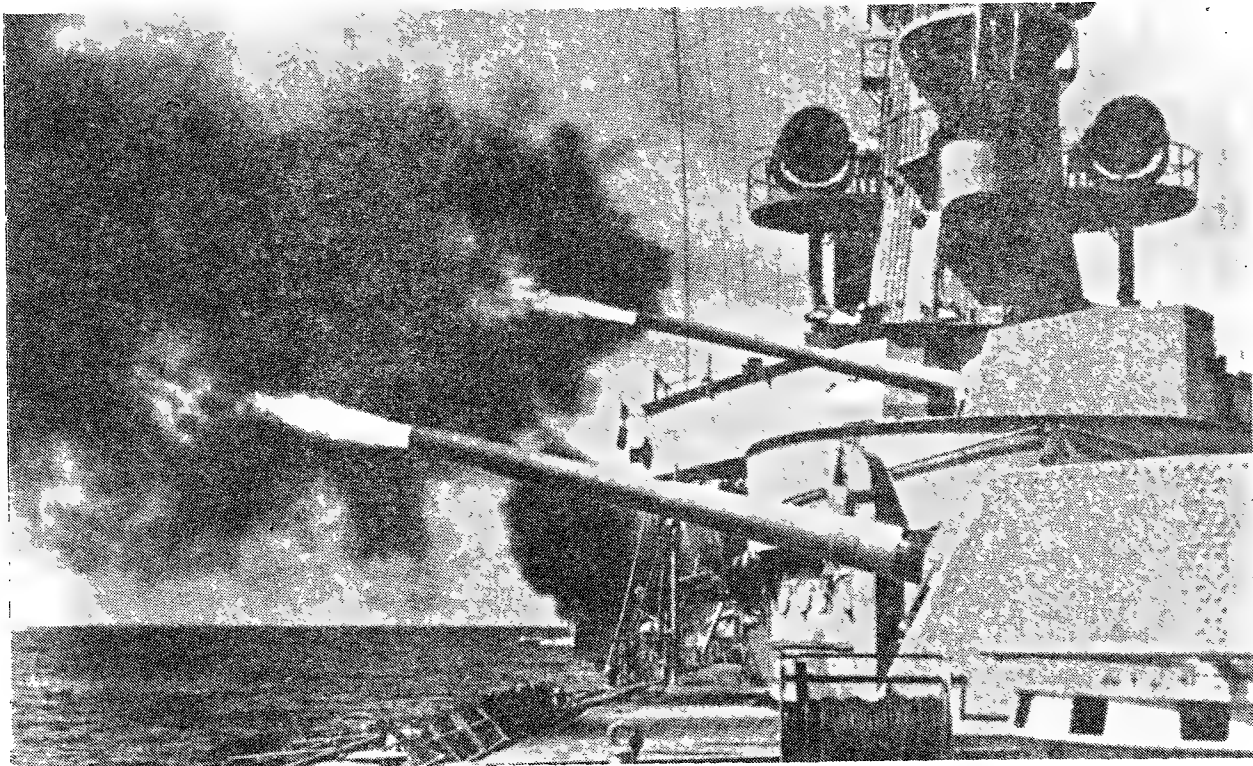
A ficção da neutralidade portu-

guesa, em que o Governo de Lisboa «patrioticamente» insistia, é igualmente atingida em Agosto de 1942, quando os japoneses fomentam a criação das chamadas «Colunas Negras».

Eram formadas por marginais timorenses portugueses e por indígenas da parte holandesa e a missão que lhes foi confiada - e executada - foi a de um levantamento contra as autoridades portuguesas mas em termos de banditismo ou do que hoje se chama terrorismo. Os invasores inventaram, assim, um problema de «ordem interna» para os militares portugueses.

A parte mais hábil da manobra foi, talvez, a exploração de uma certa divisão entre os indígenas timorenses que, apesar da sua grande lealdade aos portugueses, não deixavam, na maioria dos casos, de apoiar muito directa e eficazmente os australianos que, esses sim, combatiam realmente os japoneses. Estes promoveram, também, entre os indígenas portugueses e à custa de ameaças, de promessas e de intrigas, um movimento de rebelião contra os portugueses.

O objectivo prioritário dos japoneses era, evidentemente, o de criar dificuldades à guerrilha australiana, que dependia em grande parte dos timorenses portugueses, e de acabar com a comédia da neutralidade portuguesa, que gerava nalguns indígenas uma forte noção de independência em relação aos invasores.



O cruzador holandês «De Ruyter» disparando uma salva das suas torres de caça, durante a Batalha de Java, contra os japoneses, em Fevereiro de 1942

Fora do mundo

Assim chegamos ao massacre de Aileu, em 1 de Outubro de 1942.

A neutralidade imposta por Lisboa à Administração e à guarnição militar portuguesa - e que as obrigou a ficarem de mal com deus e com o diabo - era mesmo assim incómoda para os japoneses. Os militares portugueses enfrentavam realmente a rebelião das «Colunas Negras» mas aos invasores interessava precisamente o contrário, ou seja que a rebelião alastrasse. Por isso aproveitaram-se de uma ocasião em que a maioria dos militares de Aileu se encontravam fora, combatendo o terrorismo, atacaram brutalmente,

de noite e de surpresa, o quartel, matando 24 militares e 4 civis.

Morre também o comandante, capitão Freire da Costa, que, admite-se, talvez por desgosto se tenha suicidado.

Não contentes ainda com isso, os japoneses procederam depois à remoção dos portugueses para uma área bem delimitada, onde havia duas povoações e a que chamaram «zona de protecção». O objectivo era retirar os portugueses europeus do convívio com os naturais do Timor português e deixar à vontade as «Colunas Negras».

E ali ficaram os portugueses, isolados, até 1945, sem sequer a com-

panhia de rádios, pois os japoneses haviam tido o cuidado de mandar recolher todos os aparelhos de telefonia. Durante quase três anos, esses portugueses viveram fora do mundo, enquanto só a guerrilha australiana defendia o Timor português, aquele que definia a Pátria, do Minho a Timor.

Era o fruto das neutralidades à japonesa e à portuguesa.

Fontes:

Maurício de Oliveira, «A epopeia da Armada holandesa», Parceria A.M.Pereira, Lisboa, 1943

Grupo de estudiosos sobre o Exército português na Segunda Guerra Mundial

Sabes Mãe, começou a guerra...

Paulo David

Um de Setembro de 1939. O dia estivera quente e, pelas sete horas e meia da tarde, ainda se notava o bafo morno entrando pelas janelas abertas. Eu, com seis anos, tinha ido brincar para as terras, depois do almoço. Vivíamos no segundo andar de um prédio «moderno» na Rua Carlos Mardel, ao Areeiro. A rua só ainda tinha casas do nosso lado. Em frente havia uma quintarola onde um burro (ou burra...) de olhos vendados puxava à nora de um poço, sempre em movimento, patas lentas, orelhas caídas, pelo de cinzento velho poeirento. Eu e o nosso gato, sentado ele no peitoril da varanda, éramos muitas vezes companheiros de contemplação do burro (ou burra). Ao longe, para norte, no topo de uma pequena colina, moravam ciganos num grande barracão. Estavam no isolamento de um vasto descampado de erva queimada pelo

Verão. Eram perigosos. Eu fora avisado. Mais ou menos por ali existe agora a Praça do Areeiro. A Avenida Almirante Reis morria junto às nossas traceiras. Na pequena mercearia da esquina compravam-se rebuçados a tostão, por entre moscas gordas e de voo preguiçoso. Eu tinha ido, nesse dia, brincar para as terras com o «Mocidade». Era um rapazito rafeiro, pé descalço de sete ou oito anos e pardal ali das terras, xungoso principesco. Ganhara a alcunha talvez porque o único trapo decente que vestia era uma camisa verde da «Mocidade Portuguesa». Ele conseguira arranjar um cigarro «Paris» que generosamente partilhara comigo. Vejo-lhe os dedos sujos a dividirem o cigarro a meio, escondidos nós atrás de um monte de tábuas. O «Mocidade» foi extremamente cuidadoso em não perder pitada do tabaco. Partiu o cigarro no regaço do calção coçado e de lá depois recolheu o tabaco caído, procurando repôr as partículas com justa igualdade em cada uma das

metades do cigarro. Mas, pelas sete horas e meia da tarde de 1 de Setembro de 1939, eu estava de volta a casa, para não ser apanhado fora quando a minha Mãe chegasse do trabalho. Tudo bem por aí e nem devia estar na minha respiração qualquer hábito de tabaco, pois tanto eu como o «Mocidade» havíamos, depois da meia cigarrada de «Paris», expirado e inspirado intensamente com a boca encostada a uma parede caiada. Era voz corrente e certa que respirar cal tirava o cheiro do tabaco. O teste foi feito quando a minha Mãe entrou e fechou a porta atrás de si. Dei-lhe o beijo da praxe e o devido «Boa Tarde Mãe». Esperava o habitual sorriso de resposta, meio terno, meio distraído e meio ainda cansado. Nada disso. Nem eu nem o meu eventual hábito a tabaco foram notados. A Mãe seguiu pelo corredor, alheia como se eu não existisse, como se não houvesse casa nem Rua Carlos Mardel, como se o gato não merecesse a festa que sempre a esta hora do dia vinha receber, como

se não vivessem próximo os perigosos ciganos, como se o burro não estivesse sempre fazendo andar a nora, como se algo de súbito houvesse envenenado o plácido sossego desse fim de tarde de Verão em Portugal e nem sequer fôsse bom o cheiro da comida que a minha Avó preparava para o jantar. Quase automaticamente a reboque, como se sorvidos pelo rápido e, talvez, rígido caminhar da minha Mãe, fomos eu e o gato atrás dela, pelo corredor fora, em direcção à cozinha, onde a Avó, figurinha frágil, manuseava tachos e dois fogareiros a petróleo, meio iluminada ainda por uns restos de sol em casa. Parando já dentro da cozinha, a Mãe, sem sequer dar beijo ou o «Boa Tarde» à minha Avó, fez ouvir a sua bela voz de contralto, mas sem brilho, sem vibração, baça, estranha naquela casa. E disse: «Sabes Mãe, começou a guerra...».

As aventuras do Tivoli

No município da capital, reina a ignorância sobre o projecto de construções respeitante à zona circundante do Tivoli, recentemente adquirida, com aquele cinema tradicional de Lisboa, pelo industrial espanhol Emiliano Revilla.

Entregue por Revilla aos arquitectos portugueses Nuno Teotónio Pereira e Nuno Portas, o projecto só deverá chegar ao conhecimento de Abecasis em meados de Setembro.

Sabe-se, por outro lado, que em reunião recente com a secretária de Estado da Cultura, Revilla terá garantido a Teresa Patrício Gouveia que a traça primitiva interior e exterior do Tivoli será respeitada, assim como será mantida a sua função de sala cultural.

A SEC, conforme noticiámos na nossa edição de ontem, desmentiu entretanto notícias divulgadas por um matutino de Lisboa, segundo as quais o empresário espanhol teria doado ao Estado português o antigo cinema. Nada disso. Emiliano Revilla não ofereceu nada a ninguém, sendo o único proprietário, não só do Tivoli, mas de outros prédios da Avenida da Liberdade ultimamente adquiridos, numa vasta zona que vai desde o cinema até ao palacete barroco da rua de São José e que confina com o Hotel Vitória.

No esclarecimento de que nos fizemos eco, a SEC recorda que o Tivoli «está em vias de classificação como imóvel de interesse público», sublinhando que «toda e qualquer intervenção quer nos imóveis em vias de classificação, quer nos classificados, quer ainda na chamada zona envolvente necessita da prévia aprovação pelos competentes órgãos da Secretaria de Estado da Cultura, designadamente o Instituto Português do Património Cultural e respectivo conselho consultivo».

Tentámos contactar o industrial espanhol no seu escritório de Ma-

drid, mas de lá informaram-nos que Don Emiliano se encontra neste momento em Portugal, em viagem de negócios.

Bons negócios devem ser eles, posto que segundo o jornal madrileno «ABC», Revilla anda há três meses por esse País fora, investindo muitos milhões de pesetas na compra de inúmeros prédios e terrenos, não só em Lisboa, como no Porto, e em outras regiões.

Em despeito de o edifício se encontrar protegido pelo regime legal de classificação e de o empresário espanhol haver manifestado a intenção de o conservar tal qual, não se sabe ainda a que tipo de «função cultural» se destina, nem se a SEC ou a Câmara terão algo a ver com isso.

O que se sabe, isso sim, é que Revilla tem repetidamente manifestado a intenção de transformar a zona num dos pólos de atracção comercial de Lisboa e que há muitos milhões envolvidos, os suficientes para se transformarem num óleo capaz de lubrificar todas as engrenagens, por mais enferrujadas, como é o caso da legislação defensiva do nosso património.

Com efeito, nesta terra pataqueira nem os trinta dinheiros são necessários para que se cometa toda a sorte de falcaturas e preponderâncias, e é muito provável que o Tivoli, apesar de se agarrar a todas as tábuas de salvação, ainda as mais desconjuntadas, seja pedra que caiu num poço, tomados de marasmo os supostos mecanismos encarregados de o defender.

Se assim não for, isto é, se o Tivoli se salvar como monumento e como lugar de cultura, se um alude de centros comerciais, com luzinhas a acender e apagar, não turvar a sua imagem recatada e inteiriça, será caso para nos maravilharmos como diante de uma pedra luminescente.

ES

Mural de Eduardo Nery «apagado» da UNL

A pintura mural, com assinatura de Eduardo Nery, que cobria há dez anos, as fachadas do edifício da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade Nova de Lisboa, no Monte da Caparica, estava a ser coberta, em 20 de Maio passado, com um acamada de tinta branca, numa atitude de desrespeito pela arte e pela cultura sem par em meio universitário - assim se expressou a comunicação social, incluindo o «Diário de Lisboa».

Mural ou não mural...?

Com data de 30 de Agosto último, a Universidade Nova de Lisboa fez agora chegar aos órgãos de comunicação social (incluindo o «DL»), um compacto «dossier», intitulado «Alegada "destruição" num dos edifícios da Faculdade de Ciências e Tecnologia/UNL», o qual, nas suas linhas gerais, pode ser resumi-

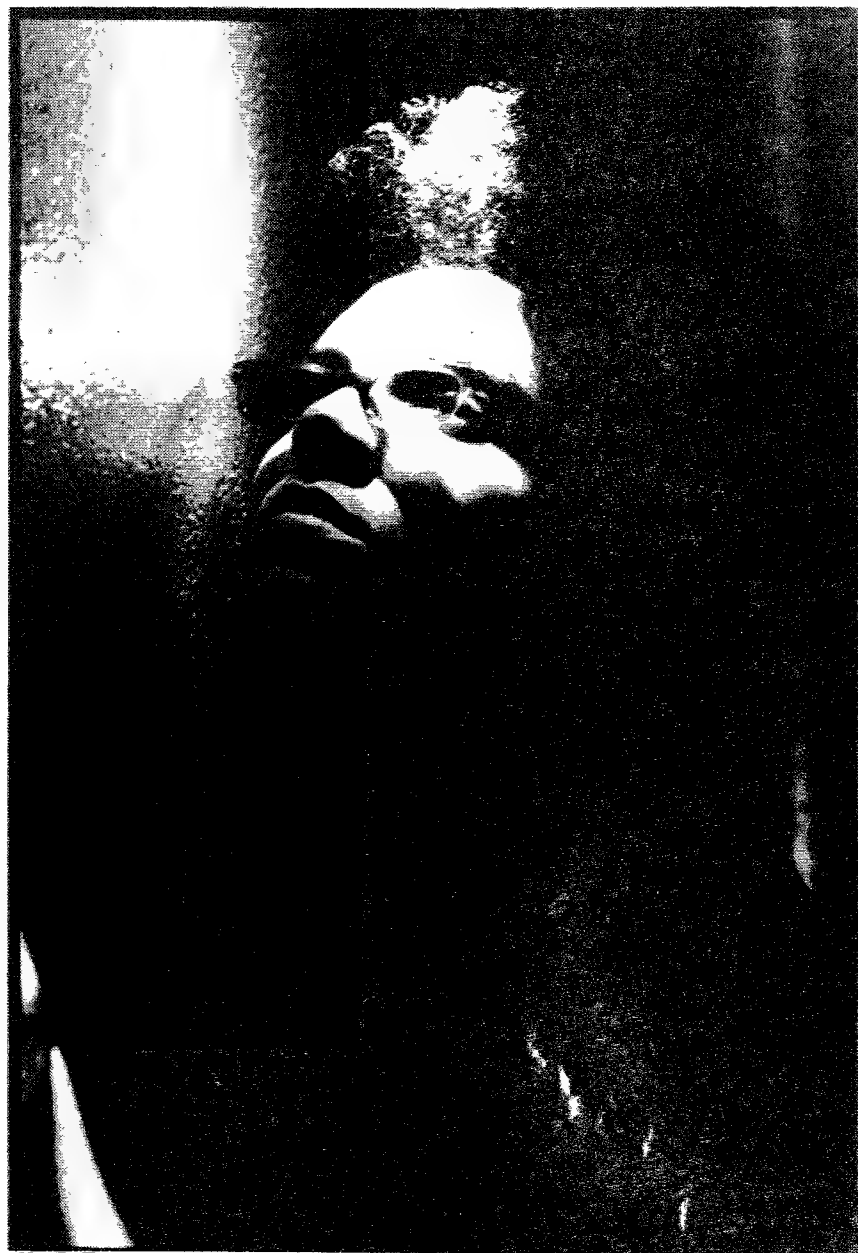
do assim:

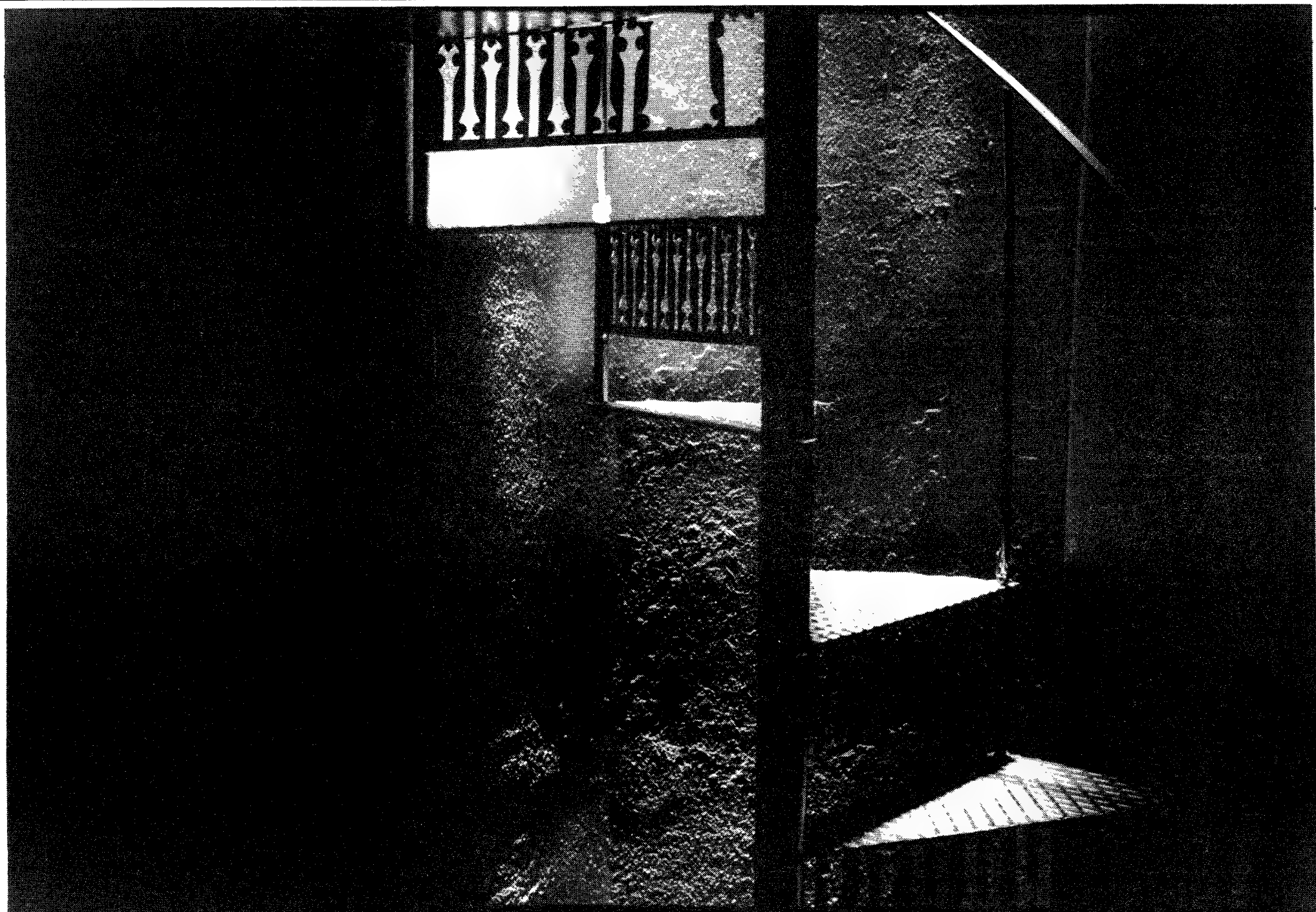
«Apreciação jurídica (elaborado pelo dr. António Manuel Zincke dos Reis) - comprova que juridicamente não assiste qualquer razão ao arquitecto que integrou a equipa técnica do extinto Fundo de Fomento de Habitação», até porque que a esse Fundo «foi na altura pedida um estudo de cor e não de índole artística».

Por outro lado, «foi lançado um inquérito à população da FCT (3000 pessoas - professores, estudantes, funcionários) cujo resultado se apresenta francamente desfavorável às pretensões do arquitecto Eduardo Nery».

Assim, pois, vai ser «apagado» o mural em questão. Atitude moral ou imoral...? - eis a dúvida que fica em todos quantos contemplaram aquela obra artística.

FOTOGRAFIAS





ESCULTURAS DE LUZ

Paula Campos

Texto de Andréa de Menezes

De repente, um objecto deixa de ser um objecto, passa a ser textura e brilho, somente, e isto independentemente de seu significado conceitual. Sobre uma parede, repousam tranquilos uns óculos, e um rosto, tudo isso torna-se suave superfície de grânulos e recortes de luz e sombra. Aquilo a que chama-

mos «coisa» já não o é, desmaterializou-se e passa a ser espírito — emoção.

E, assim, o corpo que oscila entre tensão e distensão, torna-se incorpóreo. As imagens deixam, então, de ser o retrato daquilo que se fotografou e restam apenas as emoções que evocam. E a escada deixa de o ser, e cria

rasgos de luz dentre as sombras de uma composição linear, quase que gráfica.

E a luz atinge o cume de seu sentido «heliográfico»: não é mais a luz que ilumina as formas, mas sim o tudo; é a própria forma e o volume, escultural, daquilo que se vê. Em meio às sombras surge o «claro» avolumando e projec-

tando os corpos e as imagens à existência.

Grafadas à luz, estas imagens remetem por fim à experimentação da Arte: a forma transcende-se a si mesma e desperta-nos a vivência puramente sensorial e emocional que nos fará saltar à tona as mais bem escondidas simbologias de nossos próprios po-

rões negros.

E a luz, com suas esculturas criadas — nas quais apoia-se — lança-se, rapidamente, e também, para dentro de nossas almas, despertando fantasias e sentimentos ocultos.

Sentamo-nos e detemo-nos ante a delícia da observação destas imagens. Por último, resta-nos, apenas, usufruir.

Entrevista com Pedro Ayres Magalhães

A ARTE FEITA GENTE

Maria José Belo Marques

Fotos Francisco Paraíso

Tem umas mãos feias, dedos calejados e pulsos largos. O rosto é estranho, se arrogante à primeira vista olhado com mais cuidado torna-se quase infantil. Os olhos, no entanto, são transparentes, denunciam a mentira-imaginação da mesma forma que expõem uma honestidade, quicá reprimida. Pedro Ayres Magalhães, músico criador de projectos tão díspares como Heróis do Mar e Madredeus, actor de cinema, letrista, cronista, político, assumidamente empresário e saudavelmente criativo. Quando nos Madredeus toca guitarra acústica todo o seu perfil cresce, e mentiria se não dissesse que as suas mãos são lindas.

Há um certo formalismo no nosso encontro. Não nos conhecíamos. E, depois, é sempre com grande respeito que se parte à descoberta de alguém que é inteligente. O pretexto para a conversa estava no Pedro ser um dos sócios da União Lisboa, agora responsável pela edição discográfica dos Golpe de Estado, com distribuição de uma grande editora. De facto, esse era o pretexto, desculpa imbecil quando frente a este homem multi-facetado, cascata de criatividade, rico em experiências, histórias e esperanças. Um dos entrevistados mais difíceis que encontrei, fala em cadadupas num discurso de corte difícil, porque todo ele interessante. Como o leitor não se compadece, aqui está sintetizada a conversa reveladora, com Pedro Ayres Magalhães.

- O que é a União Lisboa?

Pedro Ayres Magalhães - « Houve pessoas da minha geração e da geração que se nos seguiu, que se decidiram por serem músicos e fazerem música. Na altura havia um meio estranho de música ligeira a que ninguém tinha acesso, já ninguém faz carreira de António Calvário, nem mesmo de Amália, nem de Artures Garcias, que era o meio que havia antes de nós. Quando eu tinha 15 anos, e houve a revolução, apareceram os primeiros cantores vindos do exílio, que desenvolveram uma actividade enraizada no impacto social, que eu e os meus amigos, na altura, admirávamos muito. Aos 18/19 anos estava a dar uma entrevista ao "Diário de Lisboa" por causa dos Faíscas, que era uma banda punk. Não tínhamos aparelhagem (não havia aparelhagens). »

- Ovi dizer que nessa altura o Pedro tinha também um jornal. É assim?

P.A.M. - « Tinha sim. Chamava-se Estado de Sítio e era da minha responsabilidade e do Paulo Borges. Era um fanzine. O Paulo Borges aparece agora a compilar o Agostinho da Silva. Depois vem o Corpo Diplomático e os Xutos que nascem na altura dos Faíscas. E bom o que é que acontece? Acontece que 40 ou 50 pessoas, não são mais, tendo encontros ao longo destes anos todos vão criando as estruturas que tornam plausível a sua actividade. Vamos moralizando, também um bocado, a actividade dos produtores e pedindo melhores condições aos tipos que nos alugam o material de som, e que no fundo levam 50% do dinheiro que nós cobramos. Acho que podiam ter respondido ao nível que nós respondemos em termos de reportório e inventividade, e acho que não o fazem, porque sempre têm uma vertente mais "busenense" do que nós. Há 4 ou 5

anos começa a surgir a necessidade de nos estruturarmos, organizarmos e defendermos o nosso estatuto de músicos e o controlo de toda a actividade. Ou seja, precisamos de saber concretamente com que material vamos trabalhar quando vendemos um concerto. Temos que conhecer as organizações locais, saber o que lhes vamos oferecer e aquilo que lhes pedimos. »

- E nasce a União.

P.A.M. - « Não. Nasce Os Malucos da Pátria, que era eu dos Heróis do Mar, o Zé Pedro dos Xutos e o Vitor Silva. O sistema dos Malucos agigantou-se muito cedo. Já era um sistema cooperativo, mas baseado no investimento de capital de uma única pessoa, que nem sequer era músico. O conceito de empresa penso que não foi montado da melhor maneira. É aí que aparece há dois anos a União, quando andávamos a fazer assim uma espécie de "lobby" de informações entre o "management" dos Delfins, o dos Heróis do Mar e Madredeus. Cria-se esse centro de informação, fazemos contratos comuns tentando criar condições para fazer uma sociedade mais tarde, que foi o que aconteceu. A União nestes dois anos resolveu algumas questões. Até aqui todos tínhamos outras profissões, agora somos só músicos. As relações com o editor, a promoção e produção dos concertos, tudo o que é a estruturação de uma carreira fica assegurada através do trabalho da União. Neste momento falta-nos criar uma boa re-

lação com o Sindicato dos Músicos, porque ele é inoperante na parte do rock, que é afinal a que move mais gente. Falta-nos depois resolver questões que lá fora já estão moralizadas, como seja a relação com a SPA, "publishing" e edição, e a parte de edição de discos. A União aparece como editora porque estamos a fazer gestão de carreiras e porque é possível ter confiança na rentabilização de um investimento, através dessa gestão pode-se avançar, sempre que houver meios, na promoção ou na edição de um trabalho de autor, pensando que o dinheiro não se vai rever com a venda pontual do disco, uma vez que ainda não dispomos de circuito de distribuição alternativo e temos que estar no fundo do catálogo de uma editora grande, como vamos criar condições para os grupos ensaiarem e montar concertos, podemos abater o investimento do disco através da venda dos grupos, e o disco serviu de sua promoção. »

- Porquê os Golpe de Estado primeiro? Será por o Carlos Maria Trindade estar ligado ao projecto?

P.A.M. - « Não. O Carlos Maria vem depois. Conhecemos as pessoas, a tal coisa de sermos uma geração conivente, ouvimos a maquete no Sudoeste, gostámos muito, havia estúdio para usar, estava lá o Tó Pinheiro da Silva. Uma data de coisas que só se podem passar se houver este círculo. Entusiasmámo-nos, fizemos contas, tínhamos algum dinheiro que se podia gastar, e pronto. »

- Já está prevista mais alguma edição discográfica?

P.A.M. - « Não. Só a dos Heróis do Mar para Outubro, um duplo com formato mais inteligível da nossa música. Vamos utilizar tecnologia de ponta. A União vai participar, conseguimos já boas condições de produção, quase autónomas. O que é bom porque passa para nós o controlo de promoção e etc. »

Heróis Versus Madredeus

- A faceta que o torna mais conhecido é a da música. Está ligado aos Heróis do Mar e posteriormente aparece como

obreiro dos Madredeus. Um projecto que em minha opinião ultrapassa em muito o primeiro. Como é que se conciliam dois projectos tão diferentes? Há um maior envolvimento nalgum deles?

P.A.M. - « É assim: para eu me defender, porque não é fácil a divisão, valorizo determinadas motivações. A motivação principal é a de aprender a dominar cada vez mais uma linguagem que é musical, ao vivo. Foi isso que fez com que me esforcasse por aprender a compor e a fazer canções. Isto é uma história que começa há muito tempo. Quando eu estudava guitarra o que mais me assustava era que todos os meus colegas, e o meio pedagógico onde estava, viviam do estudo e execução do repertório de outrém. No caso da guitarra é mesmo repertório só estrangeiro. O problema não era bem patriótico, era mais pessoal no sentido de não querer passar a minha vida toda a tocar, melhor ou pior, coisas que tiveram outro tempo, outra oportunidade e contexto. Peças barrocas, está bem, só que já não há palácios, já não há serões, de modo que não me adianta nada passar dias em casa a estudar numa perspectiva narcísica peças que gosto muito, ouvem mais 4 ou 5 amigos e ficamos por aí. Então surgiu a vontade de fazer espectáculos para poder ter uma outra aproximação à música. Neste universo (porque os Heróis do Mar e os Madredeus são dois universos afins, porque são ambos de reportório original, são duas modalidades diferentes de oferecer espectáculo), a este nível frio com quatro ou cinco canções dos Heróis do Mar do primeiro disco conseguimos estabelecer uma carreira para nós como músicos, ou seja compor mais 80, aprendemos todos muito. Na altura tocávamos rudimentarmente os instrumentos eléctricos, hoje tocamos todos muito melhor. No Madredeus é a mesma coisa. Foi difícil encontrar as pessoas ideais que quisessem ter uma desculpa para estudar o instrumento. Neste lado prático não há muita divisão em mim, se salto de uns ensaios para os outros a minha prestação é como a de um trabalhador qualquer, tenho umas

horas num emprego e outras noutro. »

- Isso dito assim é um bocado terrível.

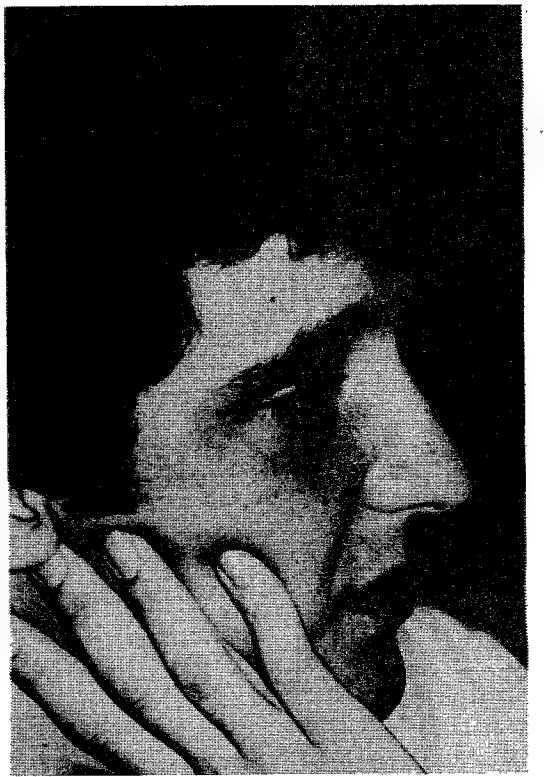
P.A.M. - « Não, calma, isto é no que se refere à divisão de tempo. O difícil foi encontrar as pessoas certas para o projecto. Experimentámos doze candidatas a cantoras até encontrarmos a Teresa, que é tão cantora que não se preocupava nada com isso. O complicado é manter o espírito disponível, para enfrentar a rivalidade surda que há entre os grupos. São todos meus camaradas, embora haja da sua parte um ciúme que não é manifesto. O importante no Madredeus é, sem que se saiba quem é cada uma das pessoas, sem requisitos de imagem e promoções que em Portugal foram muito banalizados, compor, criar uma sonoridade que atraia as pessoas, um bocado como o flautista de Hemlin. Fomos tocar na praça do Crato, onde Madredeus não é conhecido, começámos o espectáculo com 150 pessoas numa terra mágica, de dolmens, e acabámos com mil e tal pessoas a ouvir o concerto. »

- Mas agora, concreta e directamente, que tipo de envolvimento, para além do racional, há da parte do Pedro em cada um dos projectos?

P.A.M. - « No Madredeus, porque criado por mim, eu posso crescer no estudo do meu instrumento e compor canções para a voz da Teresa. É um trabalho mais metódico. Não interessa muito se eu dou uma fífia ou a Teresa se engana, porque estamos a aperfeiçoar ainda um estado de comunicação que nós consideramos muito especial, para mim é um grande prazer, depois de um dia de trabalho em vez de ir sair, sacrificar essa coisa toda para irmos juntos ensaiar, estudar. O grupo vejo-o um bocado como um luxo. »

- O Pedro continua a explicar o seu envolvimento com os Madredeus de uma forma muito fria, na minha opinião...

P.A.M. - « O resto não se explica. Não sei que palavras posso dizer sobre aquilo. A Maria José não pode pensar que o que acabei de dizer não tem a ver com as eventuais emoções que a música do Madredeus pode provocar a quem a ouve ou faz. O facto de assumirmos a





Profundamente racional, produzindo em várias frentes culturais, Pedro Ayres Magalhães comove-se, no entanto, quando toca com os Madredeus

nossa música como simples, com poucas demandas de virtuosos, e mais na procura de estados de silêncio é que produz aquele timbre especial, onde só a sonoridade de um acorde é nossa. Tem a ver com as oliveiras, a pontezinha, os montezinhos e o mar. É uma sonoridade ronciosa e agreste ao mesmo tempo que tem a ver com a nossa memória de música. Porque ela não é feita de ouvir os cegunhos, essa é a minha memória de Lisboa, do Porto acrescida do saxofone. As imagens com que me cruzei de forma rápida.»

Os Heróis do Mar rapidamente apareceram tiveram uma atitude bastante provocatória...

P.A.M. - «Não. Nunca nos passou pela cabeça que nos viessem chatear com o Jaime Neves e não sei quê. Se alguém tinha alguma dúvida em relação às nossas intenções vinha falar conosco. Mas não senhor, olharam para a capa de um disco e tiraram conclusões. Ela nasce por eu ter visto anos antes o "Círculo de Giz Caucasiano", no Teatro Aberto, como gostei da encenação e dos figurinos, estilizámo-

los. Alguns elementos da Comunicação Social fizeram-nos a vida negra, reportando-nos a ideologias como o nazismo, durante uma data de tempo nem sequer podia sair à rua. Mais tarde aparece a história dos Descobrimentos, da 17ª, uma forma reaccionária de ver a História, penso eu, celebratória, imbecil, patriótica, que não acrescenta nada, mas aí, sim, já começaram a achar que nós agredidos os maiores. Como fomos muito agredidos, e queriam guerra, passámos a ser de facto provocatórios.»

Qual foi o motivo porque deixou de ser baixista nos Heróis do Mar para passar a tocar guitarra?

P.A.M. - «Portrês motivos. Primeiro porque o Tozé saiu e eu tinha a secção rítmica organizada para a forma dele tocar. E era assim que eu gostava de tocar. Segundo porque tenho problemas de unhas, a guitarra clássica toca com unhas, ao tocar baixo partia-as, e depois ficava com mau som de guitarra durante três semanas. Terceiro porque tanto este grupo como o outro me fizeram interessar por voltar a tocar o meu instrumento, a guitarra, que foi o que eu estudei mais e gosto mais. Que

apesar de ter tradição ibérica em Portugal não é cultivada.»

Considere o último disco dos Heróis de qualidade inferior aos anteriores. Quais os motivos? E a sua opinião a esse respeito?

P.A.M. - «O disco é muito diferente. Eu gosto dele. Ensaia um outro modelo de comunicação que os Heróis do Mar não tinham usado. As letras são diferentes porque são, a meu ver, consonantes com a estética da música que foi gravada. Participei menos neste disco do que nos anteriores, porque estava a fazer naquela altura o filme da Cristina Hauser. Não acho que se possa dizer que ele é pior. Acho que eu conceitualmente é um ensaio do grupo em fazer uma música mais próxima. Até agora temo-nos apresentado como um grupo espectacular, de distância, este disco tem mais a ver com música de clube, música de bar. É uma estética mais próxima das pessoas.»

Das fitas à reportagem

O Pedro Ayres Magalhães participou em dois filmes com personagens relevantes para a trama. Esses convites por

si aceites prendem-se a uma imagem conhecida do dia-a-dia que serve um personagem ou pelos seus dotes de actor cinematográfico? Foi só uma experiência ou um investimento?

P.A.M. - «Foram dois casos completamente diferentes. O filme do Quim Leitão parte de um convite do realizador, foi um desafio. Ele falou-me, gostei da história, achei-a plausível de realizar. Tenho alguns amigos que trabalham no cinema e estão sempre a falar-me de cortes de orçamento, e achei que a história que o Quim tinha inventado era possível de realizar. Entusiasmei-me muito e gostei muito de representar uma pessoa longe de mim. Há uma grande disciplina psicológica, na música já estava habituado a distanciar-me de mim e representar um papel, mas no cinema isso toma uma proporção milimétrica. Embora eu pense que com mais dois ou três diálogos, duas ou três situações, o filme se pudesse transformar num filme de geração, que tivesse a ver com a vida das pessoas do meu meio, não era esse o entendimento do Quim sobre o filme. Não aceitei as minhas sugestões... também eram um bocadinho rock, James Dean e não sei quê. O filme da Cristina Hauser, o meu envolvimento nele, é ditado pela música do filme de Luís Vidal Lopes "A Mensagem" que acabei por não fazer por falta de dinheiro. Com "Os fados" senti que podia protagonizar um filme português no verdadeiro sentido da palavra. A linearidade chocou-me um bocadinho. Ao princípio chocou-me, mas achei que havia tanta sensibilidade nos décors, e não sei quê, que achei... foi mais uma simpatia que outra qualquer coisa. Depois a minha canção "Fado" com papel importante no filme, mais uma razão para me desafiar. Embora ache que neste filme estou menos protegido do que estava no outro.»

É um actor de cinema?

P.A.M. - «Não posso sê-lo. Só se fosse parvo. Estou preocupado com outras coisas, falta-me disponibilidade. Não estou a dizer que sou um actor porque não estou à procura de papeis nem estou a aperfeiçoar arte nenhuma.»

Fêz algum estudo particular para fazer cinema?

P.A.M. - «Li Stanislavsky e Mayhail, sei as histórias que toda a gente sabe sobre o Actor's Studio. Já muito ao cinema, agora não há nada para ver. É uma chatice.»

O Pedro não compõe só, escreve também.

P.A.M. - «Isso é o que eu gosto mais de fazer. Aliás a técnica de fazer canções, música e letra, é o que eu gosto de fazer.»

Para além das canções o Pedro também aparece a assinar artigos em

jornais. A escrita tem peso na sua capacidade de se multi-dividir?

P.A.M. - «O meu sonho, mais que o cinema e isso tudo, era arranjar maneira de escrever um jornal. Estar lá todos os dias. Não tem sido possível, porque a indisciplina do universo da música é muito difícil de conciliar com a regularidade do trabalho de um jornal, mas isso gostava de fazer durante algum tempo. Talvez depois de gravar estes discos próximos consiga.»

Mas em que termos? Como repórter ou...

P.A.M. - «Como repórter é que eu queria, mas os jornais nacionais não estão organizados nessa circunstância. Gostava mesmo de ser repórter de casos difíceis. No entanto "Escrevi durante algum tempo no "Independente", mas suspendi a escrita porque achei que estava a ocupar muito o papel de estrela convidada.»

Contudo mantém esse papel. Não faz parte do Conselho Editorial do "Independente"?

P.A.M. - «Isso é outra guerra. É um conselho que funciona. Comento com o Miguel a edição do jornal. O espírito, contudo, é criativo e não formal. Aquele conselho, como o Miguel diz, é um órgão de consulta individual, nunca reuniu. Quando o jornal falhou durante semanas da realidade lisboeta, do Bairro Alto, dos músicos e das figuras, esse trabalho justifica a minha posição no jornal. É a minha amizade com o Miguel, que somos unha com carne há muitos anos.»

Aí! A política

Para além de todas as suas facetas artísticas você é capaz de aparecer ao lado de um profissional da política, o director da revista da Juventude Comunista, a defender a causa da monarquia...

P.A.M. - «Eu achei que se confrontaram ali a liberdade de ser com a incapacidade de ser. Ninguém me incomendou nenhum discurso, não estava ali em nome do P.P.M., defendi ideias minhas.»

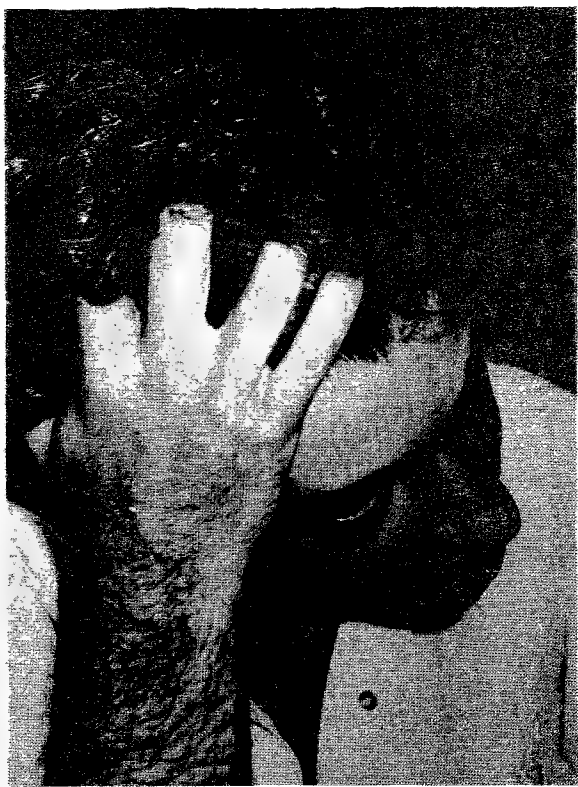
O Pedro é mesmo monárquico convicto ou defende determinado número de princípios comuns à monarquia?

P.A.M. - «Eu penso que Portugal teria muito a beneficiar com um regime monárquico. Os monárquicos estão completamente divididos. O P.P.M. é uma coisa, a Nova Monarquia é outra completamente diferente. Só a forma como eles se organizam pode determinar o eu não querer estar organizado com eles. Quando a Nova Monarquia convida o Blas de Piñar para vir ao congresso deles cá, acabou a Nova Monarquia para mim, e não acabou a monarquia.»

Quer isso dizer que é um democrata?

P.A.M. - «Sou profundo democrata. Se não fosse esta conversa dos grupos era impossível, porque os grupos não existem. A ideia de convidar um castelhano para vir a um congresso de monárquicos, em Portugal, é uma profunda aberração. A monarquia portuguesa fez-se e construiu-se de costas para Espanha. Mal estaremos nós se precisarmos, para legitimar qualquer coisa dessas, do selo de alguma organização espanhola. Quando me pergunta se eu sou monárquico eu digo-lhe que sim, no sentido simples do regime monárquico português, que não foi igual aos outros. É uma coisa de que nós todos temos saudades e

cont. na pág. 22



PEDRO AYRES MAGALHÃES

cont. da pág.21

não vamos conseguir encontrar em nenhuma destas discussões. O estado organizado das coisas, o privilegiar a vontade popular e a consulta dos municípios que deu a todas as organizações regionais de Portugal lugar nas Côrtes Gerais, é muito anterior à Revolução Francesa. A monarquia portuguesa sempre foi popular.»

- O Pedro é militante do P.P.M.?

P.A.M. - « Fui candidato pelas listas do P.P.M. Mas não sei se sou militante, não tenho cartão, não pago quotas, não vou a reuniões.»

- No P.P.M. há pessoas que estão ligadas a ideologias de direita, que estão um bocadinho longe dos princípios que defende...

P.A.M. - « No P.P.M. não se revelam como tal.»

- Por exemplo: o P.P.M. neste momento não tem problemas em se juntar ao partido governamental na corrida para a Câmara Municipal de Lisboa.

P.A.M. - « Por acaso não tenho acompanhado essas negociações a não ser pelo jornal, mas isso choca-me.»

- Não tem medo de correr o perigo de ser instrumentalizado?

P.A.M. - « Posso e já fui. Aliás a minha música já foi. A minha música e a minha pessoa já foram instrumentalizadas a vários níveis. O que é certo é que eu ofereço um produto que é útil a quem detém o poder, ótimo. Não discuto isso, nunca ofereci nada a ninguém. Fui pago.»

- E se amanhã, com a sua força de trabalho, ajudar a eleger um candidato que vai contra os seus princípios?

P.A.M. - « Aconteceu com todos. Eu trabalho com grupos, e dentro deles há pessoas com ideologias diferentes. Já contribuí para a eleição de muitas coisas e envolvi-me em coisas com as quais não me queria envolver, mas que sou forçado a isso porque estou num grupo de pessoas. A única defesa que tenho é manter-me fiel aos meus princípios e bater sempre na mesma tecla. Nunca me afastei das preocupações que tenho: a independência de Portugal, a igualdade de oportunidades, a defesa da justiça e a legitimidade das pessoas sonharem e criarem para elas um universo individual o menos delimitado possível por instituições. Esta tem sido a minha guerra ao longo destes anos todos.»

Deliciosamente megalómano

- Acha possível fazer as coisas todas que faz bem?

P.A.M. - « Não. Acho que não faço nenhuma bem. Se fizesse só uma podia fazê-la muito melhor. Se eu fizesse só uma não podia fazê-la. Se eu só tocasse guitarra a esta hora ainda estava no Metro.»

- É difícil dominar-se a si próprio?

P.A.M. - « Eu não posso fazer julgamentos absurdos, acho que tenho que ter uma certa complacência por mim próprio ao julgar-me e considerar o meio em que vivo. Se formas muito frias as cidades portuguesas estão todas mal organizadas, os serviços portugueses são todos uma fraude, a saúde é uma barraca, o ensino é outra barraca, as comunicações rodoviárias uma desgraça para os carros, os comboios andam atrasados, portanto a situação

portuguesa é tudo menos organizada, o que favorece o caos. É difícil ser organizado aqui. Sempre que queremos fazer um trabalho organizado e metódico esbarramos com a confusão geral e passamos por extremistas. Assim sendo, eu com estas coisas todas deixei um curso de Psicologia, falta-me o 5º ano e isso custa-me. Tenho que criar condições de tranquilidade e disponibilidade para o acabar. Em relação às outras coisas que faço, sou um bom gestor de empresas, não sei, mas pelo menos tenho-as inventado e criado condições para que progridam. Em relação à música se toco muito bem guitarra não toco o que ambicionava quando era aluno nem hoje em dia, neste momento satisfaz-me pelo menos a ideia de que estou a conseguir trazer de volta o som da guitarra ao imaginário das pessoas, o que é importante para a saúde mental pública.

Eu penso nisso muitas vezes, por isso quero trabalhar num jornal e não me envolver tanto no cinema. Tento restringir o que faço ao máximo, sabendo que não vou prescindir nunca de ter mais que uma actividade em relação à música.»

- É megalómano?

P.A.M. - « Completamente. Aliás vê-se.»

- O Pedro prospecta muito o futuro? Preocupa-se com o futuro?

P.A.M. - « Sim, sim. Por um lado sou como todos os portugueses preocupam-se todos muito com o futuro, mas têm sempre muito pouco a dizer sobre ele. Penso que a minha principal qualidade tem sido o conseguir compor, e inventar canções tornadas públicas, com

a característica de serem em português, no fim do século XX, que era uma língua que estava completamente apagada quando eu cheguei. Tenho orgulho em ter feito canções para dançar, descansar e pensar. É para o lado de fazer novas sínteses que eu vejo o meu futuro, e não como tarimba aciganada de andar com as guitarras às costas. E aí sim, há um limite, quanto mais não seja da nossa paciência.»

- Em alguma circunstância, nas suas facetas criativas, esquece o seu lado racional para se deixar levar pela emoção?

P.A.M. - « Deixo muito. Tenho essa capacidade protegida pela racionalidade. Nos concertos do Madredeus eu comovo-me muito. Comovo-me muito, porque para além de ser difícil tocar, há certas canções que me arrepiam, há certos momentos de comunhão com o público e de grande comunicabilidade. O efeito é mágico, de comunhão visceral.»

- Qual a percentagem de sinceridade das suas respostas a esta entrevista?

P.A.M. - « Total. Isso é outra prerrogativa da minha megalomania.»

O Pedro, para além de tudo o que faz, já tem um livro começado embora não dê importância ao facto de vir a ser editado ou não, à excepção de um diário, onde as suas impressões estão registadas. Possivelmente algumas como as que trouxe de Cabo Verde, onde com os Heróis do Mar, participou no Festival da Baía das Gatas.

- Os Heróis do Mar foram a Cabo Verde, o ano passado, na altura o Pedro escreveu para os jornais alguns artigos sobre essa experiência. O que é África para si?

P.A.M. - « África ou Cabo Verde? Cabo Verde não é África, é especial. A memória que mais guardo de Cabo Verde é a alegria que senti com as surpresas de comunicação que obtive junto de pessoas que eu não esperava conhecer tão bem. Acho que os caboverdianos aprenderam as virtudes todas. Guardo na memória o conforto de ter encontrado pessoas, uns vinham da América outros não sei de onde, que me confirmavam que quando eram amigos era para sempre e que quando gostavam era assim. A preocupação de ser virtuoso. A preservação de princípios positivos de frontalidade e de comunicação. Desenvolveram um estado de generosidade extrema, existindo como polo de entendimento do Atlântico. Batem-se por isso, que é um grande ideal megalómano, a rir e isso é muito bonito.»

Não foi a primeira vez que me aconteceu, embora esta tenha sido particularmente dolorosa, a conversa apetece, quem sabe se nunca acabada, perante uma pessoa tão rica, com uma capacidade tão grande em fazer, num país parado, o que se vem a saber é pouco.

A despedida o Pedro disse-me: - « Julgue-me pelas coisas que faço e não pelos disparates que digo! ». Impossível, porque a forma como está, fala e diz é digna do que faz, ou não fosse ele um caso raro, uma criatura brilhante, uma força da Natureza e, principalmente, uma cascata de criatividade com quem se tem um prazer especial em estar e um gosto particular de ouvir.

HOJE — ESTREIA CINE-ESTÚDIO A.C. SANTOS

GRETA SCACCHI

UMA ACTRIZ EM DIRECÇÃO AO "SUCESSO"
"SEDUTORA E CHARISMÁTICA", INVULGARMENTE BELA
"NUM FILME TODO SEU CHARME E SEDUÇÃO"
PROTAGONISTA DO FILME "A DISTÂNCIA DE UMA LUA"



SATURNO FILMES

ÀS 15.30, 18.30 e 21.30

M/12 anos

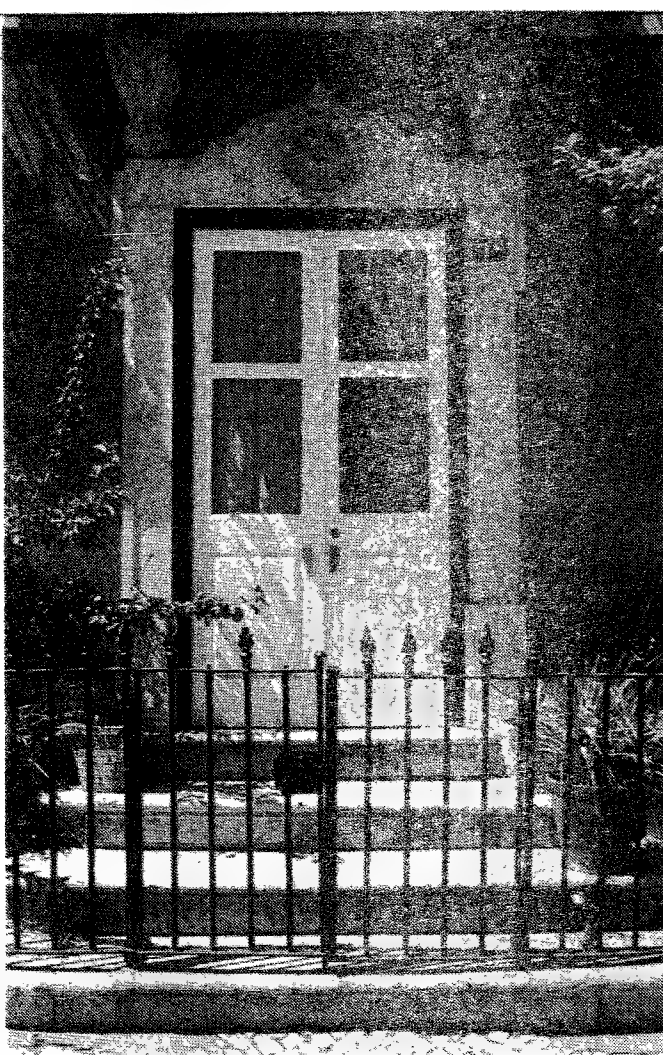
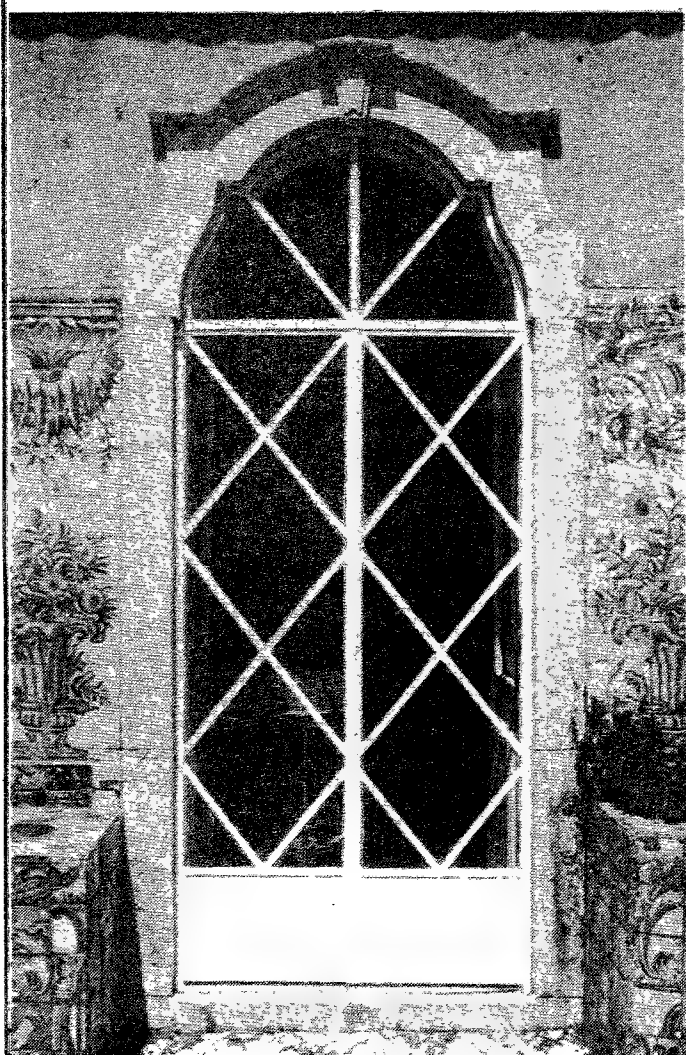
Fado para Maria

"Nenhum fadista tem sorte" - reza um dos temas do novo álbum (duplo) de António Pinto Basto. Apesar desta mitológica ideia, tão antiga como o próprio Fado, grande parte das faixas do disco reflecte alguma alegria. E foi assim que, na festa de lançamento (ontem, na Gare Marítima de Alcântara), os mais longos aplausos estavam reservados à canção "O Dia da Espiga", antigo e brejeiro tema da revista portuguesa. Mas o álbum conta com mais 15 faixas, ao longo das quais se pronuncia 31 vezes o nome próprio que também é título: "Maria". Segundo o fadista, trata-se de "uma homenagem à mulher portuguesa". Esta recuperação de um nome nobre e simples, em plena época de Sónias Andreias e Vanessas Cristinas, coincide com uma nova era e geração em que regressam os fadistas oriundos de velhas linhagens. António Pinto Basto, por exemplo, interpreta temas parcialmente compostos pelo avô e pelo tio. Nesta recolha de novos fados, inclui ainda canções de Tozé Brito. O disco leva mais uma vez a chancela da Polygram e os músicos são (à viola e à guitarra): João Luís Nobre Costa, Manuel Domingos, João Veiga, Jaime Santos, Francisco Gonçalves, João Machado, Joel Pina, Raul Silva e Rui Cardoso (flauta). Ontem ao fim da tarde, com o Tejo e as guitarradas em fundo, Pinto Basto cantou e encantou, "os seus versos chorando", provando-se mais uma vez a nova "coqueluche" de um fado que regressa aos salões.

R. G.



Foto de Marina Tavares Dias



AS PORTAS DE LOURES

Rodrigues da Silva

As séries é isso que têm: um número incerto, tal como as colecções. A série de postais «Portas», agora editada pela Câmara Municipal de Loures, fica-se pelo número nove. O nove contém em si simbolismos vários, um dos quais o da multiplicidade, talvez por isso estas portas, sendo apenas nove, queiram simbolizar para a Câmara o retorno a uma unidade descejada, a saber, oxalá assim fossem tão belas todas as portas de Loures.

Sabemos ou julgamos saber que, infelizmente, assim não são, por ali, todas as portas. Eis porque contamos os postais uma, duas ve-

zes, na esperança de termos contado mal e estas portas, não nove, sejam mais.

Mas não são. São nove apenas estas portas, estes postais de Loures, vila e concelho. Pensará a Câmara editar outros? Fica a dúvida, o que não obsta a que se considere benvinda esta série. Ela, visivelmente, não surge como qualquer acto turístico de todo deslocado em Loures, já se sabe; antes, e a acreditar na chancela da Câmara, tem a ver com o departamento do Património Cultural Construído do foro municipal.

Construído este património e ob-

viamente defendido. Se só se pode verdadeiramente amar o que se conhece, então estas portas, a partir de agora, ganham novos e insuspeitados amantes.

São todas diferentes e há-as para todos os gostos: nobres e plebeias, datadas e sem data, públicas e privadas, de porte altivo ou só de habitação, de estilo arquitectónico definido ou com aquele gosto dito popular que consegue suprir a ausência de estilo.

Num pormenor, somente, elas, todas diferentes, se assemelham: apresentam-se fechadas sem excepção, mesmo se num caso, por detrás de uma vidraça, uma cortina semi-erguida deixa supor, mais do

que desvenda, uma além-porta recôndita intimidade.

E é a única humanidade vislumbrável a que esta cortina meio levantada sugere. É que estas portas, fechadas todas, oferecem-se-nos aos olhos como se pertencessem a um museu capaz de lhes garantir um estatuto de eternidade.

As fotografias isolaram-nas, afastaram para dentro ou para os lados — quem sabe se para trás da câmara — aqueles que estas portas diariamente transpõem, aqueles que lentamente vão gastando a pedra dos seus degraus, erosão a que eles se sujeitam para às portas se chegar ou delas se sair virando-lhes as costas.

E elas, estas portas, assim nos surgem: belas mas de uma melancólica beleza de tão desumanizada. Como se a série de postais — involuntariamente — nos quisesse dizer que as portas de Loures, de pedra embora, são frágeis, é preciso protegê-las dos herdeiros dos que as puseram de pé e hoje talvez ameacem degradá-las.

Esperemos, todavia, que assim não seja. Sem estas e talvez outras tão belas portas que em Loures existam, Loures ficaria mais pobre. E aqueles que em Loures vivem, ou só habitam, um dia haveriam de dizer que, em lugar das suas portas, lhes restavam apenas memórias de papel... ou simulacros de alumínio.

Gralheiro Prémio de Teatro

O Prémio Citap/Amadora 89 (concurso de originais para teatro) foi atribuído à peça «O Grande Circo Ibérico», da autoria de Jaime Gralheiro, advogado de profissão e dramaturgo por vocação, natural de S. Pedro do Sul e aí residente.

Gralheiro é autor, entre outros textos, da peças «Paredes Nuas», «Belchior», «Ramos Partidos», «O Fosso», «Arraia Miúda», «Vieram para morrer».

Foram ainda distinguidos com menções honrosas os originais «O Ladrão do Tempo», de José Jorge Letria, e «Eu, Rudolph Hess, Me Confesso», de Helder Costa.

Da coreógrafa e bailarina Olga Roriz recebemos a carta que a seguir transcrevemos na íntegra, com pedido de publicação:

«Acerca do artigo de 18-7-89, assinado por Rui Eduardo Paes, intitulado QUERO VOLTAR AO GRAU ZERO, antecedido da epígrafe 'Olga Roriz rompe com o Ballet Gulbenkian', e depois de, a meu pedido, o mesmo jornalista ter esclarecido, a 9-8-89, as razões de tal epígrafe, clarifico que:

1 - O meu pedido de licença

Uma carta de Olga Roriz

sem vencimento de respeito ao meu contrato como bailarina do Ballet Gulbenkian.

2 - Não é óbvio que um pedido de licença por um ano, nem as razões que para tal dei ao «DL», signifiquem uma ruptura, mas sim um afastamento temporário, e benéfico para ambas as partes.

3 - As divergências técnico-artísticas que tenho dentro do B. G. não são defeitos de mesmo, mas sim qualidades específicas da Companhia que é.

4 - Na próxima temporada vol-

tarei a coreografar para a Companhia, na qualidade habitual de coreógrafa convidada.

5 - Deixo assim explícito a todos os leitores, incluindo Rui Eduardo Paes e o Serviço de Música da F. C. G., que não é minha intenção desvincular-me do Ballet Gulbenkian, nem tão pouco este me impediu de realizar trabalhos paralelos.

Quando se dá o dito por não dito, ou melhor, por meio-dito, quando um entrevistado prefere ser conciliatório e baixar ferveras

depois de ter feito rebentar uma bomba, resta ao jornalista, ainda que com vontade de defender o

A resposta possível seu trabalho e a sua objectividade profissional, uma só solução: desistir de argumentos, sorrir perante as fraquezas humanas e respeitar religiosamente as decisões de quem muito admira. Muito simplesmente, Olga Roriz é a nossa melhor coreógrafa e a nossa melhor bailarina. Há perfis que nos merecem tudo.

REP

Nova fase do regime brasileiro

Os generais reuniram-se e tomaram as suas decisões, redigindo o Acto Institucional nº. 12 para «assegurar a ordem e a continuidade do Exército no Poder» após a paralisação que desde sábado impede o Presidente Costa e Silva de assumir as suas funções. O ministro da Justiça esteve sempre em contacto permanente com os membros da Junta para redigir, segundo a terminologia desde agora tradicional, o Acto Institucional nº. 12, o qual faz entrar a

Revolução de 1964 numa nova fase que muitos julgam «dura e cada vez mais dura».

Golpe de Estado na Líbia

Uma Junta revolucionária depôs hoje o rei Idris da Líbia e estabeleceu um regime republicano - segundo revelaram em Roma círculos diplomáticos bem informados. As primeiras notícias dizem que o novo regime do país tomou conta do Poder por meio de um golpe de Estado, mas ainda não são conhecidos os nomes dos novos dirigentes líbios. O

ministro italiano dos Correios anunciou que todas as comunicações telegráficas e telefónicas entre a Itália e a Líbia tinham sido cortadas.

Casou-seum padre venezuelano

Moisés Nava, padre venezuelano e pároco da aldeia de San Joaquín, no Estado de Anzoátegui, casou-se ontem, pelo civil, com uma rapariga da localidade. O padre foi ordenado em Espanha e tem apenas 21 anos. Nava tinha pedido à Santa Sé uma dispensa de votos para se poder casar pela Igreja, mas esta dispensa não chegou a tempo.

EM PORTUGAL

	Min.	T. Máx.	Prec.	Às 18 h.
Bragança.....	14	14	0,0	M. nub.
V. Castelo.....	16	17	0,0	P. nub.
Vila Real.....	16	16	0,0	P. nub.
Porto.....	13	13	0,0	Limpo
P. Douradas.....	-	-	-	-
Coimbra.....	16	16	0,0	Nevoeiro
C. Carvoeiro.....	18	18	0,0	M. nub.
C. Branco.....	18	18	0,0	Nebula
Portalegre.....	16	20	0,0	P. nub.
Lisboa.....	18	18	0,0	Limpo
Évora.....	16	16	0,0	P. nub.
Beja.....	15	15	0,0	Limpo
Faro.....	20	20	0,0	Nebula
Sagres.....	-	-	-	-
P. Delgada.....	18	18	0,0	Limpo
Horta.....	-	-	-	-
Funchal.....	22	22	0,0	Aguaceiros

Temp. máx. prevista para hoje: Lisboa 28, Porto 28, Faro 27, Ponta Delgada 27, Funchal 27

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NA EUROPA

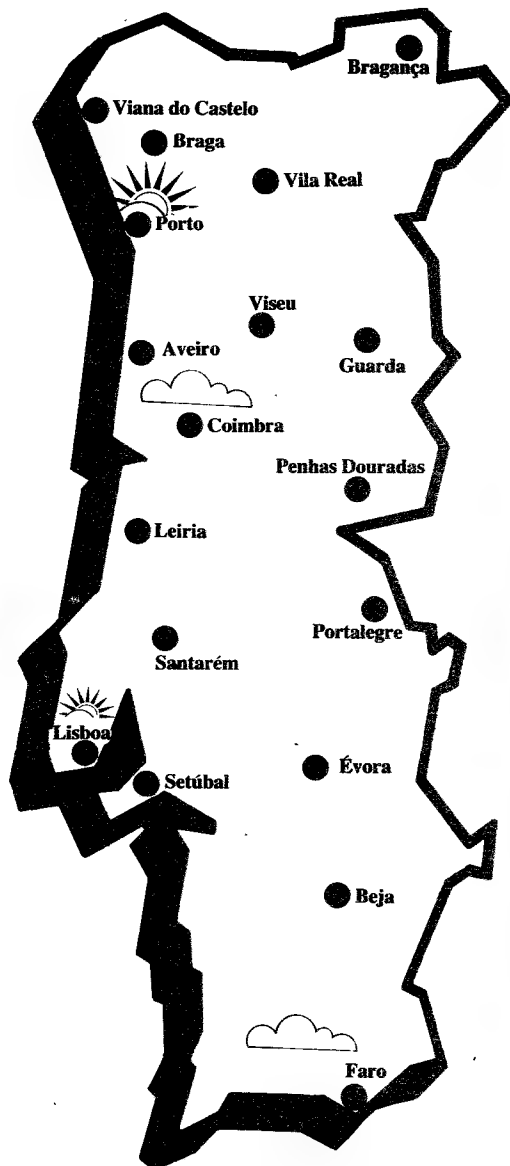
	Min.	T. Máx.	Às 18 h.
Madrid.....	14	14	P. nub.
Londres.....	10	10	P. nub.
Paris.....	13	13	P. nub.
Bruxelas.....	12	13	M. nub.
Amsterdão.....	10	12	M. nub.
Genebra.....	11	13	-
Roma.....	16	18	M. nub.
Oslo.....	11	11	M. nub.
Copenhaga.....	14	14	M. nub.
Estocolmo.....	10	12	Chuva
Berlim.....	10	11	P. nub.
Viena.....	-	-	-
Varsóvia.....	-	-	-
Arenas.....	-	-	-
Moscovo.....	-	-	-

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm

NOMUNDO

	Min.	T. Máx.	Às 13 h.
Caracas.....	21	29	Limpo
Joanesburgo.....	8	22	Limpo
Los Angeles.....	16	23	Limpo
Montreal.....	16	23	Nublado
Nova Deli.....	25	32	Nublado
Nova Iorque.....	21	32	Limpo
R. de Janeiro.....	-	-	-
S. Francisco.....	14	22	Limpo
São Paulo.....	-	-	-
Tóquio.....	25	32	Nublado

Temperatura do ar em °C • Precipitação em mm



TEMPO

HOJE

Em todo o território: Céu pouco nublado ou limpo. Vento geralmente fraco, soprando moderado de Noroeste nas regiões do litoral Oeste e pequena subida da temperatura.

Estado do mar: Mar de pequena vaga a cavado com ondulação Noroeste de dois metros na costa ocidental e encrespado de pequena vaga com ondulação Sudoeste com cerca de um metro na costa Sul.

Nos Açores

Grupo Ocidental: Céu geralmente pouco nublado. Vento fraco do quadrante Sul.

Grupos Central e Oriental: Céu geralmente muito nublado. Vento fraco ou moderado de Nordeste.

Estado do mar: Mar encrespado a de pequena vaga. Ondulação Noroeste de um metro.

Na Madeira

Períodos de céu muito nublado. Vento Nordeste moderado e por vezes forte.

Estado do mar: Costa Norte: Mar cavado, ondulação Norte de dois a três metros.

Costa Sul:

Mar de pequena vaga. Ondulação com cerca de um metro.

Funchal:

Céu geralmente pouco nublado. Vento em geral fraco.

AMANHÃ

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco, soprando moderado de Noroeste no litoral Oeste durante a tarde.

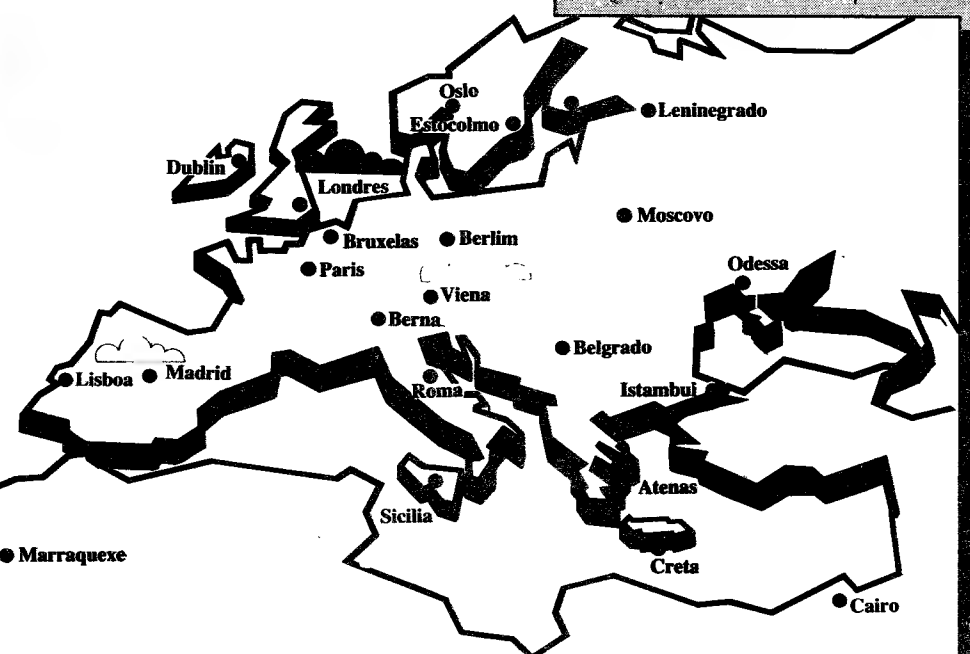
DEPOIS

Céu pouco nublado ou limpo. Vento fraco ou moderado do quadrante Norte. Nebulosa ou nevoeiro matinal. Possibilidade de trovoadas durante a tarde nas regiões do interior Norte e Centro e nas regiões do Sul: céu pouco nublado, vento fraco ou moderado de Norte com neblina ou nevoeiro matinal.

MARÉS

	Preia-Mar	Baixa-Mar
Hoje	04.37 3,9 m	10.06 1,0 m
	16.52 4,1 m	22.29 1,0 m
Amanha	05.08 3,9 m	10.36 1,0 m
	17.23 4,0 m	22.57 1,0 m

• Informação do Instituto Nacional de Meteorologia e Geofísica



EFEMÉRIDES

1809 Saem em Lisboa os primeiros números dos jornais «Novo Diário de Lisboa», «Jornal de Lisboa», «Mapa Político» e «Mensagem».

1879 É assinado pela Inglaterra um tratado de paz com os zulus na África do Sul.

1939 A Alemanha invade a Polónia, dando início à Segunda Guerra Mundial.

1945 O Japão, após o lançamento de bombas atómicas em Hiroshima e Nagasaki, assina a sua rendição a bordo do navio de guerra norte-americano «Missouri», o que põe termo à II Guerra Mundial.

1950 Tropas norte-americanas lançam uma violenta ofensiva através do rio Maktong, na Coreia.

1961 As Nações Unidas cortam relações com o governo seccionista do Katanga, província do Zaire.

1969 Na Líbia, um golpe militar dirigido por Muammar Khadafy depõe a monarquia, sendo proclamada a República árabe da Líbia.

1972 O dirigente dos guerrilheiros tupamaros, Raul Sindic, é capturado no Uruguai.

1975 São nacionalizados os estaleiros navais de Viana do Castelo.

1982 O presidente norte-americano Ronald Reagan pede ao primeiro-ministro de Israel, Menachem Begin, o congelamento da instalação de colonatos israelitas na Faixa Ocidental e em Gaza.

1984 Em incidentes com a Polícia, no final do jogo Boavista-Porto, ficam feridas cerca de 20 pessoas, tendo duas delas sido hospitalizadas.

1985 Um comboio de passageiros e um comboio-correio colidem, perto da localidade francesa de Argenton-sur-Creuse, matando 43 pessoas, entre franceses, britânicos, espanhóis, belgas e um português.

1988 Morre o cientista Luis Walter Alvarez, 77 anos, laureado com o Prémio Nobel da Física em 1968 e que ajudou a construir a primeira bomba atómica.



As figuras mais importantes do pobre espectáculo sadino

Particular em Setúbal: Portugal, 0-Roménia, 0

SELECÇÃO A PASSO DE GANSO

Neves de Sousa

No final do abúlico e tristonho joguito de futebol que deu honras de nova internacionalização ao sempre mais alindado Estádio do Bonfim (o presidente Fernando Oliveira recebendo fidalgamente a Comunicação Social e outros amigos), o «espí» belga Michel Sabou deve ter rido à brava, lá com os seus botões:

— Para que raio foi preciso chamar também o Scifo lá para a minha selecção se Portugal é verdadeiramente inofensivo no ataque?

De facto, lusitana inoperância chegou a afligir a escassa platéia, já de si altamente desmotivada por não lhe ser possível ver em acção uma autêntica «selecção nacional» (Paulo Futre, Rui Barros, Sobrinho, Frederico, por isto ou aquilo fora do «esquadrão» que virou «esquadrinha») e, sistematicamente, apanhar um susto com a bola na sua trave ou quatro «falhanços» no corredor central de protecção a Silvino, mais naquele soberbo «passe» de João Pinto para um contrário que, já no declinar do desafiãozinho o romeno não aproveitou porque (recebendo benesse celestial) entendeu que não deveria quebrar a amizade que era diáspora na noite serena da beira Sado.

Não poderá negar-se que, embora raramente dando motivos para umas palminhas do reduzido conclave, a rapaziada de Juca, Costa e Barnabé teve uma evidente virtude: jogou o que pode ou sabe neste romper de época. E houve flagrantes casos de «desapuro» de forma, com as notas mais notórias a cargo de Jaime Magalhães (que, subitamente, deu um tal bafio que ficou reduzido a simples corpo presente) e Rui Águas (distante da pontaria para o golo que o credenciou e desprezando a calma suficiente para utilizar o toque de cabeça em que é exímio) sem falar que a adaptação de Veloso a defesa esquerdo impediu de que o brioso e aplicado «ca-

pitão» benfiquista renda o que reflecte quando está no flanco direito, tal como o entusiasmo de Miguel mais a arte de Venâncio não fazem esquecer uma possível melhor produtividade da dupla Frederico-Sobrinho, mais possante e com melhor poder de elevação.

E (veja-se como são as coisas!) o duo sportinguista, que esteve em muitos momentos com bastante brilho, acabou por (num quarteto de lances) ficar completamente rasgado, obrigando Silvino a extrema atenção (duas seguríssimas blocagens) ou os romenos a demonstrarem que também Hage e Dumitrescu estão afastados da superior realidade que os credencia. Isto já para não falar que, logo ao abrir da página, a esfera ruidosamente embateu na madeira superior da baliza do nosso rapagão da camisola um...

Esse chuto de Dumitrescu (ainda não tinham corrido três minutos) foi sinal de alarme para a cobertura a Silvino, que passou a fechar mais, recusando ostensivamente André (já não apenas «trinco», mas um quase perfeito quinto «back»), embora João Pinto desse sucessivas largas a Rotariu, camiseta três que se encostava à linha canhoto e dali partia embalado, com fogo nas botas, a lançar o ameaço de pânico que crescia à medida que Jaime Magalhães ia ficando nas covas.

A firma Brito & Águas não tinha companhia ilimitada: andava perfeitamente em divergência com o cidadão César Gonçalves de Brito Duarte a logo manifestar-se como contabilizador absoluto de um lugar no «team» para Heysel provando que optimamente procedeu o Benfica ao convocá-lo para o seu quartel. Por seu lado, desde erros técnicos imperdoáveis na sua categoria, no seu perfil filigranado, José Rui Lopes Águas não acertava com a bola ou continuava com a sorte metendo água nos seus

porões: em lugar de tocar saltitante a de cima para baixo no momento da impulsão, dava-lhe cabeçadas para os céus, em vez de rematar imediatamente ao receber um bom endosso preferia deleitar-se com o couro aos pulos até um qualquer romeno resolver a questão.

Parece dado adquirido que as eventuais rendições de Rui Águas e Jaime Magalhães por Futre e Rui Barros, dando oportunidade a Paneira de estar mais no corredor que adora (o direito) e o Paulinho dos «colchoneros» serpentear como enguia a facilitar a grande penalidade que ontem Águas nem sequer foi capaz de lograr, irão dar outro tom ao bloco, especialmente se atendermos que, em Bruxelas, apenas o contra-ataque nos pode valer, desde (é óbvio) que a nossa retaguarda esteja rija como aço.

A saída de Hagi que chegou a estar no pico da onda, abreviou a monotonia no espectáculo, porque a nossa malta atropelava-se no afã de cada um querer fazer aquilo que devia ser tarefa comum. Por seu lado, pecando por tardia, a substituição de Jaime Magalhães, servindo para revelar algumas potencialidades do jovem setubalense Jorge Ferreira, não deu ensejo a uma reviravolta total no conformismo com que toda a gente acabou por entender como simples jogo-treino uma esgrima que careceu de um mínimo de velocidade lusiada para aquecer as hostes.

Acabado o pobre «show» sobre a relva, começou o mais curioso de todos, na sala de convívio onde Fernando Oliveira e os seus pares recebem os amigos. E era um corropio, de grupo pa-

ra grupo, unanimemente se concordando que aquela tinha sido uma frágil imagem do nosso futebol de primeira fila, mas que as eleições federativas é que deram o sal e o picante suficientes para deliciar alguns paladares. Parecia uma «passarela» em Las Vegas: Pinto de Sousa e João Rodrigues, Sousa Cintra e Abílio Fernandes, Guerreiro Cavaco e Daniel do Adro, Fernando Pedrosa e Carlos Valente, antigos jogadores dando ao gatilho da palavra (Pedro Gomes, Joaquim Rocha, Conhé, Vítor Gomes), Manuel Fernandes, sempre às voltas com os seus sumos, António Sustelo falando de lançamento do Sporting Clube de Bruxelas (agremiação de que é presidente e uma espécie de Mecenas), a Redacção do nosso colega «Record» imeditamente instalada no domínio de um grande clube (foi bonito de ver como os nossos companheiros transformaram a sala do futebol juvenil do Viria, numa delegação a alto nível do três da travessa dos Inglesinhos), Raul Nazaré e José Augusto falando dos seus melhores tempos, António Silva (que está intimamente ligado ao Portimonense e à Torralta) e um punhado de jornalistas de ouvido em riste e pena escondida. Um fim de festa que (enfim!) serviu para esquecer a sonolência apática que ia tomando conta de dois ou três mil pagantes que só arrebavam o olhar de cada vez que desfilava uma das bonitas mulheres dos nossos «craques», autorizada à confraternização por meia dúzia de minutos com os famosos maridos. Ao menos por elas, dávamos um banho a qualquer delegação da Roménia.

Com arbitragem modelar (e paternalista...) do espanhol Ramos Marcos, que esteve auxiliado por Teodoro Sanchez e José Henrique Valdivieso, alinharam:

PORTUGAL: Silvino; João Pinto, Miguel, Venâncio e Veloso; Jaime Magalhães (Jorge Ferreira, 71 m), Vítor Paneira, André e Carlos Xavier; Rui Águas e César Brito.

ROMÉNIA: Lung; Iovan, Petresco, Rednic, Andone e Rotariu; Sabau, Popescu e Dumitrescu (Mateut, ao intervalo); Lacatus e Hagi (Vaiscovic, 79 m).



O grupo português. Em cima, a contar da esquerda: Venâncio, Miguel, Rui Águas, Jaime Magalhães, João Pinto e Silvino. Ajoelhados: André, Veloso, Carlos Xavier, César Brito e Vítor Paneira.



Praxe: cumprimentos entre Lung e o «pequeno» João Pinto



Remate (fortíssimo) de César Brito, por entre uma cortina aberta ao vento



Rednic (número quatro) trava Vítor Paneira



Corte do «capitão» das cinco quinas

BIBLIOGRAFIA
DESPORTIVA



«Semanário Desportivo»:
renovação
de alto a baixo

Tendo agora ao leme o jornalista Orlando Dias Agudo (nosso antigo colega de redacção e actual integrante dos quadros da RTP) aí está, saltando de jornal para revista, o «Semanário Desportivo», mantendo-se Hélio Nascimento como editor sénior e contando com um bloco de redactores e colaboradores de bom nível, para além de nítida melhoria no seu grafismo e geral apresentação. Distribuído pela Interpress, Lda., o «Semanário Desportivo» procura agora vincar-se definitivamente no panorama da nossa imprensa, no que é aval a escolha de Orlando Dias Agudo para o posto de «top» da sua carreira. Ao «Semanário Desportivo» e ao seu director, nesta segunda fase de vida, do nosso colega, os votos de longo e sempre aplaudido futuro.

Carcavelos: a grande amizade

EXCELENTE SELECÇÃO INGLESA PARTICIPA NA FESTA DOS 100 ANOS DE FUTEBOL

Está completo o brilhante cartaz que o Grupo Sportivo de Carcavelos elaborou para a comemoração dos 100 anos de futebol no nosso país e terá dupla jornada de festa a 16 e 17 do corrente.

O programa, que será cumprido no campo da Quinta Nova (em Carcavelos), local já lendário onde pela primeira vez se jogou futebol no nosso país, oferece, no primeiro dia, muitos aliciamentos: entre as 9 e as 13 horas, torneio quadrangular de juvenis (participação das turmas do Benfica, Sporting, Belenenses e Carcavelos), na parte da tarde embate entre as turmas seniores do Boavista e do Vitória de Setúbal, com os dois «onze» a serem arbitrados pelo nosso «mundialista» Carlos Valente. Pelas 17 horas, o jogo «Centenário», entre as selecções inglesa e portuguesa de veteranos, com Eusébio e parceiros em confronto directo com um bloco de grandes «estrelas» britânicas que, sob a égide da Embaixada do seu país em Portugal, vêm prestar homenagem aos compatriotas que trouxeram até nós o jogo-rei, nos velhos tempos de há cem anos. Veja-se, pelo simples enunciado dos seus nomes, a alta valia do «onze» que nos visita, integralmente constituído por «internacionais» da Grã-Bretanha: David Watson, Joe Corrigan, Ray Clemence, Trevor Cherry, Dennis Mortimore, Gordon Hill, Peter Barnes, John Ro-



José Ruas (o presidente do Carcavelos e idealizador do festival dos 100 Anos de Futebol em Portugal) e o atleta olímpico daquela colectividade (o halterofilista Raul Dinis).

bertson, Don Masson, Alan Hudson, Paul Mariner, Terry McDermott, Ian Storey-Moore, Danny McGrain e Dennis Tuert. Um magnífico espectáculo em perspectiva, com arbitragem do juiz «internacional» Vítor Correia.

No segundo dia das festividades (domingo), tem lugar um duelo em futebol feminino: Carcavelos versus Boavista, uma turma que está firmando prestígio e o mais conceituado «onze» da sua categoria, com praticantes de alto nível. Segue-se a final do torneio de juvenis e, pelas 15 horas, um jogo histórico, evocando a época em que

aconteceu a primeira esgrima futebolística entre equipas lusitanas: Casa Pia e Carcavelos (colectividades com elevada influência na difusão do futebol das cinco quinas) num cotejo que terá a presença de descendentes da família Pinto Basto, introdutora do futebol por estas áreas.

Sem sombra de dúvida: um painel de jogos suficientemente digno de corresponder à ideia erguida por José Ruas, o dinâmico presidente do Grupo Sportivo de Carcavelos, planificador (e principal responsável) por esta verdadeira confraternização de todo o nosso futebol, num reencontro com as origens.

Ténis: Open dos EUA

Becker ameaça liderança a Lendl

Ivan Lendl, Stefan Edberg e Gabriela Sabatini, três dos principais cabeças de série do «open» de ténis dos Estados Unidos, ultrapassaram facilmente os seus adversários na segunda eliminatória da competição.

Lendl, o checoslovaco número um mundial, não teve dificuldade em derrotar o australiano John Fritzgerald, pelos parciais de 6-2, 6-1 e 6-1, enquanto Stefan Edberg, número três mundial, também derrotou, sem esforço, o seu compatriota sueco, Peter Lundgren, por 6-2, 6-2 e 6-2.

Para o checoslovaco, além dos preciosos prémios no «maior torneio de ténis do Mundo, a seguir a Wimbledon», está em jogo a sua posição de número um do «ranking» mundial, pois se no próximo embate, contra o jovem norte-americano Jim Courier, Lendl perder, e se Boris Becker, o número dois mundial, vencer o «open», as posições de ambos podem-se alterar, ascendendo o alemão-federal à liderança.

Edberg também não poderá descansar no embate que hoje o coloca diante de André Agassi, um adversário capaz de provocar surpresas.

No sector feminino, a argentina Gabriela Sabatini, 3.ª cabeça de série no torneio, venceu e convenceu a italiana Cathy Caverzasio, por 6-3 e 6-2.

A segunda ronda do «open» dos Estados Unidos foi marcada, para além de outras surpresas e do intenso calor, pela derrota do norte-americano, Lawson Duncan, que frente ao haitiano Ronald Agenor perdeu por 4-6, 3-6 e 4-6.

Melhor sorte teve o 12.º cabeça de série, o espanhol Emilio Sanchez, que no embate com o australiano Darren Cahill, e apesar de uns longos cinco «sets», venceu pelos parciais de

6-3, 6-7 (5-7), 6-4 e 6-4.

No sector feminino, as cabeças de série venceram, e Arantxa Sanchez (Espanha), Sabatini e Conchita Martinez (Espanha), qualificaram-se para a 3.ª jornada do «open».

Sanchez venceu a norte-americana Cammy MacGregor (6-1, 6-3), Sabatini suplantou Caverzasio (6-3, 6-2) e Martinez a francesa Sophie Amiaich (6-3, 6-4).

Ténis: mais árbitros

A Federação Portuguesa de Ténis vai promover um curso para árbitros entre 22 e 30 do corrente, no Estádio Nacional.

O curso será ministrado pelo árbitro internacional António Flores Marques e a sua data coincide com o campeonato nacional de primeiras categorias, prova que este ano irá reunir os melhores valores nacionais, incluindo Nuno Marques e Cunha e Silva.

Os candidatos a árbitros, além das aulas teóricas, irão prestar provas práticas no decorrer do campeonato, sendo utilizados como juizes-de-linha e árbitros no decorrer dos jogos.

MÁXIMOS

Peso:
a melhor marca do ano

O campeão olímpico Ulf Timmermann, da RDA, estabeleceu a melhor marca mundial do ano no lançamento do peso, e a sua compatriota Heike Hartwig completou a mesma proeza, durante um torneio nacional de atletismo realizado ontem à noite em Berlim Oriental.

Timmermann lançou o peso a 22,19 metros, batendo por um centímetro a anterior melhor marca, estabelecida 24 horas antes em Berna pelo suíço Werner Guenthoer.

Houve (mesmo) paz no jantar de Wilson Brasil

O simpático e prestigiado Wilson Brasil, jornalista do nosso colega «Gazeta dos Desportos» e comentador futebolístico na Rádio Comercial, voltou a reunir um bom grupo de amigos no seu já tradicional (e anual) «Jantar da Paz».

Desta feita, a triagem de convidados foi perfeita: não apareceu por lá nenhum Bonneti e, portanto, foi mesmo uma festa de confraternização em torno do nosso companheiro que veio do seu país para rapidamente implantar uma legião de admira-

dores e muito respeito entre os seus pares de profissão que compareceram, em alta quota, representados, no convívio no «Sonho Real», em Carcavelos.

Estiveram ali presidentes de diversas Federações (coronel Vargas Cardoso da ginástica e o seu homólogo da Natação) e de colectividades de alto relevo (Valentim Loureiro, do Boavista e também «leader» da Liga de Clubes; João Santos, do Benfica; Mário Rosa Freire, do Belenenses; Sousa Cintra, do Sporting, o seleccionador nacional

de ténis de mesa, dirigentes da estirpe do benfiquista Gaspar Ramos, árbitros «internacionais» (Carlos Valente, Vítor Correia, Rosa Santos) e, muitas vezes em amena cavaqueira, João Rodrigues (presidente da Associação de Futebol de Lisboa e candidato à chefia federativa) e Sérgio Abrantes Mendes (o «leão» que está a ser impulsionado para a esgrima pelo mesmo cargo).

Na alargada meia centena de personalidades, via-se também o dr. Camacho Vieira (médico do Belenenses e das selecções

nacionais), António Malva (secretário-geral interino da Federação de Futebol), António Costa (do Comité Técnico do nosso jogo-rei), o comandante Cerqueira (árbitro «internacional» de ténis e figura-chave do Estádio do Benfica), professor João Mota, o técnico setubalense (e antigo «internacional»), Manuel Fernandes, Fernando Gomes (o «bibota de ouro»), Raul Dinis (o halterofilista olímpico que é já uma glória do Grupo Sportivo de Carcavelos) e o presidente desse clube (José

Augusto Ruas) entusiasmadíssimo com o programa que promoveu para as festividades comemorativas dos «100 anos de futebol em Portugal».

Diversos jornalistas e radialistas estiveram também em torno de Wilson Brasil, nomeadamente Artur Agostinho, Vítor Santos, Fernando Correia, Rodrigo Pinto, Daniel Reis, João Querido Manha, Abel Figueiredo e Fernando Emilio, tendo usado da palavra Fernando Gomes o novo comandante do ataque leonino, recordando a ami-

zade que o liga ao festejado, Vítor Santos (numa iniludível manifestação de estima para com Wilson Brasil, Costa e António Malva (erguendo as taças pelos 66 anos do criador do troféu «Gandula») e, finalmente, com o nosso companheiro «gazeteiro» a agradecer, muito comovidamente, o carinho que todos lhe devotam. Um enorme abraço que teve o privilégio de prolongar Wilson Brasil no melhor sentimento de gente importante.

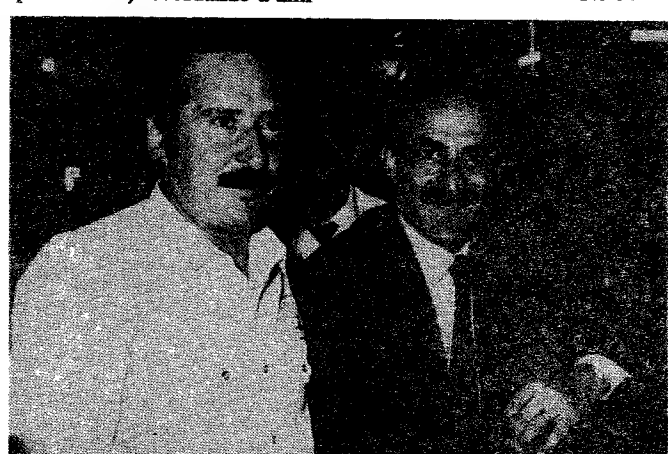
N. de S.



A turma do «Sonho real» (Carcavelos) que atendeu os convidados de Wilson Brasil



Wilson Brasil enquadrado pelo nosso camarada Neves de Sousa, professor João Mota e Fernando Gomes



Dois «internacionais»: o árbitro Vítor Correia e o antigo jogador (e actual técnico) António Costa

Bélgica-Portugal terá fado, folclore e hino da CEE

Jacques Delors, a bandeira da CEE e o hino europeu vão dar um cunho comunitário ao jogo de futebol entre Portugal e a Bélgica, quarta-feira em Bruxelas, a contar para a fase de apuramento do Campeonato do Mundo.

Fonte da Embaixada de Portugal junto do reino da Bélgica disse que é quase certa a presença do presidente da Comissão Europeia no encontro, que se realiza no Estádio de Heysel.

A mesma fonte informou ainda que, pela primeira vez em encontros de futebol do Campeonato do Mundo, será tocado o hino europeu antes dos hinos dos dois países e que cada jogador das duas seleções envergará uma bridadeira com a bandeira da CEE (círculo de 12 estrelas em fundo azul).

No intervalo do jogo, está prevista a actuação de ranchos folclóricos formados por emigrantes portugueses radicados em Bruxelas.

A fonte indicou ainda que no dia do encontro, Jacques Delors participa num almoço de confraternização, a convite do embaixador de Portugal junto do reino, António Patrício, e do presidente da Federação Belga de Futebol.

O presidente da Comissão Europeia deverá fazer uma pequena intervenção no almoço, para o qual foram convidados diversos industriais e importadores de produtos portugueses.

Na terça-feira, segundo o mesmo informador, realiza-se um almoço de confraternização entre as duas federações, presidido pelo embaixador de Portugal e, à noite, é organizado um sarau com Amália Rodrigues.

José Garcia na mira do ouro

O canoísta José Garcia manifestou-se, no Porto, esperançado na conquista de uma medalha de ouro nas Olimpíadas de Barcelona/92, numa das finais de canoagem.

«Existem condições para novas proezas, sendo necessário dar tempo ao tempo», disse José Garcia, que admitiu estar ao nível dos melhores praticantes mundiais da modalidade.

Após ter obtido, no último fim-de-semana, a medalha de bronze na prova dos 10 000 metros dos campeonatos do mundo de canoagem, José Garcia afirmou, à sua chegada ao Aeroporto de Pedras Rubras, que o título conquistado «é a afirmação da categoria da evolução da canoagem portuguesa».

Estádio de Palermo continua em queda

Dois desmoronamentos consecutivos, em 24 horas, um dos quais provocou a morte de 4 operários, no Estádio de Palermo, estão a provocar uma crise geral em Itália.

Um dos 20 pilares previstos como base de sustentação da cobertura da bancada central do Estádio A Favorita, um dos 12 estádios que albergarão os 52 jogos da fase final do Mundial de Futebol Itália-90, desmoronou-se quarta-feira, causando a morte de 4 operários, conforme o «DL» noticiou na sua edição de ontem.

Decorria ainda o funeral dos operários vítimas do acidente, quando novo desmoronamento, desta vez de mais 7 pilares, ocorreu pelas 14 horas de ontem, sem no entanto causar vítimas.

No estádio não se encontrava ninguém, porque o magistrado encarregado da investigação do primeiro acidente ordenara a suspensão dos trabalhos e a selagem do recinto.

O novo desmoronamento levou ao estádio palermitano agentes da Polícia, técnicos especializados e o substituto do procurador da República, o juiz Giuseppe Ayala, que dirige as investigações, o qual afirmou no local:

«No actual estado das coisas não existe qualquer elemento que permita formular a hipótese de sabotagem, e também não excluimos a possibilidade de se tratar de uma manobra errada da grua, durante os trabalhos de quarta-feira.»

A afirmação do juiz, que faz parte do «pool» Antimafia, não explica por que razão terá ocorrido o desmoronamento de mais 7 pilares, com os trabalhos suspensos e sem intervenções de gruas.

Cada pilar pesa 4 toneladas e meia e tem 37 metros de altura, segundo os planos de reestruturação com vista ao Mundial de Futebol.

Real Sociedad quebra tradição

O Real Sociedad está a tentar baixar o preço do futebolista do Liverpool, John Aldridge, de 1,9 milhões de dólares (cerca de 306 mil contos), para 1,6 milhões de dólares (256 mil contos).

O presidente do clube espanhol, Inaki Alkiza afirmou que «a diferença não é assim tão grande, e estou optimista, pois penso que o Liverpool vai aceitar».

Aldridge é um dos goleadores de serviço do Liverpool, mas foi obrigado quarta-feira a sentar-se no banco, no encontro particular que a sua equipa realizou em Madrid, frente ao Real, o qual a equipa espanhola venceu por 2-0.

O Real Sociedad foi orientado até à época passada pelo técnico inglês John Toshack, ex-treinador do Sporting, e caso se confirme a contratação de Aldridge, este será o primeiro jogador não espanhol a alinhar no clube, quebrando assim uma longa tradição.

Famalicão cheio de esperança: processo reaberto

CAMPEONATO VAI RECEBER CONCORRENTE N.º 19?

O Conselho de Disciplina da FPF apreciou na sua reunião de hoje o pedido de revisão do processo apresentado pelo Futebol Clube de Famalicão e pelo seu ex-presidente eng. Fernando Costa e, após realização preliminar de algumas diligências, remete o processo ao Conselho de Justiça, órgão competente para decidir da admissibilidade ou não admissibilidade do processo de revisão.

O Conselho de Disciplina da FPF emitiu entretanto o seu parecer positivo no sentido da admissibilidade deste processo.

Este o teor da resolução tomada ontem pelos elementos do Conselho de Disciplina sobre o caso, que um indivíduo chamado António Veiga, residente lá para as bandas de Macedo de Cavaleiros, promoveu com escândalo e sem vergonha.

Os «conselheiros da disciplina» endossaram a «batatinha» aos seus parceiros do órgão supremo, aos quais caberá decisão final. Para já, o processo deverá ser reaberto e na cidade de Vila Nova de Famalicão é convicção generalizada de que o clube local irá, esta temporada, disputar o Campeonato Nacional da I Divisão.

Sobre este assunto, o «DL» avançou em tempo oportuno que o mais provável, face à evolução do processo em causa e

Bélgica-Portugal na RTP

Segundo informações chegadas à nossa redacção, a RTP transmitirá, directamente de Bruxelas, o encontro Bélgica-Portugal, que decorrerá pelas 19 horas (20 locais) da próxima quarta-feira.

Scifo foi convocado

O médio Enzo Scifo foi ontem chamado de regresso à selecção belga de futebol, que na quarta-feira recebe Portugal, em jogo do Grupo 7 do Europeu de apuramento para o Mundial Itália-90.

«Esperanças» empatam com o Estrela da Amadora

A selecção dos Sub-21 realizou, ontem, no Estádio Nacional, mais um ensaio para o confronto de terça-feira com a Bélgica para o campeonato da Europa, tendo o jogo terminado com o empate a um golo, com Domingos a rubricar (de grande penalidade) o golo da selecção aos 74 m, para Rebelo empatar dois minutos depois.

A arbitragem esteve a cargo de Acácio Casimiro e José Costa e as duas equipas apresentaram:

SUB-21: Vítor Baía (Bizarro, 46 m); Rui Neves (Fernando Couto, 46 m), Carlos Jorge, Paulo Madeira e Morgado; Hélio, Paulito (Rui Filipe, 46 m), Jorge Couto e Vado (Marito);



Estrela da Amadora: Bom parceiro de treino

após o Veiga ter aclarado no Tribunal Cível que anteriormente havia mentido, seria o «Nacional» da I Divisão a ser disputado por 19 concorrentes. Tudo indica que a previsão estaria certa. A ver vamos.

Federação castiga

O Conselho de Disciplina da FPF na sua reunião de ontem aplicou as seguintes sanções:

Jogadores penalizados com advertências: Walker (Boavista), Vicente e Rogério (Chaves), Jorge (V. Guimarães), João Gouveia e Alain (Beira Mar), Marlon Brandão (Sporting), Leiz (Nacional), Artur e Amâncio (Penafiel) e João Pinto (FC Porto).

Clubes: Benfica e V. Guimarães aguardam esclarecimento do árbitro.

Multas: Beira Mar, 5 e 10 mil, Nacional com dois mil e o Portimonense com mil escudos.

Domingos e João Pinto (Carlos Freitas).

ESTRELA: Hugo (Álvaro, 71 m); Elias, Duílio, Barny (Xico, 70 m) e Caetano (Jaime, 70 m); Rebelo, Bobó, Nelson Borges (Costeado, 64 m) e Paulo Jorge (Rui Jorge, 46 m); Pedro Xavier (Basaúla, 46 m) e Ricky (Ricardo, 70 m).

Eskilsson foi «chumbado»

O Espanhol de Barcelona recusou a contratação do avançado sueco Eskilsson, actualmente ao serviço do Sp. Braga.

A decisão foi tomada após dois dias de observação do atleta, nomeadamente durante dois treinos, e face aos resultados de vários exames médicos.

A decisão final da direcção do Espanhol deveu-se em particular ao parecer emitido pelo treinador da equipa, Joanet, que deste modo se opôs a uma con-



Barnabé e Juca: conselhos aos mais jovens

tratação em princípio prevista para três épocas.

Benfiquistas mudam-se

Lentamente, o técnico sueco Eriksson vai procedendo a triagem no plantel colocado ao seu dispor. Depois de Miranda, Garrido, Bizarro, Resende, Morgado, Valido, Hajri Ricky terem sido dispensados, chegou o momento de Abel (jovem defesa) estar com um pé na Académica, Martins no Penafiel, enquanto o brasileiro Elzo parece em vias de regressar ao Brasil, para integrar a turma do Guarani, actualmente orientada por Marinho Peres.

Portimonense joga hoje em Alverca

Integrado no programa festivo das «Bodas de Ouro» do Futebol Clube de Alverca, realiza-se hoje, com começo às 21 horas, o encontro entre a popular colectividade de Alverca e o «team» principal do Portimonense. Fernando Correia (recém-promovido à 1.ª categoria nacional) será o árbitro do encontro.

Ainda no âmbito das comemorações realizar-se-á nos dias 5 e 7 (terça e quinta-feira) um

torneio quadrangular de futebol, efectuando-se na terça-feira os jogos: Alverca - Interclube de Luanda (20h) e Estrela da Amadora - União de Leiria (22h) enquanto dois dias depois se realizará a final e o encontro de apuramento para os 3.º e 4.º lugares.

Dirigem estes jogos os árbitros Fernando Correia, Pinto Correia e Vítor Pereira.

Entretanto, no dia 22, o Futebol Clube de Alverca promove na sua sede um colóquio sobre o tema «Futebol Profissional», cujo início está marcado para as 21 horas, tendo sido convidados a participar o major Valentim Loureiro, dr. João Rodrigues, presidente da Associação de Futebol de Lisboa, os treinadores de futebol Toni, João Alves e Romeu Oliveira e o jogador Carraça.

O Atlético Clube do Cacém, que esta temporada vai disputar a série E do campeonato nacional da III Divisão, defronta, amanhã, pelas 17 horas, no Campo Joaquim Vieira, a formação do Cova da Piedade, em jogo de apresentação da equipa sénior aos seus sócios e adeptos.

A novela prossegue

Maradona não cumpre promessa

Maradona, esperado pelo Nápoles há mais de um mês, adiou, por 24 horas, a viagem de regresso a Itália — disse a campañeira e futura mulher do jogador, Claudia Villafanne.

«Diego cancelou a viagem prevista porque o voo tinha várias escalas que o tornavam longo e fastidioso» — afirmou Claudia Villafanne à agência de Notícias Argentina, adiantando que Maradona «prefere viajar hoje (sexta-feira)».

A ausência de Maradona, cuja chegada a Itália está agora prevista para amanhã, pôs nas últimas semanas em polvorosa os dirigentes e adeptos do Nápoles, temendo-se na cidade italiana que o internacional argentino rompa o contrato e processe o clube.

Maradona anunciou, em Buenos Aires, que tomara uma «decisão drástica», afirmando mesmo a intenção de «entregar o contrato a Corrado Ferlaino,

Cacém apresenta-se

presidente do Nápoles, quando voltasse a Itália.

Marselha não desiste

Diego Maradona «vai vestir a camisola do Marselha», afirmou ontem quinta-feira o presidente do clube francês, o industrial Bernard Tapie.

Embora o presidente do clube francês não precisasse a data da transferência de Maradona, o empresário Michel Basilevitch afirmou que «há 90 por cento de possibilidades de Maradona jogar ainda esta temporada no Marselha».

«Maradona não vai regressar a Nápoles, e deixará que os seus advogados estudem a melhor forma de comprar o contrato que o une ao clube napolitano», afirmou Basilevitch, um empresário que trabalha com o Marselha.

«Entramos na fase final de um processo iniciado no dia 5 de Junho, quando Michel Hidalgo e eu visitámos Nápoles», concluiu o empresário Basilevitch.

Alfas Triples

- T. 806456

Alfa 1

O MOMENTO DA VERDADE III

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Alfa 2

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 3

PROFISSÃO: DURO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa 4

NÃO DÊS BRONCA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Alfa Club

K-9 - O AGENTE CANINO

Estreia
(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras

Amoreiras 1

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 2

O MOMENTO DA VERDADE III

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 3

PROFISSÃO: DURO

(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 4

K-9 - O AGENTE CANINO

Estreia
(maiores 6 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 5

FUGA SEM FIM

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 6

ARMA MORTÍFERA II

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15, 21.45 e 00.15h

Amoreiras 7

NÃO DÊS BRONCA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00, 21.30 e 24.00h

Amoreiras 8

SOS - VIZINHOS AO ATAQUE

Estreia
(maiores 12 anos)
13.30, 15.30, 17.30, 19.30, 21.30 e 00.15h

Amoreiras 9

CEMITÉRIO VIVO

Estreia
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 24.00h

Em exibição no Quarteto, Sala 2 — Maiores 12 anos
Filme Qualidade
MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

Pub.

Amoreiras 10

LEVIATHAN, O MISTÉRIO DOS OCEANOS
(maiores 12 anos)
13.45, 15.45, 17.45, 19.45, 21.45 e 00.15h

Apolo 70

NÃO DÊS BRONCA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Berna

- T. 776060

Amoreiras 3

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
15.15, 18.00 e 21.30h

Capitolio

- T. 372358

AS NOITES QUENTES DE AMANDA
(interdito men. 18 anos)
15.00, 17.00, 19.00, 21.00 e 23.00h

Cinebolso

SEXO À FRANCESA

(maiores 18 anos)
12.30, 14.30, 16.45, 19.00, 21.30 e 23.30h

Cine Camoes

CAMPO DO INFERNO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.30 e 21.30h

Cine 222

- T. 533253

UM PEIXE CHAMADO WANDA

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h
OPERAÇÃO SARA
24.00h

Cinematheca Portuguesa

Encerrado

Cine Portela

- T. 943473

Estúdio Anusha

Encerrado para férias

Estúdio Sheza

Encerrado para férias

City Cine

- T. 549999

LIGAÇÕES PERIGOSAS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Condes

- T. 322523

AMBIÇÃO DE GLÓRIA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Eden

O MOMENTO DA VERDADE III
Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Estúdio

- T. 555134

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Estúdio ACS

- T. 887255

A DISTÂNCIA DE UMA LUA

Estreia
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Fonte Nova

- T. 7145109

LADRÕES E CAVALHEIROS

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Sala 2

NÃO DÊS BRONCA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.45, 16.30, 18.45 e 21.15h

Sala 3

RAIN MAN - ENCONTRO DE IRMÃOS
(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.15 e 21.45h

Forum Picoas

- T. 541037

Auditório 1

A CIDADE BRANCA
(maiores 12 anos)
14.00, 16.00, 18.00, 20.00, 22.00h

Auditório 2

OS BONS AMANTES

16.30, 19.15 e 22.00h

Imperio

- T. 555134

CEMITÉRIO VIVO

Estreia
(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Gemini

- T. 734009

HERDEIROS DO ÓDIO

Estreia
(maiores 16 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

King Triples

- T. 536743

Sala 1

HERDEIROS DO ÓDIO
Estreia
(maiores 16 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

PIZZA - AMOR E FANTASIA
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

UM GRITO DE CORAGEM
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45h

Las Vegas

- T. 631162

Sala 1

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR
(maiores 12 anos)
15.15, 18.30 e 21.30h

Sala 2

AMBIÇÃO DE GLÓRIA
Estreia
(maiores 12 anos)
15.30, 18.45 e 21.45h

Londres

- T. 801313

AMBIÇÃO DE GLÓRIA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Mundial

- T. 538743

Sala 1

K-9 - O AGENTE CANINO

Estreia
(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Sala 2

PROFISSÃO: DURO

(maiores 16 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Sala 3

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR

(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.15 e 21.45h

Nimas

- T. 574362

O MOMENTO DA VERDADE III

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Odeon

- T. 326283

A FORÇA DE UM HOMEM

(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h

Olimpia

- T. 325309

FUROR SEXUAL DE VANESSA

(interdito men. 18 anos)
Sessões contínuas a partir das 14.00h

Plaza

- T. 806847

Sala 1

MOMENTO DA VERDADE III

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 18.45 e 21.45h

Sala 2

AMBIÇÃO DE GLÓRIA

Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.45, 19.00 e 21.45h

Politeama

- T. 326365

CEMITÉRIO VIVO

Estreia
(maiores 12 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Quarteto

- T. 771378

Sala 1

AS BALEIAS DE AGOSTO

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
O MASSACRE
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 2

MULHERES À BEIRA DE UM ATAQUE DE NERVOS

(maiores 12 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
PERIGOSAMENTE JUNTOS
(maiores 12 anos)
23.30h

Sala 3

ESCRAVOS DE NOVA

FORQUE
(maiores 12 anos)
14.30, 16.45, 19.00 e 21.30h
ERA BOM QUE ESTIVÉSSE AQUI
(maiores 12 anos)
23.45h

Sala 4

STREET SMART - NOVA

FORQUE CÍDADE IMPLACÁVEL
(maiores 16 anos)
15.00, 17.00, 19.00 e 21.30h
AS MINAS DE SALOMÃO II
(maiores 6 anos)
23.30h

S. Jorge

- T. 579144

Sala 1

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR

(maiores 12 anos)
15.30, 18.30 e 21.30h

Sala 2

SOS - VIZINHOS AO ATAQUE

(maiores 6 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.15h

Sala 3

K-9 - O AGENTE CANINO

Estreia
(maiores 12 anos)
14.30, 17.00, 19.30 e 21.45h

7.ª Arte

- T. 730715

MOMENTO DA VERDADE III

(maiores 12 anos)
14.45, 17.00, 19.00, 21.45 e 23.45h

Star

- T. 804210

JAMES BOND 007 - LICENÇA PARA MATAR

(maiores 12 anos)
14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h

Terminal

- T. 371573

MOMENTOS DA VERDADE III

(maiores 12 anos)
13.00, 15.00, 17.00, 19.00, 21.30 e 23.45h

Turim

- T. 706666

ACADEMIA DE POLÍCIA VI

(maiores 6 anos)
15.00, 17.30 e 21.30h

Nenon

- T. 368491

ZOMBI

(maiores 18 anos)
14.15, 16.30, 19.00 e 21.30h

Linha de Sintra

AMADORA - Babilónia - «O Momento da Verdade III», às 14.00, 16.30, 19.00 e 21.30h (maiores 12 anos)

Lido - «Águia de Ferro II», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALGUEIRAO - Cine Teatro Chaby - Encerrado para férias

Estúdio Flores - «Agarrem Este Detective», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

MEM MARTINS - Estúdio Dois Eme - «James Bond 007 - Licença para Matar», às 21.30h (maiores 12 anos)

Linha de Cascais

ALGÊS - Cinema 2000 - Encerrado

OEIRAS - Alto da Barra - Sala 1 - «A Fantástica Aventura do Barão», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «Irmãos Inseparáveis», às 15.30 e 21.45h (maiores 16 anos)

NOVA OEIRAS - Cine Palmeiras - Sala 1 - «Leviathan, o Mistério dos Oceanos», às 15.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «E Deus Criou a Mulher», às 15.30 e 21.45h (maiores 6 anos)

CARCAVELOS - Atlântida Cine - «O Momento da Verdade III», às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ESTORIL - Casino Estoril - Encerrado

CASCAIS - Miramar - Sala 1 - «James Bond 007 - Licença para Matar», às 18.15 e 21.30h (maiores 12 anos)

Sala 2 - «O Momento da Verdade III», às 15.15 e 21.45h (maiores 12 anos)

Ouro Borda

ALMADA - Academia - «James Bond 007 - Licença para Matar» às 15.30 e 21.30h (maiores 12 anos)

ALMADA - Incrível Alma-dense - «Força de Vingança», às 15.30 e 21.30h (maiores 16 anos)

COVA DA PIEDADE - «A Dupla de Fogo» (maiores 12 anos)

MARTINS BARATA

Na Artemor Galeria (Tavira, Quinta do Morgado, Nora Velha) encontra-se patente até 7 de Setembro uma exposição de Martins Barata.

Refira-se que Martins Barata desenvolveu e completou os estudos de Design e Arquitectura

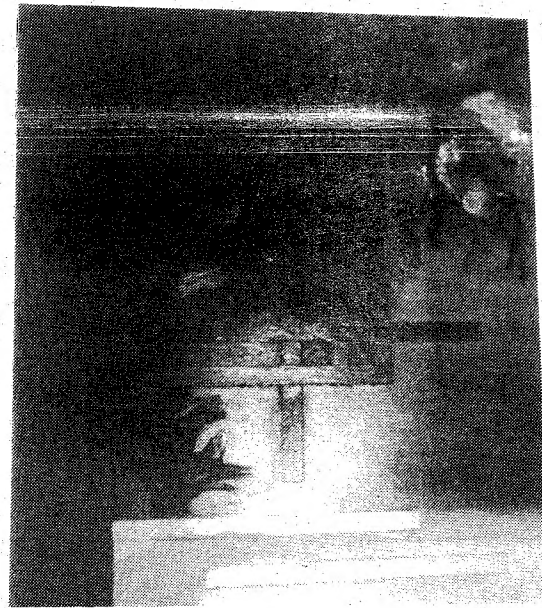
em Nova York, no ano de 1982.

A sua actividade de quinze anos de artes plásticas situou-se particularmente entre os EUA e o Brasil, onde participou em mostras colectivas: Rio de Janeiro/76 e Nova York/80/81/82/83.

Fez estudos de pintura (aguarela, óleo e acrílico) e escultura em Nova York.

São várias as colecções privadas que incluem as suas obras, tanto em Portugal como nas Américas do Norte e Sul.

Várias exposições individuais no nosso País.



DE TUDO UM POUCO

VIVALDI EM SINTRA:

Hoje, dia 1 de Setembro, no Palácio Nacional de Sintra, às 18 e 30, actua a mezzo-soprano romena Liliane Bizineche. Acompanhada por jovens músicos portugueses e estrangeiros - a cantora interpretará obras de Vivaldi. Entre 1979 e 1983, a cantora conquistou diversos prémios em Barcelona, Atenas, Leipzig, Rio de Janeiro, Budapeste e Paris, capital onde obteve, cumulativamente, o 1º Prémio da Fundação Calouste Gulbenkian e o Prémio Alice Tully, atribuído à melhor interpretação de música francesa.

«ROTEIRO DE LISBOA»: No Palácio Gaivéias, uma exposição de desenho e pintura de Soiano de Almeida, subordinada àquele título. Patente até 11 de Setembro, todos os dias, das 14 às 19 horas. Exposição acompanhada de trechos musicais: 4 de Setembro, 18 horas, interpretações de Madalena Sá Pessoa (espineta) e Luis Sá Pessoa (violoncelo); e dia 6, mesma hora, de novo Madalena Sá Pessoa e Ana Isabel Bastos (cantora lírica).

MARTINS BARATA: Até 8 de Setembro, na Artemor Galeria, Nora Velha, Tavira, exposição de pintura (18 óleos). Mostras colectivas e individuais. Obras em colecções particulares estrangeiras.

«TERRA BRAVA»: Hoje, dia 1, Grupo de Música Popular «Terra Brava», às 21 e 30, no Jardim da República, Santarém.

«PRAZER DO TEATRO»:

Trata-se de um programa de Filipe La Faria, que hoje, dia 1, volta à Antena Um, três vezes por semana, às 11 e 30.

ALCANENA, FEIRA DO LIVRO/89:

De 1 até 10 de Setembro. Teatro, autógrafos, comunicação sobre Jornalismo, conjuntos folclóricos, grupos musicais, etc. No jardim frente ao Município, a comemorar o 75º aniversário do concelho.

MOSTRA DE ARTESANATO:

A sétima edição da Mostra de Artesanato e Cerâmica de Barcelos vai realizar-se de 2 a 7 de Setembro. Parque da Cidade. Numa área coberta de cerca de dois mil metros quadrados, presentes 200 expositores de todo o País.

TRÊS PINTORES BRASILEIROS:

De 1 a 5 de Setembro, no Forum Picoas, uma exposição denominada «Três Pintores Brasileiros». Nomes: Satyro Marques, Armando Romanelli e Manoel Costa.

«O QUEBRA-MAR»:

de Steven Berkoff, Comuna, Sala 2, com Ângela Pinto e Durval Lucena. Todos os dias às 22 horas, excepto às segundas. Sábados e domingos também às 19 horas. Até 3 de Setembro.

«PROMETEU ACORRENTADO»:

Até 3 de Setembro, a Escola de Formação Artística da Seiva Trupe, apresenta diariamente na Sala Povo Portuense, às 21 e 30, e domingos às 18 e 30, aquela tragédia de Ésquilo, com direcção do professor brasileiro Cláudio Lucchesi. Descanso semanal às segundas-feiras.

NAVIO ESCOLA SAGRES:

No Clube Náutico da Marina de Vilamoura, Algarve, uma exposição fotográfica de Guta de Carvalho subordinada ao tema «Navio Escola Sagres», sobre a qual foi editada uma colecção de 18 postais. Patente até ao dia 25 de Setembro.

CUBA: Feira Anual, dias 1, 2 e 3 de Setembro.

Grupos corais, artesanato, corridas de touro

MESTRE MARTINS CORREIAS:

Exposição de escultura e pintura, no Algarve. (Páteo da Aldeia, Areias de S. João, Albufeira). Patente ao público até 14 de Setembro.

STUART DE CARVALHAES:

No Forum Picoas, patente até 4 de Setembro, uma exposição sobre capas de partituras, desenhadas por aquele grande caricaturista, um dos nomes grandes do «Diário de Lisboa». Organização do Clube dos Coleccionadores.

INÊS PAULINO:

Exposição de pintura. Até 3 de Setembro. Salão Nobre da Câmara Municipal de Silves.

«SINTETIZAÇÕES POÉTICAS»:

Pintura de Miguel Barbosa, até 7 de Setembro, na Galeria de Exposições Temporárias do Museu Regional de Sintra. De terça a sexta (9 e 30 / 12 horas e das 14 às 18). Durante o fim de semana só das 14 às 18.

BRENDA NOVAK:

Patente, no Centro de Arte Moderna, na Galeria das exposições Temporárias, uma mostra desta artista plástica brasileira. Vinte pinturas e objectos recentes.

ALMADARTE GALERIA:

Exposição comemorativa do II aniversário, das 18 às 24 horas, todos os dias, até 22 de Setembro. Nomes: Bual, Cesarinini, Hogan, Relógio, Cargaleiro, Vieira da Silva,

Almada.Negreiros, etc.

MUSEU NACIONAL DO TEATRO: A exposição «Amália Rodrigues, 50 Anos».

MUSEU NACIONAL DO AZULEJO:

Azulejos de Maria Keil; a exposição permanente «Núcleos dos Séculos XVI e XVII; Cerâmica no AR.CO

PALÁCIO DA AJUDA:

(Galeria do Rei D. Luís): Até 10 de Setembro, a exposição comemorativa do Bicentário da Revolução Francesa, subordinada ao tema «As Cores da Revolução», com obras de Jacques Bernar (pintor e professor da Escola de Belas Artes de Bordéus) e dos pintores portugueses (que viveram e trabalharam em França) Pedro Avelar, René Bertholli, Gracinda Candeias, Cargaleiro, Lurdes de Castro, Vasco Costa, António Nascimento, Costa Pinheiro, Júlio Pomar, Henrique Silva, Vieira da Silva e João Vieira.

JERÓNIMOS (Coro da Igreja):

A exposição «O Rosto de Camões», organizada pela Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos.

GULBENKIAN

(Exposições Temporárias Piso 0): Até 3 de Setembro, exposição comemorativa do 90º aniversário do pintor Carlos Botelho. No Piso 01, a exposição «Catedrais», de Carlos Carneiro.

GULBENKIAN (Centro de Arte Moderna):

A exposição «Arte em Berlim - 1900 até hoje»

MONUMENTAL/BERTRAND

(R. Anchieta, 23): Até 1 de Setembro, a exposição colectiva «Insular é o México» com obras dos artistas do Grupo Monumental e dos convidados Alda

Nobre, Amy Yoes, Ana Vieira, Armanda Duarte, Conceição Costa, Fátima Silva, Jorge Queiroz, José Loureiro e Teresa Silva.

PEDRO OLAYO (filho)

expõe na Almadarte, do corrente mês até 22 de Setembro. Óleos.

GALERIA YGREGO

(Av. António Augusto de Aguiar, 13-B): até 20 de Setembro, uma colectiva de sete artistas portugueses e um francês: António Sena, Carlos Calvet, Carlos Cobra, Eduardo Nery, José Escada, Raul Perez, Vítor Fortes e Jean-Jacques Dourmon.

GALERIA DO MERIDIEN LISBOA

(foyer): Até 10 de Setembro, uma exposição de tapeçarias Orientais, que inclui «Kelims», tapetes e carpetes provenientes da Turquia, Irão (Pérsia), Paquistão, Afeganistão, China e Índia, com certificado individual e nominativo de originalidade e garantia.

BIBLIOTECA OPERÁRIA OIARENSE:

Exposição de pintura de Luis Graça, autodidacta de formação, até 20 de Setembro.

CÂMARA MUNICIPAL DE BEJA:

Filipe Mirante expõe na Casa da Cultura, até 8 de Setembro. Escultura e arte decorativa em mármore. Título: «Ideias e Formas».

O OUTRO LADO DO ESPELHO

(R. dr. Alfredo Costa, 14 - Sintra): Até 30 de Setembro, a colectiva «Verão 89».

MUSEU MUNICIPAL DE SANTIAGO DO CACÉM:

Até 22 de Outubro, a exposição «Os Mestros-Crenças e Costumes»

CÂMARA MUNICIPAL PAVILHÕES DO PARQUE DAS CALDAS DA

RAINHA: Até 15 de Setembro, a 3ª Bienal de Escultura e Desenho, uma organização do Atelier-Museu Municipal António Duarte.

MUSEU DE JOSÉ MALHOA

(Caldas da Rainha): até 1 de Outubro, a IV Exposição dos Artistas Caldenses.

MUSEU DE CERÂMICA DAS CALDAS DA RAINHA:

Até final de Outubro, miniaturas de José da Silva Pedro.

ÓBIDOS (Solar da Praça de Santa Maria):

Até 3 de Setembro, a 2ª Bienal Internacional de Óbidos (Escultura).

CENTRO DE ARTE DE S. JOÃO DA MADEIRA:

Até 14 de Setembro, «A Escultura Habita esta Casa», com obras de Alberto Carneiro, António Campos Rosado, Pedro Croft, Manuel Rosa, Rui Sanches e Zulmiro de Carvalho.

GALERIA A GRADE (Aveiro):

Até 15 de Setembro, nas instalações da Bidalcar (ao ar livre) a «Jovem Escultura Portuguesa» em exposição.

COOPERATIVA ÁRVORE

(R. Azevedo de Albuquerque, 1-Porto): Até 4 de Setembro, de segunda a sexta das 14 às 23, sábados das 15 às 19 e das 21 às 23, a IX Exposição Colectiva dos Sócios da Árvore.

HOTEL ALVOR PRAIA (Alvor):

Até 15 de Setembro, uma exposição de pintura, tapeçaria e escultura, da autoria de Stella de Brito.

CENTRO CULTURAL DE ALMANCEIL:

até 22 de Setembro, trabalhos expostos de Maria Felizol e Manuel Baptista, a primeira com esculturas e o segundo com pinturas.



MÉDICO

DE URGÊNCIA

76 61 71
76 61 78
76 61 79

Farmácias

Farmácias

Lisboa — PERMANENTE
— ALFAMA - SÃO TOMÉ:
Ziller, R. de São Tomé, 54-56
(T. 862835); AREIRO: Lu-
sitana, Av. de Roma, 18-A (T.
885443); AVENIDA D. RO-
DRIGO DA CUNHA: Aero-
porto, Av. Almirante Gago
Coutinho, 101-D (T.
8822384); BENFICA - 2.ª
CIRCULAR: Benfíluz, E. de
Benfíluz, 444 (T. 7141206);
CALVÁRIO: Monge, R. dos
Lusitãos, 30-32 (T. 636704);
CAMPOLIDE - AGUAS LI-
VRES: Rualto Ld.ª, R. Alto
do Carvalhal, 5 (T. 662327);
JANELAS VERDES: Reis
Garrido, R. das Janelas Ver-
des, 90 (T. 651721); JARDIM
CONSTANTINO: Portugal,
R. Rebelo da Silva, 11-13 (T.
543340); JARDIM DOS AN-
JOS: Jaime de Matos, R. Al-
varado Coutinho, 8-10 (T.
821671); LUMIAR: São To-
mé, E. do Devo, lote 12-C (T.
790704); OLIVAS SUL: Le-
mos, R. Cidade da Beira, 46-C
(T. 331692); SALDANHA -
HOTEL SHERATON: Ohi-
veira Viegas, R. do Viriato,
29-29-A (T. 548966); BRAN-
DOA - AMADORA: Tavares
de Matos, R. Irene Lisboa, lo-
te 108 (T. 993220); CARNA-
XIDE: Central de Carnaxide,
Av. de Portugal, 16-B (T.
2184913); ODIVELAS: Jole-
ni, R. Dr. Alexandre Braga,
3-B (T. 910812); PONTI-
NHA: Flora, Az. dos Besou-
ros, lote R-8 (T. 991328).

REFORÇO — AJUDA: Men-
des Gomes, C. da Ajuda, 222
(T. 638256); BAIÇA - LAR-
GO DE SÃO DOMINGOS:
Americana, C. de Santana, 1-3
(T. 863984); CAMPO GRAN-
DE - AVENIDA DO BRAS-
IL: Rainha Santa, R. Afonso
Lopes Vieira, 57-B (T.
765262); CHILE - ALTO DE
SÃO JOÃO: Veral, R. Morais
Soares, 109-111 (T. 821732);
ESCOLA POLITECNICA -
SÃO BENTO: São Marçal,
R. de São Marçal, 100-102 (T.
325318); A AVENIDA DOS
ESTADOS UNIDOS N.º 39:
Celta, R. Moura Girão, 3-B
(T. 890621); MADRE DE
DEUS: Romana, R. Actor Au-
gusto Melo, 7-A (T. 383800);
PICHELEIRA: Marluiz, C.
da Picheleira, 40-B-C e R.
Prof. Mira Fernandes (T.
880703); PRAZERES: União,
R. Saraiva de Carvalho, 145-F
(T. 663643); REGO: Prates
& Moita, R. da Beneficência,
91-93 (T. 773728); SALDA-
NHA: Avenidas, Av. da Repú-
blica, 27-A (T. 533688); VA-
LE DE SANTO ANTONIO:
Santo António, R. Leite de
Vasconcelos, 72-C (T.
862333); BURACA - AMA-
DORA: Gaspar Pote, R. das
Gaias, lote 16, Bairro Zambu-
jal (T. 902221); OLIVAL
BASTO: Nova, R. dos Aço-
res, 11-A (T. 9810305).

**Outra Banda — ALMA-
DA:** Nuno Álvares, Av. D.
Nuno Álvares, 39 (T.
2750504). Permanente; COVA
DA PIEDADE: Avelar da Sil-
va, R. Dr. Alberto Araújo,
19-A (T. 2750337). Permanen-
te; MONTE DE CAPARICA:
Guerreiro, lote 31-1, Moimho
(T. 2950727). Até às 19 horas;
COSTA DE CAPARICA: Hi-
gênica, Av. da República, 23
(T. 2900020). Até às 19 horas;
LARANJEIRO: Almeida
Araújo, R. D. Duarte, 7-B (T.
2292324). Até às 22 horas; SE-
SIMBRA: Lopes, R. Cândido
dos Reis, 21 (T. 2233028). Até
às 19 horas; LAVRADIO:
Parreira, R. D. Silva Cristino,
15-A (T. 2042016). Até às 19
horas; BARREIRO: Avenida,
Av. Alfredo da Silva, 48 (T.
2073207). Permanente; BAI-
XA DA BANHEIRA: Nova
Fátima, E. Nacional, 224-A
(T. 2040141). Até às 19 horas;
CORROIOS: Abreu Cardo-
so, B. Cidade de Setúbal, 1-B
(T. 2531192). Até às 19 horas;
AMORA: Moura Carneiro,

R. General Humberto Delgado,
16-C (T. 2243729). Permanen-
te; SEIXAL: Ana Branco,
Quinta da Murtinheira, Arren-
tela (T. 2215590). Até às 22
horas; MONTIJO: Higiene,
R. José Joaquim Marques, 142
(T. 2310370); MOITA: Asso-
ciação de Socorros Mútuos,
União Moitense, Av. Dr. Teó-
filo Braga (T. 239025). Até às
19 horas; ALHOS VEDROS:
Portugal, Av. da Bela Rosa, 8
(T. 2040250). Até às 19 horas;
ALCOCHETE: Nunes, L.
Coronel Ramos da Costa, 10
(T. 2340137). Até às 19 horas;
SETÚBAL: Portugal, R. Ca-
milo Castelo Branco, 134 (T.
23211). Permanente; Mira, P.
Jorge Afonso (T. 20427). Per-
manente; Oliveira, R. da Misi-
córdia, 10 (T. 22488). Até às
22 horas.

**Linha de Cascais — AL-
GÉS:** Cabrita, P. de Miraflor-
es, 12 (T. 4101486). Permanen-
te; LINDA-A-VELHA:
Melo Almeida, R. Diogo Cou-
to, lote 82 (T. 4191697). Per-
manente; TIRES: Guimarães,
L. Duarte, lote A, r/c (T.
2441616). Até às 22 horas;
ALCABIDE: Carvalho,
B. Padre P. Correia, 4 (T.
2690363). Até às 22 horas;
PORTO SALVO: Ferreira
Bastos, R. D. Firmino Rebelo
(T. 2421015). Até às 22 horas;
MALVEIRA DA SERRA:
Luz, E. Nacional (T.
2850635). Até às 22 horas;
OELAS: Mourão Vaz, Av.
de Moçambique, 18-C (T.
4437196). Permanente; CAR-
CAVELOS: Vilar, Av. da
Conceição, lote B (T.
2470777). Permanente; SÃO
DOMINGOS DE RANA: Go-
dinho da Silveira, R. Afonso
de Albuquerque, lote B, loja 2
(T. 2470361). Até às 22 horas;
PAREDE: Do Junqueiro, R.
de Luanda, lote 5 (T.
2477838). Permanente; SÃO
JOÃO DO ESTORIL: São
João, Quinta da Carreira, 29-A
(T. 2681186). Até às 22 horas;
SASSOEIROS: Amaral Sem-
blano, Quinta das Encostas (T.
2461312). Até às 22 horas;
BIRRE: Imani, lote 7-B, Hera
(T. 2852121); MADORNA:
Madeira, R. A (T. 2476326).
Até às 22 horas; AMOREIRA:
Abrantes, Vivenda Maria
Carlos Anjos (T. 2682313).
Até às 22 horas; CASCAIS:
Nova, R. Bernardim Ribeiro,
1-A (T. 242839). Permanente.

**Linha de Sintra — AMA-
DORA:** Central, Av. Cardoso
Lopes, 25-A (T. 4932210).
Permanente; Melo, P. D. João
I, 9-B (T. 4933303). Até às 22
horas; DAMAIA: Damaia, P.
Alexandre de Gusmão, 2-A (T.
970523). Até às 22 horas;
QUELUZ: Gil, Av. Miguel
Bombarda, 28 (T. 4350117).
Permanente; QUELUZ DE
BAIXO: Albergaria, L. Prof.
Dr. Jorge Mineiro, 42 (T.
4356487). Até às 22 horas;
CAMARATE: Nova da Char-
neca, R. Cidade de Lisboa,
9-A (T. 2571626). Até às 19
horas; CACEM: Silva Duar-
te, R. Elias Garcia, 167 (T.
9248120). Permanente; MEM
MARTINS: Miranda Garcia,
E. de Mem Martins, 173 (T.
9214103). Até às 22 horas;
MERCES: Claro Russo, R.
Abade Faria, 2-A (T.
9215275). Até às 22 horas;
RIO DE MOURO: Riomou-
ro, Av. Oscar Monteiro Tor-
res, 6 (T. 9260194). Até às 22
horas; SINTRA: Da Miseri-
córdia, Vila Pendoa, 17 (T.
9231070). Permanente; CO-
LARES: Colares, Abreja (T.
9290088).

**Outras Farmácias —
MOSCAVIDE:** Pedro Go-
mes, B. 25 de Abril, lote 13 (T.
2519670). Permanente; SA-
CAVEM: Maria, Av. Salvadr
Allende, lote 2 (T. 2514369).
Até às 22 horas; LOURES:
Sálvia, Av. da República, 29
(T. 9831240). Até às 22 horas.

TEATROS

Almada — T. Munic. de Almada

REABRE EM OUTUBRO

SEXTAS E SÁBADOS
21H
DOMINGO 16H

Palco Oriental

C. Duque de Lafões, 78, ao Beato — Tel.
38 12 44

De 3.ª a domingo, às 21.30; domingo, também às
16.30

«QUATRO ESTAÇÕES», de Arnold Wesker.
Tradução: Maria Velho da Costa. Encenação: Ro-
gério Carvalho. Cenários e figurinos: Vera Castro.
Desenho de luzes: Rogério de Carvalho. Música:
Paulo Brandão. Fotografia: Mariano Piçarra. Intér-
pretes: Diogo Dória e Júlia Correia.

Alges — 1.º Acto

R. Eduardo Pedroso — Tel. 211 50 33

De 3.ª a sábado, às 21.30; sábado e domingo, às
17.00

«D. JOÃO DE ALVARADO, O CRIADO DE
SI MESMO». Pelo Grupo Persona. Encenação:
Paulo Lages. Cenários: Luís Martins. Figurinos:
Guilherme Filipe.

Teatro do Tejo

Galeria Monumental, Campo dos Mártires da
Pátria, 101, 1100 Lisboa — Tel. 53 38 48

Entre 24 de Agosto e 10 de Setembro, pelas 21.45

Teatro ABC

Parque Mayer — Tel. 68 63 00

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e fe-
riados, às 16.00

«AL CAVAQUINHO», de Eduardo Dams, Ca-
milo de Oliveira, Miguel Simões e Paulo César.
Encenação: Camilo de Oliveira.

Variedades

Parque Mayer — Tel. 32 60 37

De 3.ª a domingo, às 20.30 e 22.45; domingos e fe-
riados, às 16.00

«A PROVA DOS NÚMEROS NOVOS», textos
de Henrique Santana, Francisco Nicholson, Augus-
to Fraga e Nazareth Fernandes. Encenação: Maria
Helena Matos. Intérpretes: Henrique Santana, Flor-
bela Queiroz, Fernando Mendes, Luís Aleluia, Ma-
ria João Abreu, Carlos Ivo e Manuel Azevedo Cou-
tinho.

Teatro da Graça

ENTROU DE FÉRIAS
A PARTIR DE DOMINGO (27-8-89)

REABRE DIA 29-9-89

Teatro Espaço SIMECQ

R. Sacadura Cabral, 81 — Tel. 419 73 52

«QUE VERGONHA DONA BERTA!», de João
Luís Simões, a partir da história de Brecht «A Velha
Senhora Indigna». Encenação: João Luís Simões.
Intérpretes: Agueda Sena, Ana Galrinha, João Sen-
na, António Fontinha, Jorge Liss, Elsa Ferro, João
Pequeno, Li Pascoal, Micky e Manuel Valho.

Casa da Comédia

R. de São Francisco de Borja, 24, às Janelas Ver-
des — Tel. 60 72 99/67 74 81

De 3.ª a sábado, às 22.00

La FERIA apresenta «WHAT HAPPENED TO
MADALENA IGLÉSIA». Intérpretes: Rita Ri-
beiro e António Cruz. Música: João Paulo Soares.
Coreografia: Victor Linhares. Em TV-pirata: Ana-
bola, Lúcia Franco e Herman José.

Teatro Maria Matos

Av. Frei Miguel Contreiras — Tel. 89 70 17

«QUEM TRAMOU O COMENDADOR?», de
Mário Zambujal, Carlos Cruz e Fialho Gouveia. In-
térpretes: Eugénio Salvador, Henrique Viana, Del-
fina Cruz, Graça Brás, Virgílio Castelo, Luísa Bar-
bosa e Carlos Gonçalves.

Teatro Aberto

P. de Espanha — Tel. 77 09 69

De 5.ª a sábado, às 21.30; domingos, às 16.00

«A MARMITA DE PAPIN», de Clara Pinto
Correia. Encenação: Fernando Gomes.

Comuna

P. de Espanha — Tel. 726 08 18

Sala 1

De 3.ª a domingo, às 21.30

«COMO É DIFERENTE O AMOR EM POR-
TUGAL», baseado em três peças de Júlio Dantas.
Adaptação: Fernando Gomes. Intérpretes: Adriano
Luz, António Feio, Elsa Galvão, Miguel Martins,
Rita Branco, Rita Salema e Rui Paulo. Na parte mu-
sical: Zé Carrapata e Carlos Curto.

Café Teatro

De 3.ª a 6.ª, às 22.00; sábados e domingos, às
19.00 e 22.00. Até 3/9.

Sala Dois

«O QUEBRA-MAR», de Steven Berkoff. Ence-
nação: Durval Sena. Intérpretes: Ângela Pinto e
Durval Sena.

Setúbal Teatro de Animação

R. Balneário Dr. Paulo Borba — Tel. 2 91 30

6.ª, sábado e domingo, às 21.30

«ASSIM SE FAZEM AS COISAS DAS TRI-
PAS DO PAÇO». Encenação: Carlos César. Figu-
rinos: Rui Mesquita. Música: João Paulo e Carlos
Curto.

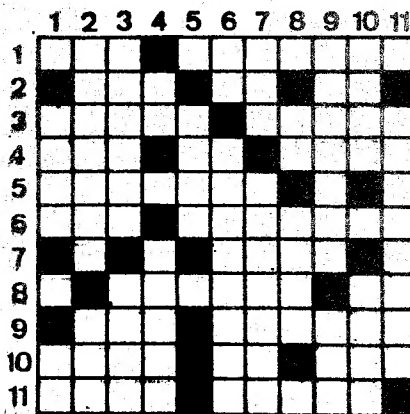
PALAVRAS CRUZADAS

COM PROVERBIO PROBLEMA N.º 16 547

HORIZONTAIS:

- Bondoso. Cão ou designativo
do cão de certa raça própria
para guarda.
- Utensílios domésticos. Ruté-
nio (s.q.). Em a.
- Célebre general romano, um
dos mais ilustres homens de
guerra da Antiguidade. Raça
de cavalos portugueses.
- Artigo. Seguiu. Elemento que
entra em algumas palavras
com a significação de ar.
- Criatura pegadiga.
- Milho torrado que se reduz a
pó temperado com azeite de
cheiro e mel de abelhas. Tor-
nai macilento.
- Árido.
- Cercado de valas e de sebes.
Interjeição que exprime admi-
ração.
- Suspiros. O mesmo que les-
biano.
- Caminho. Brisa. Uma das Cí-
clades.
- Filtros. Ramadas.

Resolvi completamente este problema? Procure, agora em segundo passatempo, o provérbio nele inscrito.



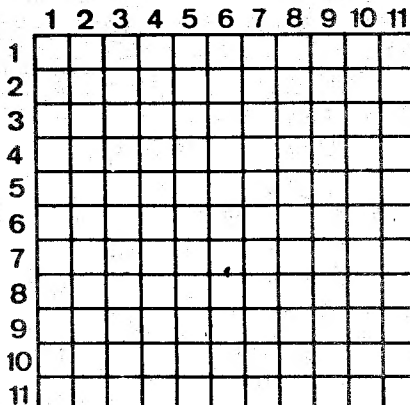
VERTICAIS:

- Investigação. Artigo definido.
Antes de Cristo.
- Executado. Espaço de doze
meses.
- Pau onde se hasteia a bande-
ira. Animação (fig.).
- Apelido. Assuntos.
- Zombem.
- Brisa. Emparelhar.
- Fulana. Anuira.
- Nota musical. Boatos.
- Completo. Grande árvore da
Índia.
- Vassourar o forno depois de
aquecido. Escudeiros.
- Tufos de cabelo enrolado.

NOVA MODALIDADE PROBLEMA N.º 17 734

HORIZONTAIS:

- Extremidades dos braços. Ir-
mãs da mãe.
- Planta gramínea cultivada nos
terrenos pantanosos. Animal
vertebro aquático, com o cor-
po coberto de escamas.
- Miriare. Autores. Alegria uni-
dade monetária da Alemanha.
Prefixo de negação.
- Paixão. Vê.
- Medicina. Dá mios. Pequeno
símbolo do Brasil.
- Observo. Tombar.
- Pacato.
- Amónio (s.q.). Gorgulhos tro-
picais. Lã.
- Ligam. Encolherizar.
- Extrair. Velha.
- Guarnecera de asas. Calosida-
des.



VERTICAIS:

- Sugam o leite materno. Nome
de dança.
- Fios de latão. Dás mios.
- Sufixo que designa estado.
Aversão. Mau cheiro.
- Ecoar. Comer (pop.).
- Nome de letra. Maneira. Fre-
guesia do conchelo de Ponte
de Lima.
- Bismuto (s.q.). Estava.
- Prasiodímio (s.q.). Poeta trá-
gico latino autor de «Décio e
Bruto». Actínio (s.q.).
- Receia. Combinação de arsê-
nio com radicais alcóolicos.
- Segundo. Fecho as asas para
descer mais depressa. Lista.
- Que diz respeito à axila ou es-
tá situado nesta. Navio.
- A farinha tal e qual fica depois
de se lhe extraí o rolão. Fal-
sos.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 16 546

HORIZONTAIS:

- VÃO. AS. LEIS.
- Ataques. Ira.
- Lá. Urrais.
- Altearam. Uel!
- Dá. Aspas.
- Aire. Omar.
- Mestres.
- Ceuta.
- Noto. Barre.
- Asscar. Uil!
- Eis. Assacas.

VERTICAIS:

- Valada. ONDE.
- Ataláia.
- Ao. Atas.
- QUEREM. OS.
- Aura. EC. Sá.
- Serrasse. És.
- Saas. Tubas.
- Importara.
- Eis. Amear.
- Ir. Usas. Rua.
- Sade. REIS.

PROVERBIO: Vão as leis onde
querem os reis.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA

N.º 17 733

HORIZONTAIS:

- Mealhada. Am.
- Imo. Unelos.
- Reais. Ios.
- Aro. Malta.
- Gostarem.
- Al. Em.
- Cabaços.
- An. Catraias.
- Arear. Só.
- Idoso. Vazia.
- Rosas. Au. SS.

VERTICAIS:

- Miragaia. Ir.
- Em. Rol. Nado.
- Aoros. Os.
- To. Casa.
- Huaca. Caros.
- ANI. Reate.
- Desmembrava.
- Al. Am. Aarau.
- Oil. Iça.
- Asoto. Oásis.
- Sá. Assoas.

Antena Um
Desdobramento em Onda Média-Emissoras do Litoral Continental e 99,4 em FM-Zona de Lisboa

14.00: O linho e a seda;
15.00: Contraste; 17.00: Antena 1, regiões; 17.15: Porto de abrigo. Noticiários de hora a hora.

Onda Média-FM Estéreo

17.00: Sete mares; 19.00: Jornal das dezasseis; 19.20: Musical; 20.00: A Europa dos doze; 20.15: Musical; 21.30: Livre e directo. Noticiários de hora a hora.

Rede Nacional-FM2 Estéreo

17.00: Dicionário sonoro do teatro; 17.20: Sonatas, de Schubert e Mozart; 18.15: Angulos e reflexos; 19.00: Ciclo Beethoven; 19.38: Álbum musical; 20.40: Esta madrugada no Dois; 21.00: Alfa e ómega; 22.00: Música antiga; 23.00: Eurorádio; 01.00: Música coral; 02.00: Música na madrugada em disco compacto. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO COMERCIAL

Onda Média
(283, 290 e 397m)

14.00: Não há duas sem três;
17.00: Contacto; 19.00: Peça que a gente passa; 21.00: Pela estrada fora; 22.00: Portugal e a CEE; 22.15: Religiosos; 22.30: Tempo de desporto; 23.00: 24ª hora; 01.00: Fantástico; 03.00: Serviço nocturno. Noticiários de hora a hora.

RC-FM-Estéreo (97,4 MHz)

15.00: Casa da música;
16.00: Rock em stock; 18.00: Círculo em FM; 19.00: Ao fim e ao cabo; 20.00: Topo de gama; 22.00: Pessoal e transmissível; 00.00: da meia-noite; 02.00: Fantástico. Noticiários de hora a hora.

RÁDIO RENASCENÇA

Canal 1-Rede Nacional de OM e FM

15.00: Hora da música;
16.00: Banda da amizade;
18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: A viagem continua; 20.00: Boa nova; 20.30: Conversa de amigos; 21.00: Sequência; 22.30: Bola branca; 23.30: Suplemento especial da BBC; 23.55: Meditando.

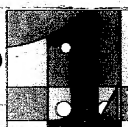
RFM-Canal 2-Rede Nacional de FM Estéreo

16.00: Fórmula Três; 19.00: Atlântida; 20.00: Serra de estrelas; 22.00: Oceano Pacífico.

Voz do Alentejo

15.00: Boa tarde, Alentejo;
18.00: Bola branca; 18.30: Transmissão do terço; 19.00: Alentejo em notícia.

RTP



16.15 - América Selvagem
16.45 - Ponto por Ponto
17.40 - Brinca Brincando
18.30 - Plume D'Elain
18.40 - O Vento do Mar Aberto
19.30 - Telejornal
20.00 - Bolsa Dia a Dia (Lisboa)
20.04 - Direito de Antena

Acibeira

20.05 - O Tempo
20.15 - Sassaricando
21.00 - Telemundo
21.30 - Os Autocarros Brancos

No final da Segunda Guerra Mundial, quase cem autocarros pintados de branco partiram da Suécia e viajaram até aos campos de concentração nazis para procurar prisioneiros escandinavos. Ao todo, foram libertados quase vinte mil pessoas, condenadas a uma morte certa. Surpreendentemente, as autoridades nazis permitiram esta operação de salvamento.

23.45 - 24 Horas

00.15 - Remate

00.25 - Pela Noite Dentro

«A História de Jayne Mansfield»

A reconstituição da vida e da carreira de Jayne Mansfield. Depois da ascensão meteórica ao «estrelato» de Hollywood, segue-se o fracasso e, por fim, o trágico desaparecimento.

Um filme de Rick Lowry, com Loni Anderson, Arnold Schwarzenegger, Raymond Buktenica, Kathleen Cloyd e G.D. Spradlin.

Fotografia: cor

Duração: 97 minutos.



Documentário sobre os dias que antecederam a II guerra na RTP2



Os Autocarros Brancos na RTP 1

RTP2

ANTENAS PARABÓLICAS



16.50 - Sinhá Moça

17.35 - Especial Desporto

Atletismo - Grande Prémio IAAF (Monte Carlo-Mónaco)

21.00 - Jornal das Nove

21.30 - O Estouro

22.20 - Séc. XX

Contagem Decrescente

Documentário alemão sobre os últimos dias de Verão de 1939, derradeiro período de paz antes do reventar da Segunda Grande Guerra a 1 de Setembro desse mesmo ano. Os dias de tensão, medo e esperança, momentaneamente renovada no dia 25 de Agosto, quando foi declarado que já não haveria guerra, são aqui retratados num testemunho comovente filmado em Inglaterra, França, Itália, União Soviética, Estados Unidos, Polónia e Alemanha Ocidental.

23.55 - Entre Barreiras

00.20 - Rotações

AMANHÃ

RTP1

10.00 - Juventude e Família

12.30 - Trânsito

13.00 - Notícias

13.10 - A Tribo dos Penas Brancas

13.55 - Sessão da Tarde

15.55 - Jogos sem Fronteiras

17.40 - Crime, Disse Ela

18.25 - Vivamúsica

19.15 - Sete Folhas

19.45 - Totoloto

20.00 - Jornal de Sábado

21.15 - O Tempo

21.25 - Deixem Passar a Música

22.40 - John Fairling não Existe...

23.35 - Cinema da Meia Noite

RTP2

10.00 - A Malta de Bronx

10.50 - A Guerra de Troia

11.50 - Compacto «Amor com Amor se Paga»

16.00 - Estádio

19.30 - Quem Sai aos Seus...

19.55 - Music Box

20.50 - Arqueologia Industrial

21.20 - Estádio

VIDEO
crac filmes

Telefones

4375086/4370931

Telex: 66973 Cracs. P

Avenida General Humberto Delgado,
Lojas 12/13, n.º 3
QUELUZ OCIDENTAL
2745 QUELUZ

Video • TV
Autohifi

BLAUPUNKT
Grupo BOSCH

Um pequeno ponto faz a diferença





PORTE
PAGO

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

DEPÓSITO LEGAL 1426/82

Propriedade, Composição e Impressão: RENASCENÇA GRÁFICA, SA
Administração, Redacção, Publicidade e Serviços Técnicos: RUA LUZ SORIANO, 44 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 3474870 (9 linhas de busca automática)
Serviço de noite (depois das 21): Porteiro: 3474870; Controlo (Produção): 3474871; Redacção: 3474872-3474873;
Produção: 3474874; Montagem: 3474875; Relativa: 3474876; Expedição: 3474877; Manutenção: 3474878;
Endereço: TELEGRÁFICO: DIBO - Telex 12363; Telefax 3487134 LISBOA PORTUGAL
Distribuição: INTERPRESS, Rua do Norte, 115-1 - 1200 LISBOA
TELEFONES: 32 21 00 - 32 22 04 - 32 07 84
Preço do «DL» na Madeira: 75\$00; Açores: 85\$00



Soldado desaparece nas águas do Tejo

Um soldado da Escola Prática de Engenharia de Tancos desapareceu ontem à tarde nas águas do Tejo, perto de Almourol, quando tomava banho com outros militares da mesma unidade, na companhia de um aspirante. Não há indicações acerca da forma como desapareceu nas águas revoltas (naquele sítio) o soldado Jaime Eurico Gonçalves da Costa, cuja naturalidade era esta manhã desconhecida das Relações Públicas do Estado-Maior do Exército.

Sabe-se que o soldado não estava de serviço, que se encontrava em «período de lazer», segundo um responsável das Relações Públicas do EME, acompanhado - como acima se diz - de outros militares.

O Estado-Maior do Exército ordenou a abertura de um processo de averiguações para se apurar em que condições ocorreu o desaparecimento daquele soldado, sem que nenhum dos seus colegas presentes lhe pudesse valer.

As buscas na tentativa de encontrar o corpo do soldado Jaime Eurico Costa, da Escola Prática de Engenharia de Tancos continuavam esta manhã, a cargo dos Bombeiros locais e de especialistas da EPE.

O desaparecimento daquele militar, quando ontem tomava banho no Tejo, ocorreu cerca das 17 horas.

Não é o primeiro caso de desaparecimento de militares no Tejo, naquele local, nos últimos anos. Foi, no entanto, o primeiro caso conhecido - depois do 25 de Abril - de um soldado em tempo de lazer.

CASA DA SORTE

Informação dos números mais premiados na extracção de hoje da LOTARIA NACIONAL:

1.º PRÉMIO
32 672
80 000 CONTOS

2.º PRÉMIO
25 307
12 000 CONTOS

3.º PRÉMIO
9625
3 000 CONTOS

Na 6.ª-feira, dia 8 1.ª Lotaria Especial de

SETEMBRO
70 000 CONTOS

Bilhetes a 7 000\$00 e décimos a 700\$00

Consulte a Lista Oficial e habilite-se para a próxima extracção, aos balcões da CASA DA SORTE em LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL - FARO



Aniversário da CASA VIOLA
Habilite-se nas n/entradas da LOTARIA NACIONAL
e receba (GRÁTIS) entradas do Totoloto

CASA VIOLA
A sorte que «TOCA» há 55 anos

LISBOA - BRAGA - PORTO - AVEIRO - VISEU - COIMBRA - SETÚBAL

Correio: R. Assunção, 67 1100 Lisboa

D/E/C/A/R/A/S/



MARIO VARGAS LLOSA, escritor ex-«militante» de esquerda, é candidato à Presidência do Perú, com a curiosidade - nem sequer novidade - de o seu discurso ter sofrido uma profunda inflexão política. Segundo o conhecido escritor, que conta com 45 por cento de intenções de voto nas sondagens, a origem da grave crise peruana está na política estatizante do regime militar do general Velasco Alvarado, que vigorou entre 1968 e 1975, aprofundada pelo actual Governo do presidente Alan Garcia. As linhas por que se orienta são as do movimento «Libertad», que lidera e foi o resultado de uma reacção visando «impedir a estatização da banca privada». Tal terá obrigado Alan Garcia a modificar essa orientação e Llosa promete que, se chegar ao Poder nas eleições de Abril de 1990, reduzirá a burocracia para criar um sistema moderno que estimule a criação de riqueza. Ou seja, propõe-se «criar uma sociedade liberal e de capitalismo popular», fórmula que não é nova, particularmente para os ouvidos portugueses. Talvez um convite a Vargas Llosa para vir a Portugal conhecer a política de «capitalismo popular» engendrada por Cavaco e Cadilhe lhe permita evitar que os peruanos sofram a mesma desilusão que nós vivemos.

ÚLTIMA HORA

O suicídio de um recluso na cadeia de Setúbal originou «um levantamento sem expressão perfeitamente controlado pelo pessoal», segundo um informador da Direcção-Geral dos Serviços Prisionais. O preso, de 28 anos, encontrava-se a cumprir uma pena de oito meses (pela quinta vez), por furto qualificado. Deixou uma carta explicando aos pais que se encontrava «cansado de sofrer».

Municípios pagam dívidas à EDP

O secretário de Estado da Administração Local e Ordenamento do Território desbloqueou a verba que quarenta Municípios utilizaram para saldar as dívidas que há muito tinham para com a EDP. O acordo foi em tempos estabelecido e agora cumprido, mercê da intervenção de Nunes Liberato.

Nesse sentido, os Municípios em causa não tinham outra alternativa: ou pagavam ou não recebiam compensações do Fundo de Equilíbrio Financeiro (FEF).

O próprio secretário de Estado da Administração Local e do Ordenamento do Território afirmou ontem em comunicado ter dado «descativada a retenção do Fundo de Equilíbrio Financeiro a quarenta Municípios que já chegaram a acordo com a EDP, no âmbito da liquidação das respectivas dívidas».

Alcoutim, Aljustrel, Alentejo, Arouca, Arruado dos Vinhos, Barancos, cartaxo, Chamusca, Elvas, Entroncamento, Estarreja, Felgueiras, Ferreira do Alentejo, Ferreira do Zêzere, Lamego, Mafra, Monção, Moira, Mora, Odemira, Olhão, Paredes, Peniche, Ponte de Lima, Redondo, Reguengos de Monsaraz, Salvaterra de Magos, Santiago do Cacém, Sardoal, Serpa, Sobral do Monte Agraço, Sousel, Valência, Vidigueira, Vila Nova de Poiares, Vila de Rei, Ponte da Barca, Constância, Alcanena, Crato e Almeirim são as autarquias que decidiram pagar as dívidas que tinham para com a EDP decorrentes do fornecimento de electricidade, claro.

O acordo que as autarquias podem estabelecer com a EDP permite-lhes «beneficiar do perdão de juros relativos à respectiva dívida», diz a Secretaria de Estado de Nunes Liberato no comunicado ontem tornado público.